

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MORGANA LINHARES DE ARAÚJO SILVA

**REDE DE COAUTORIA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: um estudo sobre a
temática gênero em periódicos na Ciência da Informação**

JOÃO PESSOA

2024

MORGANA LINHARES DE ARAÚJO SILVA

**REDE DE COAUTORIA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: um estudo sobre a
temática gênero em periódicos na Ciência da Informação**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação

Orientadora: Profa. Dra. Alzira Karla Araújo da Silva

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586r Silva, Morgana Linhares de Araújo.

Rede de coautoria na produção científica : um estudo sobre a temática gênero em periódicos na Ciência da Informação / Morgana Linhares de Araújo Silva. - João Pessoa, 2024.

114 f. : il.

Orientação: Alzira Karla Araújo da Silva.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Coautoria - redes. 2. Produção científica. 3. Ciência da Informação. 4. Gênero - temática. 5. Redes sociais - análise. I. Silva, Alzira Karla Araújo da. II. Título.

UFPB/BC

CDU 001.83(043)

REDE DE COAUTORIA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: um estudo sobre a temática gênero em periódicos na Ciência da Informação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, como em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovado em: 30 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



ALZIRA KARLA ARAUJO DA SILVA
Data: 26/11/2024 13:47:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa.Dra. Alzira Karla Araújo da Silva (PPGCI/UFPB)
Orientadora

Documento assinado digitalmente



GISELE ROCHA CORTES
Data: 27/11/2024 09:08:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gisele Rocha Cortês (PPGCI/UFPB)
Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente



NATANAEL VITOR SOBRAL
Data: 26/11/2024 22:39:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Natanael Vitor Sobral (UFPE)
Examinador Externo

Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza (PPGCI/UFAL)
Examinador Interno Suplente

Prof. Dr. Ronaldo Ferreira de Araújo (PPGCI/UFAL)
Examinador Externo Suplente

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser tão maravilhoso em minha vida e dono dos meus caminhos, meu socorro nas horas mais difíceis, à minha mãe Gildete Linhares, que tanto lutou e luta por minha vida e minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação só foi possível graças ao apoio e à colaboração de diversas pessoas e instituições, às quais expresso minha profunda gratidão.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus familiares, em especial minha mãe Gildete Linhares por toda sua dedicação a minha educação e criação, a ela toda minha gratidão e amor. Ao meu sobrinho Brunno Daniel e aos meus irmãos Antônio Filho, Isaac Silva e Katiuscia Carvalho, meu eterno agradecimento pelo apoio, paciência e amor incondicionais. Vocês foram a base que me sustentou durante os momentos mais desafiadores.

Minha imensa gratidão a Andréa Nóbrega, é difícil até descrever o quão importante você foi nessa jornada. Muito obrigada pelo apoio incondicional, paciência, pelos ouvidos atentos nas horas de lamentação e chateação e pelas palavras de força e incentivo durante todos os momentos e, principalmente, nas horas mais difíceis, ter você ao meu lado foi fundamental pra chegar até aqui.

À minha orientadora, Profa. Dra. Alzira Karla, pela orientação, paciência e dedicação ao longo de todo o processo de pesquisa. Seu conhecimento e suas valiosas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), por todas as discussões, sugestões e incentivos durante os anos de estudo. Agradeço especialmente a Profa. Dra. Gisele Côrtes, presente na banca examinadora, por sua dedicação e ensinamentos desde a graduação em Biblioteconomia, pelo incentivo e por ser motivo de inspiração na temática dessa pesquisa. Ao Prof. Dr. Natanael Sobral, membro da banca examinadora, por suas ricas contribuições na condução deste trabalho, cujas críticas construtivas foram essenciais para aprimorar a qualidade desta dissertação.

Meu agradecimento especial para Rayana Roberta, pelo apoio incondicional, pela parceria desde a graduação em Biblioteconomia, pelas trocas de experiências e paciência durante todos esses anos de academia, sem sua amizade seria difícil seguir em frente. Obrigada por “topar” essas loucuras junto comigo.

Aos colegas de pesquisa, em particular o “subgrupo” dos Fifis e afins (Everton Lima, Caroline Marinho, Tayná Rangel, Priscilla Gomes e Vanessa Ferreira) pelas

discussões enriquecedoras e pelo companheirismo ao longo desta jornada acadêmica. Vocês tornaram, sem dúvida alguma, essa caminhada muito mais leve e divertida.

Gostaria de expressar minha gratidão à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação que forneceram os recursos necessários para a realização desta pesquisa, e a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte financeiro que permitiu a continuidade dos meus estudos.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todos(as) aqueles(as) que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente. Este estudo é resultado do esforço coletivo de todos(as) que acreditaram em mim e me apoiaram ao longo desta trajetória.

Não se pode imaginar que possa, cada um, "construir" o seu conhecimento de modo totalmente pessoal e independente sem vínculo com a comunidade científica e com o saber universal (Werneck, 2006, p. 176).

RESUMO

Examinar a conexão entre a produção científica e seus autores proporciona uma compreensão das características intrínsecas dos participantes de uma rede social na qual estão envolvidos. Isso inclui as pesquisas conduzidas, os elementos que influenciam essas interações, os interesses temáticos das investigações científicas, a ligação entre diferentes instituições e como as áreas se fortalecem e expandem suas colaborações no compartilhamento do conhecimento para o avanço científico. Esse processo é especialmente impulsionado pela interdisciplinaridade inerente à Ciência da Informação. Diante da relação da temática “gênero” nas produções científicas, objetiva mapear os estudos de gênero e suas redes de coautoria na produção científica da Ciência da Informação publicada em periódicos classificados como Qualis A1 e A2. O método de análise de rede social, que se concentra na interconexão de atores e seus relacionamentos, desempenha um papel fundamental na compreensão dessas redes. A pesquisa se caracteriza pelo nível descritivo, proporcionando uma visão geral, de tipo aproximativo da temática na produção científica sobre gênero publicadas nos periódicos TransInformação (A1); Informação & Sociedade: estudos, Encontros Bibli, Informação & Informação, Perspectivas em Ciência da Informação e Em Questão (A2). Foram recuperadas 49 produções a partir do filtro de busca “gênero” presente no título, palavras-chave e/ou resumo e usando como critério temporal os últimos vinte anos (2004-2023). Os resultados foram representados em grafos, por meio da ferramenta Gephi e do editor de planilhas Excel®, além de tabelas e gráficos. Assim, foram mapeados 105 atores, suas formações acadêmicas e vínculos institucionais, além de 148 descritores, formando a rede temática sobre gênero dessas produções. Os periódicos Informação & Informação e Em Questão apresentaram maior número de produções científicas sobre gênero. As palavras-chave mais incidentes sobre o tema foram gênero e organização do conhecimento e os *clusters* se relacionam, em sua maioria, a gênero, ciência da informação, estudos de gênero e gênero feminino. A rede de coautoria apresenta sete subgrupos com diferentes padrões de conectividade. Atores centrais foram identificados como conectores-chave entre diferentes subgrupos e evidenciou-se a formação de *clusters*, baixa densidade na rede e poucas ligações entre os atores. Apresenta Vital, L. P., Lima, I. F. e Viana, A. R. L. com centralidade de aproximação e de intermediação e grau de modularidade. Já com relação ao gênero da autoria, 68% são autoras e 32% são autores, formados, majoritariamente na área de CI e destacando o vínculo institucional na UNESP, USP, UNIRIO, UFSC e IBICT, entre outros, concentrando-se na região Sudeste e Sul e uma baixa densidade de produção nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Contribui para revelar a rede de coautoria sobre gênero e seus atores na Ciência da Informação e sua produção científica, favorecendo relações entre atores e campos científicos e sugere a necessidade de incentivar colaborações.

Palavras-chave: gênero; análise de redes sociais; redes de coautoria; produção científica; Ciência da Informação.

ABSTRACT

Examining the connection between scientific production and its authors provides an understanding of the intrinsic characteristics of the participants in a social network in which they are involved. This includes the research conducted, the elements that influence these interactions, the thematic interests of scientific investigations, the connection between different institutions and how areas strengthen and expand their collaborations in sharing knowledge for scientific advancement. This process is especially driven by the interdisciplinarity inherent to Information Science. Given the relationship of the theme “gender” in scientific production, the aim of this study is to map gender studies and their co-authorship networks in the scientific production of Information Science published in journals classified as Qualis A1 and A2. The social network analysis method, which focuses on the interconnection of actors and their relationships, plays a fundamental role in understanding these networks. The research is characterized by its descriptive level, providing an approximate overview of the theme in the scientific production on gender published in the journals *TransInformação* (A1); *Information & Society: studies*, *Encontros Bibli*, *Informação & Informação*, *Perspectivas em Ciência da Informação* and *Em Questão* (A2). Forty-nine productions were retrieved using the “gender” search filter present in the title, keywords and/or abstract and using the last twenty years (2004-2023) as a time criterion. The results were represented in graphs, using the Gephi tool and the Excel® spreadsheet editor, in addition to tables and graphs. Thus, 105 actors, their academic backgrounds and institutional ties, in addition to 148 descriptors, were mapped, forming the thematic network on gender of these productions. The journals *Informação & Informação* and *Em Questão* presented the highest number of scientific productions on gender. The most frequent keywords on the topic were gender and organization of knowledge, and the clusters are mostly related to gender, information science, gender studies and female gender. The co-authorship network presents seven subgroups with different connectivity patterns. Central actors were identified as key connectors between different subgroups and the formation of clusters, low density in the network and few connections between actors were evidenced. Vital, L. P., Lima, I. F. and Viana, A. R. L. presents centrality of approximation and intermediation and degree of modularity. Regarding the gender of authorship, 68% are female authors and 32% are male authors, mostly trained in the area of IS and highlighting the institutional link with UNESP, USP, UNIRIO, UFSC and IBICT, among others, concentrated in the Southeast and South regions and a low density of production in the Central-West, North and Northeast regions. It contributes to revealing the co-authorship network on gender and its actors in Information Science and its scientific production, favoring relationships between actors and scientific fields and suggests the need to encourage collaborations.

Keywords: gender; social network analysis; co-authorship networks; scientific production; Information Science.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Elementos básicos de uma rede de coautoria.....	29
Figura 2 -	Modelo de matriz adjacente.....	30
Figura 3 -	Cartazes da Anistia.....	35
Figura 4 -	Cartazes da assembleia para eleição da Rede Feminista de Saúde, biênio 2023-2025.....	38
Figura 5 -	Cartilhas informativas do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde.....	39
Figura 6 -	Registro das ativistas da AMB na IV Conferência Mundial das Nações Unidas Sobre as Mulheres em 1995.....	40
Figura 7 -	Mapa da produção científica a partir da temática “Gênero” (2004-2023).....	73
Figura 8 –	Nuvem de palavras-chave relacionadas à temática gênero.....	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Formação acadêmica dos atores da rede de coautoria nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	69
Gráfico 2 -	Vínculo institucional dos atores da rede de coautoria nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	71
Gráfico 3 -	Gênero dos atores da rede de coautoria nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	75

LISTA DE GRAFOS

Grafo 1 -	Rede de coautoria da produção científica sobre a temática gênero nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	59
Grafo 2 -	Interações do subgrupo 1 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	61
Grafo 3 -	Interações do subgrupo 2 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	62
Grafo 4 -	Interações do subgrupo 3 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	63
Grafo 5 -	Interações do subgrupo 4 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	64
Grafo 6 -	Interações do subgrupo 5 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	65
Grafo 7 -	Interações do subgrupo 6 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	66
Grafo 8 -	Interações do subgrupo 7 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	67
Grafo 9 -	Rede temática da produção científica sobre gênero nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	78
Grafo 10 -	Interações da temática gênero nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	83
Grafo 11 -	Interações da temática produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Periódicos Qualis A1 e A2 nacionais da área de Comunicação e Informação na CI (quadriênio 2017-2020).....	47
Quadro 2 - Síntese da metodologia da pesquisa.....	53
Quadro 3 - Relação da produção científica sobre a temática gênero nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	55
Quadro 4 - Relação das palavras-chave sobre a temática gênero na produção científica dos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023).....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARS	Análise de Redes Sociais
AMB	Articulação de Mulheres Brasileiras
BASE	<i>Bielefeld Academic Search Engine</i>
CAPES	Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBPF	Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
CFSS	Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde
CI	Ciência da Informação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DOAJ	<i>Directory of Open Access Journals</i>
EBSCO	<i>Elton Bryson Stephens Company</i>
ECI/UFMG	Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais
EPSI-PB	Espaço Psicanalítico da Paraíba
ERIHPLUS	<i>European reference index for the humanities and social sciences</i>
FAB	Força Aérea Brasileira
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FUMEC	Centro Universitário Fumec
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
ID	<i>Identity / Identidade</i>
IFC	Instituto Federal de Santa Catarina
IFSP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
IP/JBRJ	Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro
ISI	<i>Institute for Scientific Information</i>
JCR	<i>Journal Citation Reports</i>
MFPA	Movimento Feminino pela Anistia
MMM	Marcha Mundial das Mulheres

ONU	Organização das Nações Unidas
PMJP	Prefeitura Municipal de João Pessoa
PPG	Programa de Pós-Graduação
PROPAM	Programa de Recuperação e Desenvolvimento Ambiental da Bacia da Pampulha
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUC-	
UNICAMP	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
REDIB	<i>Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico</i>
RFS	Rede Feminista de Saúde
ROAD	<i>Directory of Open Access Scholarly Resources</i>
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SEE-SP	Secretaria de Educação do Estado de São Paulo
SMCSP	Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo
UBM	União Brasileira de Mulheres
UC3M	Universidad Carlos III de Madrid
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNB	Universidade de Brasília
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
US	Universidade de Santiago
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	REDES DE COAUTORIA E GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	24
2.1	Estudos de gênero.....	33
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	45
3.1	Caracterização da Pesquisa.....	45
3.2	Corpus da Pesquisa.....	46
3.3	Coleta, análise e interpretação dos dados.....	50
4	REDE DE COAUTORIA E A TEMÁTICA GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	54
4.1	Produção científica nos periódicos nacionais.....	54
4.1.1	Caracterização da produção científica.....	58
4.1.1.1	Rede de autoria da temática gênero.....	59
4.1.1.2	Formação acadêmica.....	68
4.1.1.3	Vínculo institucional.....	70
4.1.1.4	Gênero de autoria.....	75
4.1.1.5	Palavras-chave.....	77
4.2	Redes de coautoria e medidas de centralidade e modularidade...	86
4.3	Possíveis relações de coautoria.....	88
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
	REFERÊNCIAS.....	93
	APÊNDICE A – PLANILHA DE COLETA DOS DADOS DA PESQUISA.....	100
	APÊNDICE B - ÍNDICE ONOMÁSTICO DE ATORES DA REDE.....	109
	ANEXO A - TABELA DE ÁREAS DO CONHECIMENTO DA CAPES	113

1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) é uma área do conhecimento que surge a partir da necessidade de compreender o impacto da informação nos processos de comunicação e aprendizagem. Dada sua natureza interdisciplinar, requer que pessoas pesquisadoras possuam conhecimentos de diversas áreas, a fim de compreender os fenômenos informacionais. Sendo assim, a formação de um(a) cientista da informação deve contemplar a aquisição de conhecimentos interdisciplinares, a fim de que possa construir e fortalecer pesquisas e teorias na área.

Com uma extensa diversidade de domínios e oportunidades de pesquisa a Ciência da Informação engloba também essa produção literária refletindo não apenas as práticas institucionalizadas na área, mas também atua como um motor de geração e renovação dos próprios domínios científicos (Bufrem; Alves, 2020).

Além disso, os estudos interdisciplinares na CI promovem maior relevância e aplicabilidade prática. A capacidade de conectar-se a diversas áreas permite aos pesquisadores abordar questões que afetam diretamente a vida cotidiana das pessoas. Essa relevância é fundamental para que a CI cumpra seu papel na sociedade contemporânea, promovendo abordagens inovadoras e a integração de diferentes perspectivas.

A pesquisa científica é uma ferramenta que ajuda a compreender melhor o mundo, podendo ser realizada de diferentes formas, cada qual com seus métodos e perspectivas. Assim, a pesquisa busca não só descrever os fatos, mas também compreender os elementos constituintes e interpretativos dos fatos/dados.

Impulsionada pela busca constante por conhecimento e compreensão, a pesquisa científica e os periódicos científicos atuam como veículos de divulgação essenciais para tal finalidade. Fornecem uma plataforma para acadêmicos, pesquisadores(as) e profissionais compartilharem descobertas e perspectivas, estimulando a troca de informações e o desenvolvimento de novas abordagens. Ao serem avaliados e classificados pelo sistema Qualis da CAPES, esses periódicos passam por uma análise rigorosa que considera critérios como qualidade editorial, relevância temática e impacto na comunidade acadêmica.

Como abordado por Sobral *et al.* (2020), o estrato Qualis da Capes tem como objetivo principal comparar a qualidade dos periódicos científicos e outras formas de produção acadêmica. Essa classificação é essencial para a avaliação dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (PPG), uma vez que reflete a excelência e a relevância das contribuições científicas. É importante ressaltar que a qualidade da produção científica não deve ser avaliada apenas com base em critérios quantitativos, como o número de publicações. Como destacado pelos autores, o estrato Qualis considera aspectos qualitativos, como o impacto e a relevância dos trabalhos publicados. Isso incentiva os(as) pesquisadores(as) a focarem não apenas na quantidade, mas também na excelência de suas contribuições.

A disseminação eficaz do conhecimento por meio de publicações científicas é essencial para que a sociedade se beneficie das descobertas e inovações resultantes da pesquisa.

Além de serem fontes de conhecimento, os periódicos científicos também desempenham um papel na construção do reconhecimento acadêmico e no progresso da carreira dos(as) pesquisadores(as). A publicação em periódicos como aqueles classificados como Qualis A1 e A2, pode aumentar a visibilidade e o reconhecimento das contribuições individuais, auxiliando os(as) autores(as) a estabelecerem sua presença no cenário acadêmico e a colaborar com outros(as) especialistas em suas áreas de interesse.

No contexto da CI, a seleção criteriosa dos periódicos para a composição do corpus de pesquisa é uma etapa fundamental para assegurar a robustez e a representatividade dos resultados obtidos. A categorização em Qualis A1 e A2, com base em critérios de avaliação padronizados, proporciona uma estrutura objetiva para identificar os periódicos científicos mais influentes e respeitados na área. Esses padrões de classificação são fundamentais para direcionar os(as) pesquisadores(as) na escolha das fontes de informação confiáveis e relevantes para suas investigações.

Refletir sobre gênero na CI, com a finalidade de identificar como o campo se apropria e/ou contribui para os estudos relacionados à temática, é consideravelmente relevante para a construção de uma sociedade mais informada e assistida quanto às políticas propostas para minimizar as desigualdades e injustiças sociais.

De acordo com Alves *et al.* (2018, p. 219) “os Estudos de Gênero contribuem no processo de produção, organização, acesso e disseminação de conteúdos informacionais que promovam a subversão das desigualdades [...]”

A relevância social e científica recaem, portanto, no sentido de que entender a importância de estudos voltados às questões de gênero deliberam ações que visam estabelecer mais equidade e práticas de conscientização importantes para a construção de uma sociedade humanamente acolhedora com os grupos excluídos socialmente.

A pesquisa também considera a rede de coautoria, mostrando como os periódicos contribuem para a construção de colaborações acadêmicas. Além disso, a busca por artigos sobre a temática “gênero” destaca o compromisso em evidenciar a constante evolução e adaptação da CI para atender às demandas contemporâneas e buscar contribuir para subverter as desigualdades e relações de poder na ciência.

Marteletto e Tomaél (2005) destacam a relevância das redes de coautoria como um objeto de estudo vital para entender as interações científicas. A temática gênero, sendo um campo interdisciplinar e de crescente importância social e acadêmica, apresenta um terreno fértil para essa análise. Esta justificativa, fundamentada nas contribuições teóricas e metodológicas das autoras, reforça a importância e a relevância da análise de redes de coautoria científica na temática gênero, proporcionando descobertas valiosas para a comunidade acadêmica e para a sociedade em geral.

De acordo com Gomes e Côrtes (2020), a CI tem desempenhado um papel fundamental ao abrir caminhos frutíferos para a compreensão das questões de gênero e oportunizando reflexões que visam ampliar as perspectivas de análise do processo informacional. Nesse contexto, torna-se evidente que os estudos de gênero não são apenas uma questão social, mas também de equidade no mundo da ciência.

Outros aspectos centrais desses estudos são a análise das desigualdades de gênero que permeiam diversas esferas da sociedade, incluindo o ambiente acadêmico e científico. Gomes e Côrtes (2020) também enfatizam a importância de questionar e desconstruir estereótipos de gênero que podem influenciar a forma como as pessoas são percebidas e tratadas socialmente, em especial mulheres.

Somente através de uma análise reflexiva e comprometida com a mudança é possível construir um campo que, verdadeiramente, promova a igualdade e a justiça de gênero, em linha com as aspirações de uma sociedade mais igualitária.

Segundo Medeiros, Hoppen e Vanz (2020, p. 201) “A produção sobre estudos de gênero é interdisciplinar e se relaciona com inúmeras áreas do conhecimento. Desta forma, é importante compreender com quais áreas essa produção se relaciona majoritariamente.”

As redes sociais de coautoria têm se tornado uma área de interesse crescente, principalmente no contexto da colaboração científica. O método de análise de rede social (ARS), que se concentra na interconexão de atores e seus relacionamentos, desempenha um papel fundamental na compreensão dessas redes, uma vez que "As métricas de análise de redes sociais [...] permitem analisar a estrutura e as relações da rede como um todo, subgrupos de atores e atores individualmente dentro da rede" (Bordin; Gonçalves; Todesco, 2014, p. 39).

A partir desse entendimento formula-se a seguinte pergunta que servirá de linha condutora para a pesquisa: **como são estruturadas as redes de coautoria da temática gênero na produção científica da Ciência da Informação?**

Diante da relação temática entre gênero, rede de coautoria e CI proposta neste estudo, tem-se como objetivo geral: **mapear os estudos de gênero e suas redes de coautoria na produção científica da Ciência da Informação publicada em periódicos nacionais, classificados como Qualis A1 e A2 da área de Comunicação e Informação.**

Analisar contextos e relações formadas a partir do interesse pela mesma temática, a partir da investigação como ferramenta recorrente para a compreensão de relações entre diversos fenômenos é fundamental para desenvolver as relações entre os elementos que compõe um todo. Isto pode incluir movimentos, decomposição em partes, conexões e desconexões, dependendo da natureza da pesquisa e dos elementos avaliados.

A análise é um processo profundo e complexo que exige uma abordagem metódica para obter resultados eficazes. Portanto, pode ser usada como uma ferramenta poderosa para compreender relações entre fenômenos, identificar padrões e inferir conclusões (Bufrem; Alves, 2020).

Para responder as questões norteadoras do estudo, bem como ao objetivo geral, têm-se os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar a produção científica sobre a temática gênero nos periódicos nacionais da área de Ciência da Informação (Qualis A1 e A2);
- b) caracterizar a produção científica sobre gênero quanto: a autoria, formação acadêmica, vínculo institucional, gênero da autoria e palavras-chave;
- c) representar as redes de coautoria da produção científica sobre a temática gênero na CI;
- d) evidenciar as medidas de centralidade e modularidade e da rede de coautoria sobre gênero na CI;
- e) demonstrar as possíveis relações de coautoria sobre a temática gênero na CI.

A pesquisa se caracteriza pelo nível descritivo, proporcionando uma visão geral, de tipo aproximativo da temática, que corresponde as nuances da produção científica especificamente das publicações voltadas as questões de gênero e publicadas no campo da CI.

A ampliação do acesso à informação e a crescente interconexão global têm impactado de maneira significativa a produção científica. Como Bufrem *et al.* (2007) sugerem, essa interdependência é evidenciada pela proliferação de colaborações transnacionais e pela disseminação acelerada de ideias. Através dos periódicos científicos, os(as) pesquisadores(as) são capazes de alcançar públicos cada vez mais vastos, cruzando fronteiras geográficas e disciplinares para contribuir para debates globais.

Diante do exposto, a partir dessas abordagens pode-se inferir o processo interdisciplinar de colaboração na temática, com o objetivo de gerar conhecimentos e contribuir para o campo teórico-prático de sujeitos com necessidade informacional nesse campo científico do conhecimento.

A pesquisa traz contribuições para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, enriquecendo o corpo de conhecimento existente, proporcionando uma compreensão detalhada das dinâmicas de colaboração entre pesquisadores(as). Além disso, oferece uma plataforma para futuros estudos na área, incentivando a continuidade das investigações sobre coautoria e gênero, fomentando um ambiente de pesquisa interdisciplinar.

Do ponto de vista social, a pesquisa tem um impacto significativo ao promover a inclusão e a equidade de gênero na ciência. Ao mapear a produção científica sobre gênero, evidencia as contribuições de pesquisadores e pesquisadoras, destacando a importância da diversidade na academia. Essa

visibilidade é essencial para desafiar estereótipos e promover um ambiente de pesquisa mais inclusivo. Além disso, pode informar políticas públicas que visem reduzir as desigualdades de gênero, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa.

A análise da temática gênero na CI revela como essa área tem abordado e contribuído para os estudos de gênero. Ao identificar os principais temas e tendências na pesquisa sobre gênero, a pesquisa oferece um panorama abrangente das preocupações e avanços na área. Isso não só enriquece o debate acadêmico, mas também fornece uma base para intervenções práticas que promovam a igualdade de gênero.

A pesquisa destaca a relevância de incorporar perspectivas de gênero em todas as etapas da produção científica, desde a coleta de dados até a disseminação dos resultados, assegurando que as vozes e as experiências de todas as pessoas sejam adequadamente representadas.

O estudo inserido na linha Ética, Gestão e Políticas de Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB) possibilita, portanto, vislumbrar a relação possível entre estudos de redes com estudos temáticos, a exemplo de gênero, culminando em uma análise pautada em processos que possam alavancar tomadas de decisão, prospecções e cenários e visualizar possíveis agrupamentos, reagrupamentos, interações por interesse comum, proximidade geográfica, afinidade temática, possíveis interações sociais entre atores, grupos de pesquisa, instituições, países, entre outros relacionamentos possíveis de estudo, pesquisa e produção científica.

O estudo está estruturado em cinco capítulos, a saber: O primeiro capítulo é a Introdução que apresenta o contexto da pesquisa, destaca a importância da Ciência da Informação e a necessidade de uma abordagem interdisciplinar. Explica a relevância da análise de redes de coautoria e a temática gênero na produção científica.

O segundo capítulo de título: Redes Sociais e Gênero na Ciência da Informação divide-se em três subseções, sendo: 2.1 Redes Sociais de Coautoria na Ciência da Informação que discute o conceito de redes de coautoria e sua aplicação na Ciência da Informação; 2.2 Produção Científica em Periódicos Nacionais, com uma análise da produção científica em periódicos nacionais, com foco na temática

gênero; e a subseção 2.3 Estudos de Gênero, que aborda a evolução e a relevância da temática na pesquisa científica.

O capítulo três de título: Procedimentos Metodológicos, também está dividido em três subseções, sendo elas: 3.1 Caracterização da Pesquisa na qual descreve a natureza descritiva da pesquisa; a subseção 3.2 Corpus da Pesquisa, que define os critérios de seleção dos artigos analisados; e 3.3 Coleta, Análise e Interpretação dos Dados, que explica as técnicas e as ferramentas utilizadas na coleta e análise dos dados desta pesquisa.

O quarto capítulo intitulado Rede de coautoria e a temática gênero na Ciência da Informação traz as reflexões e os resultados obtidos. Está subdividido em 4.1 Produção científica nos periódicos nacionais; 4.2 Redes de coautoria e medidas de centralidade e modularidade; e 4.3 Possíveis relações de coautoria. Destaca-se a seção 4.1 que caracteriza a rede de coautoria, destacando a formação acadêmica, o vínculo institucional, o gênero de autoria e as palavras-chave.

Por fim, o quinto Considerações Finais, traz as conclusões do estudo de forma resumida, destacando suas implicações para a Ciência da Informação, sobre a temática gênero, no que se refere a rede de coautoria na produção científica. Propõe também algumas direções para pesquisas futuras na área.

Ademais, o estudo apresenta as Referências utilizadas para fundamentar teórica e metodologicamente a pesquisa, além do Apêndice, Anexo e Índice Onomástico dos atores revelados na rede social pesquisada.

2 REDES DE COAUTORIA E GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O conceito de gênero possui múltiplos significados que vão desde a biologia até a gramática. Gênero pode significar "classe cuja extensão se divide em outras classes" ou "qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, ideias, que tenham caracteres comuns" (Ferreira, 2010). Esta definição mostra como os indivíduos dos dois sexos são agrupados por características comuns construídas socialmente e historicamente, femininas para mulheres e masculinas para homens. No entanto, essas características são convencionalmente estabelecidas, refletindo os costumes e as tradições de uma sociedade.

A análise de Guedes (1995) revela como o gênero, como uma categoria pode ser usado para mediar ideologias e reforçar valores estabelecidos pela classe dominante.

Os movimentos feministas desempenharam um papel importante na construção e visibilização do conceito gênero, em articulação com as ativistas teóricas como um elemento constitutivo das relações sociais. Nos anos 1970, 1980 e 1990, a luta pela abertura política no Brasil trouxe reflexões sobre o feminino, impulsionada pela Década da Mulher proclamada pela Organização das Nações Unidas (ONU) (Bandeira; Oliveira, 1990).

Esse cenário resultou em um maior enfoque na participação das mulheres em várias esferas sociais, incluindo partidos, sindicatos e movimentos de comunidades. A busca pela visibilidade e reconhecimento da mulher como um elemento qualitativo e constitutivo das instituições brasileiras foi um marco importante neste contexto.

No entanto, a luta não se restringiu à visibilidade. Houve também a necessidade de entender as construções sociais para o feminino e masculino e as relações de poder na sociedade. Scott (1995) destaca que o gênero deve ser visto como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Isso implica reconhecer que as distinções de gênero são fundamentalmente sociais e não biológicas. A inclusão das mulheres na história e na ciência exige uma redefinição e um alargamento das noções tradicionais de poder e desigualdade.

A noção de gênero na perspectiva de Scott (1995) sugere que o gênero é uma categoria que permite entender como as práticas sociais são construídas e reconstruídas. Essa abordagem reconhece que as relações de gênero são dinâmicas e contextualmente dependentes das construções culturais e sociais.

Compreender o gênero nesta perspectiva implica considerar a dialogicidade entre o "eu" e o "outro" e como essas interações moldam as identidades e as relações de poder na sociedade.

De acordo com Siciliano (2017, p.146) "Gênero é um termo representativo, que está relacionado aos papéis sociais e às expectativas de comportamento atribuídas às pessoas em função de seu sexo biológico." Esse estudo, a partir da produção científica no contexto das questões de gênero, visa compreender a Ciência da Informação em suas dinâmicas interdisciplinares por meio do mapeamento e análise dessa produção.

A temática gênero é um campo complexo e multifacetado, atravessado por construções sociais e históricas que moldam as interações entre homens e mulheres. A investigação aprofundada permite desafiar as noções tradicionais e binárias de masculinidade e feminilidade.¹ Através da lente desses estudos, exploram-se as identidades de gênero e compreende-se melhor como são construídas, vivenciadas e representadas na sociedade.

A qualidade da informação disponível e a capacidade das pessoas em usá-la são fatores-chave. A informação, quando bem elaborada e disponibilizada, se torna o resultado da inovação, gera recursos significativos e desempenha um papel de destaque na facilitação da geração de conhecimento, atendendo à crescente demanda da sociedade por informações (Espírito Santo, 2008).

Nesse prisma, a pesquisa tem o poder de reconstruir significativamente a realidade, pois possibilita a reflexão e a compreensão de fenômenos complexos. Além disso, os resultados obtidos podem ser compartilhados, permitindo que outras pessoas tenham acesso às informações e se beneficiem dos resultados, trazendo novas informações e perspectivas para o entendimento da realidade (Bufrem; Alves, 2020).

A CI, definida por conceitos e relações interdisciplinares, é favorecida também pela formação de pesquisadores versáteis quanto às temáticas abordadas na área, fato este que lhe garante uma notável amplitude nos assuntos investigados. Afinal,

Consolidada como um processo cumulativo, produzida de forma sistemática, a ciência tem como pressuposto o respeito aos rigores do método científico, obediência aos fenômenos, princípios, teorias,

¹ De acordo com Milani (2017) "As oposições binárias figuram como verdadeiras sementes no processo de desconstrução, principalmente ao realçarmos que cada binário representa uma relação hierárquica entre um conceito dominante e um dominado".

leis, os quais, por sua vez, se transformam em novos fenômenos, teorias, princípios etc. Contudo, essa acumulação não é estática porque o conhecimento é dinâmico e cada saber produzido representa um novo nível de significação, embora parcial, por ser a ciência temporal, relativa e inovadora (Autran, 2014, p. 31).

Corroborando com o exposto, Araújo (2018, p. 37) ressalta que “o movimento interdisciplinar da ciência da informação é fazer dialogar, dentro dela, as contribuições das diferentes áreas de conhecimento.” LeCoadic (2004) afirma que a interdisciplinaridade viabiliza a colaboração para uma possível solução de problemas que cruzam as fronteiras históricas das disciplinas tradicionais.

De acordo com Mantovani (2021, p. 32):

Com o passar dos anos, o evoluir da sociedade científica e o constante progresso da Ciência da Informação e dos problemas que esta se propõe a resolver, a necessidade de busca em outras áreas do conhecimento também se altera. [...]. Portanto, a alteração das áreas que possuem relações interdisciplinares com a Ciência da Informação se dá em função da própria variação de interesses dentro da mesma.

Uma das áreas que tem ganhado destaque nos estudos interdisciplinares é a de redes sociais. Isso se deve ao fato de que a colaboração no âmbito científico favorece o compartilhamento e a geração de conhecimentos através da comunicação de atores perpassando por temáticas e contextos similares ou heterogêneos.

Essa rede propõe um encadeamento de informações e produções relevantes para o processo de construção da ciência. Os estudos de redes sociais permitem análises temáticas, ressaltando aqui os estudos sobre gênero.

O interesse em estudos interdisciplinares têm se fortalecido. A troca de informações é um dos principais motores da criação de novos conhecimentos, pois, estimula o aprendizado individual, grupal e coletivo e aprimora as capacidades organizacionais de inovação.

A importância das redes sociais é inestimável, pois permitem conectar com outras pessoas, trocar ideias e compartilhar experiências e ajudam a manter um senso de comunidade e pertencimento.

Para Silva (2014, p. 29) “a rede é um fenômeno que sempre existiu e que envolve sujeitos coletivos com afinidades e interesses comuns, na troca de experiências, informações e sentidos de forma coletiva.”

A temática das redes sociais de coautoria se insere no universo dos estudos de redes sociais, abrangendo diversos campos de pesquisa. Surge também como uma alternativa de evidenciar a produção científica na CI a partir dos estudos de redes sociais. De acordo com Silva (2012, p. 22):

As redes sociais surgem nessa Sociedade da Informação e do Conhecimento como uma alternativa para agregar grupos, integrar competências e aperfeiçoar o uso de recursos de natureza diversa, em espaços múltiplos, contextos diversos, e sem a barreira geográfica e econômica.

A crescente atenção por parte da comunidade científica e de profissionais reflete o interesse em compreender como os atores colaboram e interagem, contribuindo para a configuração dessas redes.

As unidades de análise utilizadas beneficiam-se das ferramentas conceituais e metodológicas disponíveis, que possibilitam a análise não apenas dos elementos estruturais, mas também da dinâmica relacional dos atores envolvidos. Isso implica em uma abordagem que vai além da análise isolada de indivíduos ou da consideração de estruturas sociais como entidades independentes.

Como enfatizado por Ribeiro e Bastos (2011), a investigação de redes de relações entre atores, sejam eles indivíduos ou entidades coletivas, assim como a identificação de posições ocupadas e a compreensão dos fluxos de informação que transitam nessas redes, representam pilares fundamentais na análise de inúmeros fenômenos.

No contexto específico das redes sociais de coautoria, o foco recai sobre a colaboração entre indivíduos ou grupos na produção acadêmica e científica. Com o advento das tecnologias digitais e plataformas de compartilhamento de conhecimento, a coautoria assumiu novas dimensões, facilitando a conexão entre pesquisadores de diferentes partes do mundo.

O estabelecimento de parcerias de coautoria possibilita a troca de competências, enriquecendo os trabalhos com perspectivas diversas e experiências complementares. A interconexão entre os atores nesses arranjos colaborativos não só acelera o processo de pesquisa e desenvolvimento, mas também amplifica os impactos das descobertas.

As redes sociais de coautoria representam um campo de estudo e prática que se insere no amplo cenário das redes sociais. A análise dessas redes vai além da

mera identificação de conexões, explorando também as dinâmicas relacionais entre os atores envolvidos.

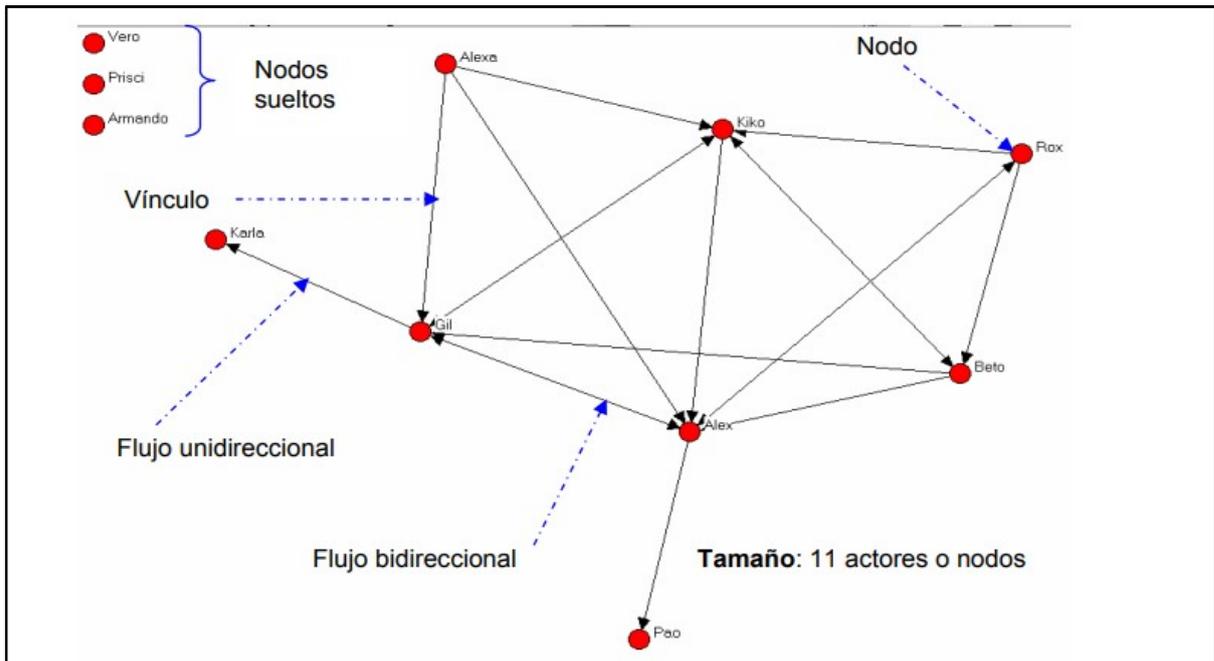
De acordo com Alejandro e Norman (2005), uma rede, seja ela de coautoria ou de outra natureza, é composta por nós, vínculos e fluxos. Os nós, representados por indivíduos ou grupos, são os participantes que convergem em torno de um objetivo específico. No contexto das redes sociais de coautoria, esses nós podem ser autores, pesquisadores ou profissionais de diversas áreas, buscando unir suas competências para produzir conteúdos.

Ainda sobre a composição da rede os autores conceituam os vínculos nesse contexto como conexões estabelecidas entre os participantes da rede. Em uma rede de coautoria, esses laços representam colaborações diretas entre autores, indicando que estão envolvidos na criação conjunta de trabalhos acadêmicos, artigos científicos ou projetos criativos. Esses vínculos são representados por linhas, que ilustram as conexões reais entre os membros da rede.

A dinâmica dos fluxos nas redes sociais de coautoria é fundamental para compreender como o conhecimento flui entre os participantes. Esses fluxos podem ser unidirecionais, quando um(a) autor(a) contribui para o trabalho de outro(a) sem uma reciprocidade imediata, ou bidirecionais, quando a colaboração é mútua e ocorre uma troca contínua de ideias e informações. Esses fluxos representam a direção do compartilhamento e influenciam a natureza da colaboração na rede (Alejandro; Norman, 2005).

Na Figura 1, Alejandro e Norman (2005, p. 3) exemplificam a estruturação de uma rede de amigos onde cada um, representado por um círculo vermelho, constitui um nó.

Figura 1 – Elementos básicos de uma rede de coautoria



Fonte: Alejandro e Norman (2005, p.3)

Na relação onde Gil afirma ser amigo de Karla, mas Karla não afirma ser amiga de Gil tem-se um fluxo direcionado ou unidirecional. Estes fluxos são representados por uma seta indicando a direção nesta relação. Identifica-se também na rede os fluxos mútuos ou bidirecionais, como no caso em que Kiko se refere a Beto como seu amigo e vice-versa. É possível perceber a existência de nós isolados, que não possui nenhum tipo de fluxo ou relação. Diz-se que estes nós estão soltos dentro da rede.

Ao descrever essas colaborações em termos das relações que estabelecem, em vez de se ater apenas aos atributos individuais, essa abordagem reconhece a centralidade das relações em si, uma vez que a importância das relações é tão relevante quanto os próprios atores que as compõem. Essa perspectiva destaca como as interconexões entre os membros de uma rede podem moldar não apenas suas próprias posições, mas também a dinâmica coletiva da comunidade em questão.

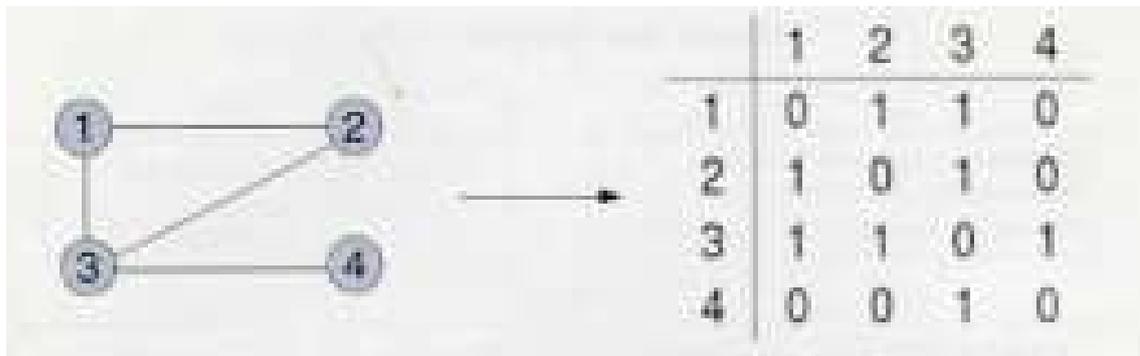
Na análise dessas redes, é fundamental observar e utilizar certos parâmetros para obter resultados e estudos mais detalhados, como a matriz adjacente mencionada por Aguilar *et al.* (2017). No estudo os autores destacam a importância dessas matrizes como ferramentas fundamentais para representar e analisar as estruturas de rede. As matrizes adjacentes são tabelas que descrevem as conexões

entre os nós (atores) em uma rede, cuja presença ou ausência de uma conexão entre dois nós é indicada.

Essas matrizes são essenciais para a compreensão da tipologia de redes sociais, pois permitem a identificação de padrões de conexão, como centralidade, coesão e agrupamento. A análise dessas matrizes pode revelar tanto a força das relações quanto a posição relativa dos atores dentro da rede. Por exemplo, a presença de laços fortes e fracos entre os nós pode indicar a intensidade das relações, enquanto buracos estruturais podem apontar para oportunidades de intermediação.

Aguilar *et al.* (2017) argumentam que a visualização dessas matrizes em forma de grafos facilita a interpretação dos dados, permitindo uma compreensão mais intuitiva das relações complexas que as matrizes numéricas podem ocultar. O modelo de matriz pode ser visualizado na Figura 2.

Figura 2 – Modelo de matriz adjacente



Fonte: Adaptado de Wilson (1985 *apud* Aguilar *et al.*, 2017)

Além disso, a análise de redes sociais tem o potencial de influenciar a tomada de decisões e a formulação de políticas. Ao identificar os principais influenciadores dentro de uma rede e as relações que moldam o fluxo de informações, é possível desenvolver estratégias mais eficazes de comunicação e disseminação de informações. Isso é especialmente relevante no contexto das redes sociais de colaboração, cuja troca de conhecimento e ideias se sobressaem no avanço das áreas de pesquisa e desenvolvimento.

Segundo Silva (2014, p. 36), “A Análise de Redes Sociais (ARS) é uma metodologia de análise do conjunto de relações estabelecidas entre indivíduos em

movimento de interação. [...] A análise de redes permite reconhecer a estrutura social.”

De acordo com Recuero (2017, p. 16):

Podemos usar análise de redes sociais hoje para estudar diversos fenômenos. Notadamente, a ARS tem sido usada [...] para compreender fenômenos associados à estrutura das redes sociais, [...]. Desse modo, essa abordagem é interessante, por exemplo, para analisar comportamentos de [...] atores sobre um evento ou tópico, bem como a influência desses atores nos processos de comunicação sobre esse tópico.

Um aspecto relevante da análise de redes sociais de coautoria é sua capacidade de revelar colaborações inesperadas e potenciais parcerias. É possível também identificar não apenas a intensidade da colaboração, mas a estrutura subjacente que conecta pesquisadores(as).

Muitas vezes, pesquisadores(as) de diferentes áreas podem encontrar áreas de convergência em seus interesses e habilidades, facilitando o surgimento de colaborações interdisciplinares. Esse fenômeno é especialmente relevante em um mundo cada vez mais interconectado, cujas abordagens multidisciplinares são essenciais para enfrentar desafios complexos.

O universo informacional do século XXI propicia uma busca incessante pelo aprimoramento de meios de aquisição de novos conhecimentos, disponibilidade e facilidade de acesso a informações relevantes sobre diversas temáticas importantes para a sociedade.

Diante deste cenário a produção científica desempenha um papel fundamental na construção de ponte entre a sociedade e o conhecimento. Isso se torna possível a partir da organização, gerenciamento e modelos eficazes de comunicação científica por meio da produção intelectual, entre os quais se têm os periódicos científicos.

De acordo com Dorsa (2018, p.1):

A produção científica é, no âmbito brasileiro e internacional, a forma mais eficaz de transmissão de conhecimentos, descobertas e teorias, com o objetivo de garantir o desenvolvimento de uma região/país, quebrar paradigmas e melhorar a qualidade de vida. E é somente por meio da divulgação e popularização desse novo conhecimento que haverá uma contribuição no desenvolvimento humano e social. Desse modo, é observado assim o inegável papel da ciência para dar existência e materialidade a objetos e teorias jamais utilizadas anteriormente e que hoje se encontram em nosso cotidiano.

A trajetória histórica da produção científica revela sua evolução de mero instrumento de promoção individual para um meio de fomentar a colaboração e o avanço coletivo. Conforme observado por Bufrem *et al.* (2007), essa produção transcende seu papel tradicional e desempenha uma função vital na promoção e fortalecimento da interação entre os atores envolvidos no processo de conhecimento. Nesse sentido, sua relevância social se torna evidente, influenciando de forma marcante o ritmo e a amplitude da produção do saber.

A busca por informações sobre fontes confiáveis é intrínseca ao trabalho acadêmico, permitindo aos(as) pesquisadores(as) situar suas investigações dentro de contextos relevantes e identificar lacunas a serem preenchidas. Dessa maneira, a análise da produção científica transcende a simples busca por referências e se converte em uma abordagem estratégica para o progresso do conhecimento.

No contexto da produção científica e da pós-graduação, Sobral *et al.* (2020, p. 5) enfatizam que “o Qualis é um fator indutor da produção de conhecimento no Brasil, influenciando na escolha dos periódicos a submeterem-se artigos e interferindo no desempenho dos PPG em processos avaliativos.”

Em um cenário de constante evolução tecnológica, a produção científica também se adapta para utilizar novas ferramentas. A disponibilidade de recursos multimídia, conjuntos de dados on-line e simulações computacionais enriquece a forma como os resultados podem ser apresentados. Isso não apenas facilita a comunicação com públicos mais amplos, mas promove uma compreensão profunda das pesquisas empreendidas (Laurindo; Silva, 2023).

Como evidenciado por Bufrem *et al.* (2007), essa tendência se justifica pela necessidade iminente dos(as) pesquisadores(as) em compreender as fontes de informação disponíveis em suas respectivas áreas, bem como os canais para disseminação de suas contribuições. Através dessa exploração, os(as) acadêmicos(as) não apenas estabelecem domínio sobre a literatura pertinente como contribuem para o fortalecimento do ciclo de criação, organização e difusão do saber.

Nesse contexto “A produção de conhecimento científico é uma prática social e, como tal, se encontra fundamentada nas condições sociais, políticas, econômicas e culturais em que se inscreve” (Souza, 2015, p. 19).

Para Autran (2014, p. 25) “O surgimento da publicação periódica não só facilitou a comunicação entre intelectuais que possuíam interesses comuns, mas

também disseminou os frutos do saber para um público maior e, eventualmente, até mesmo para uma audiência leiga.”

Destaca-se a importância do estudo dessa temática na seara dos periódicos da área de CI, pois tem como objetivo a construção do conhecimento e o compartilhamento de informação, proporcionando organização, acesso e disseminação de dados e informações, visto que uma grande parte da sociedade ainda sofre com a ausência de acesso a informações relevantes, mais especificamente no contexto da temática gênero.

Além do aspecto acadêmico, os periódicos científicos também têm um impacto social mais amplo. Eles contribuem para a construção do conhecimento coletivo, promove a troca de ideias e a colaboração entre pesquisadores(as) de diferentes regiões e culturas.

É importante destacar que a relevância dos periódicos científicos não está isenta de desafios. A manutenção de padrões éticos e de qualidade é uma preocupação constante para garantir que a pesquisa publicada seja confiável e significativa.

Em síntese, a produção científica fomenta ideias e descobertas são comunicadas, testadas, refinadas e, por fim, incorporadas ao entendimento coletivo. Ao seguir princípios de comunicação eficaz, colaboração interdisciplinar e acessibilidade, desempenha um papel indispensável na construção de um futuro mais informativo à sociedade.

2.1 Estudos de gênero

Os estudos de gênero têm suas raízes no movimento feminista, que adotou o termo para descrever as dinâmicas sociais entre os sexos. Inicialmente, o enfoque recaiu sobre as regras formais que regiam essas relações, muitas das quais eram derivadas das distinções binárias entre masculino e feminino. Contudo, essa abordagem limitada não abarcava as nuances mais amplas do gênero, especialmente quando se considera a presença de uma terceira categoria presente em diversos idiomas indoeuropeus: o sexo indefinido ou neutro. A existência desse terceiro gênero desafiou a ideia de que gênero é um mero sinônimo de sexo, e apontou para a complexidade das identidades de gênero (Bufrem; Nascimento, 2012).

O feminismo se diferencia de outros movimentos por questionar criticamente os papéis de gênero que, ao longo da história, foram impostos às mulheres. Esse movimento luta pela representação e defesa dos interesses das mulheres de forma independente, com uma perspectiva que abrange não apenas o âmbito social, mas também as esferas política, econômica e institucional, cujas construções de gênero e as desigualdades são continuamente reforçadas e desafiadas (Alves; Alves, 2013).

Na década de 1960, o movimento feminista trouxe o conceito de gênero para os estudos acadêmicos, especialmente em países de língua inglesa. Essa abordagem, conforme explica Louro (2008), começou a ganhar força no Brasil nos anos 1980, introduzindo uma análise que rejeita respostas essencialistas e binárias de gênero.

Segundo Louro (2008), a teoria feminista influenciada por pós-estruturalistas como Foucault e Derrida enfatiza que as identidades de gênero são processos fluidos, constantemente reconstruídos nas interações sociais. A autora também alerta para a necessidade de desconstruir a oposição binária entre masculino e feminino, demonstrando que as identidades são múltiplas e articuladas por outros marcadores sociais, como raça e classe, evidenciando a complexidade das desigualdades sociais.

Dentre os movimentos feministas no Brasil que contribuíram para o surgimento e disseminação do termo "gênero" incluem uma variedade de organizações e iniciativas, dentre as quais:

O **Movimento de Mulheres pela Anistia (MFPA)** surgiu durante a ditadura militar (1964-1985) e lutou pela libertação de presos políticos e pela anistia de exilados. Esse movimento também abordou questões de direitos das mulheres, contribuindo para a conscientização e a mobilização feminista (MFPA, 2024).

A atuação de Therezinha Zerbini, assistente social, advogada e ativista de direitos humanos, brasileira, falecida em 2015 aos 87 anos, também incluiu a produção intelectual e a comunicação estratégica. Ao participar da redação de periódicos e documentos, ela ajudou a construir a narrativa e a agenda do movimento, garantindo que as demandas e os ideais do MFPA fossem claramente articulados e amplamente divulgados. Esta capacidade de comunicação foi vital para atrair apoio e manter a coesão do movimento em um período de intensa repressão política (Duarte, 2019).

A liderança de Zerbini no MFPA exemplifica a interseção entre ativismo político e feminismo. Sua trajetória demonstra como a luta pela anistia esteve profundamente conectada à luta pelos direitos das mulheres. A presença feminina no movimento não só trouxe novas perspectivas e energias para a causa da anistia, mas também ajudou a inserir questões de gênero na pauta das lutas sociais e políticas do período (MFPA,2024).

A participação ativa das mulheres no MFPA contribuiu para ampliar o debate sobre direitos humanos, incluindo a igualdade de gênero e a justiça social. A Figura 3 ilustra alguns cartazes e a presença das mulheres na anistia.

Figura 3 – Cartazes da anistia



Fonte: Memorial anistia (2024)

A **União Brasileira de Mulheres (UBM)**, fundada em 1988, trabalhou em diversas frentes para promover a igualdade de gênero, incluindo campanhas contra a violência doméstica e a discriminação no mercado de trabalho. Trouxe, o bordão de luta: “Feminismo Liberta: por um mundo de igualdade contra toda opressão”. Dentre alguns exemplos dessas lutas a partir do Estatuto da UBM, estão (UBM,2024):

- **Combate à Violência Doméstica:** A UBM tem sido uma voz ativa na luta contra a violência doméstica. A organização promove campanhas de conscientização e apoio às vítimas, além de pressionar por políticas públicas

eficazes para proteger as mulheres. Um exemplo significativo é a participação na implementação e divulgação da Lei Maria da Penha, sancionada em 2006, que visa combater a violência doméstica e familiar contra a mulher;

- **Direitos Reprodutivos e Sexuais:** A UBM defende os direitos reprodutivos e sexuais das mulheres, lutando pelo acesso a serviços de saúde de qualidade e pela autonomia das mulheres sobre seus corpos. A organização tem promovido campanhas pela legalização do aborto e pela disseminação de informações sobre métodos contraceptivos e saúde sexual;
- **Igualdade no Mercado de Trabalho:** A UBM trabalha para promover a igualdade de gênero no mercado de trabalho, lutando contra a discriminação salarial e defendendo políticas que garantam oportunidades iguais para mulheres e homens. A organização também apoia a criação de creches e outros serviços que permitam às mulheres conciliar trabalho e família;
- **Participação Política das Mulheres:** A UBM incentiva a participação das mulheres na política, promovendo a formação de lideranças femininas e defendendo cotas de gênero em partidos políticos e cargos eletivos. A organização acredita que a representação feminina é significativa para a criação de políticas públicas que atendam às necessidades das mulheres;
- **Educação para a Igualdade de Gênero:** A UBM desenvolve projetos educativos que visam desconstruir estereótipos de gênero e promover a igualdade desde a infância. A organização realiza palestras, *workshops* e atividades em escolas e comunidades para sensibilizar a sociedade sobre a importância da igualdade de gênero.

A **Rede Feminista de Saúde (RFS)** foi criada na década de 1990 e tem como objetivo defender os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, influenciando políticas de saúde pública e educação sexual. A linha do tempo da Rede destaca diversas ações e conquistas ao longo dos anos (RFS, 2024):

- **Década de 1980:** A Rede Feminista de Saúde foi fundada no contexto de redemocratização do Brasil, com o objetivo de defender a saúde das mulheres como um direito humano. Nesse período, a organização concentrou-se na promoção de debates e ações sobre os direitos reprodutivos, a saúde sexual e a necessidade de políticas públicas voltadas para as mulheres;

- Década de 1990: Durante essa década, a Rede intensificou suas atividades, realizando conferências e campanhas para promover a igualdade de gênero na saúde. A organização também começou a participar ativamente de fóruns internacionais, como as conferências da ONU, para colocar as questões de saúde das mulheres na agenda global;
- Anos 2000: A Rede Feminista de Saúde consolidou-se como uma referência na luta pelos direitos sexuais e reprodutivos no Brasil. Entre suas principais ações, destacam-se as campanhas de prevenção à mortalidade materna e ao HIV/AIDS, além de iniciativas para a legalização do aborto seguro. A organização também trabalhou na capacitação de profissionais de saúde para atenderem melhor as necessidades das mulheres;
- Anos 2010: Nesta década, a Rede continuou a expandir suas atividades, promovendo a participação das mulheres em políticas de saúde e fortalecendo a articulação com outros movimentos sociais. A organização também se empenhou em combater a violência obstétrica e a promover o parto humanizado, buscando assegurar que os direitos das mulheres fossem respeitados nos serviços de saúde;
- Anos 2020: A Rede Feminista de Saúde mantém seu compromisso com a promoção dos direitos das mulheres, enfrentando novos desafios e adaptando-se às mudanças sociais e políticas. A organização continua a lutar por políticas públicas que garantam a saúde integral das mulheres, a combater a violência de gênero e a promover a equidade no acesso aos serviços de saúde.

A trajetória da Rede Feminista de Saúde reflete um compromisso contínuo com a defesa dos direitos das mulheres. Suas ações têm sido fundamentais para garantir que a saúde das mulheres seja tratada como uma prioridade e um direito inalienável. A Figura 4 retrata uma assembleia para eleição da Rede no biênio 2023-2025.

Figura 4 – Cartazes da assembleia para eleição da Rede Feminista de Saúde, biênio 2023-2025



Fonte: Rede Feminista de Saúde (2024)

O **Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde (CFSS)**, fundado em 1991 em São Paulo, trabalha na promoção da saúde sexual e reprodutiva das mulheres, além de lutar contra a violência de gênero. A história do Coletivo está marcada por uma série de lutas e conquistas que refletem seu compromisso com a promoção dos direitos das mulheres e a igualdade de gênero (CFSS, 2024).

O CFSS foi fundado por um grupo de mulheres preocupadas com a falta de atenção adequada à saúde sexual e reprodutiva das mulheres no sistema de saúde pública. Desde o início, a organização teve como objetivo fornecer serviços de saúde de qualidade, informar e educar mulheres sobre seus direitos e promover mudanças nas políticas públicas para garantir a saúde e os direitos das mulheres (CFSS, 2024).

Uma das principais lutas do Coletivo é a promoção do direito ao aborto seguro e legal. A organização tem sido uma voz ativa na campanha pela legalização do aborto no Brasil, realizando atividades de sensibilização e advocacia para influenciar a opinião pública e os legisladores. Além disso, o Coletivo desenvolve programas de atendimento à saúde sexual e reprodutiva, incluindo serviços de planejamento familiar, prevenção e tratamento de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), e aconselhamento em casos de violência sexual. A abordagem do Coletivo é centrada

no respeito e na autonomia das mulheres, garantindo que recebam atendimento humanizado e informado (CFSS, 2024).

Nos tempos recentes, o Coletivo continua a enfrentar desafios significativos, especialmente em um contexto de retrocessos políticos e sociais em relação aos direitos das mulheres no Brasil. No entanto, a organização permanece firme em sua missão de defender a saúde integral das mulheres. A Figura 5 representa cartilhas informativas do Coletivo.

Figura 5 – Cartilhas informativas do Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde



Fonte: Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde (2024)

A **Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB)** foi fundada em 1994, e consistem em uma rede de organizações feministas que trabalham em conjunto para promover políticas públicas que beneficiem as mulheres. A AMB tem sido fundamental na promoção de debates sobre gênero e políticas inclusivas (AMB, 2024).

Feministas de 14 estados brasileiros se reuniram no Rio de Janeiro para discutir e coordenar sua participação na IV Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as Mulheres, que ocorreria em Beijing, China no ano de 1995. Esse evento não só uniu diferentes grupos feministas de todo o país, mas também fortaleceu a coesão e a capacidade de articulação desses grupos em um cenário internacional. A

conferência de Beijing foi um marco para o movimento feminista global, ocasião em que foram discutidas e promovidas importantes agendas para os direitos das mulheres (AMB, 2024).

A colaboração entre feministas de diferentes regiões e contextos sociais no Brasil mostrou-se essencial para amplificar suas vozes e influenciar as políticas públicas de maneira mais eficaz. Esta articulação também facilitou a troca de experiências e estratégias, fortalecendo a luta contra a discriminação e a violência de gênero. A Figura 6 destaca ativistas da IBM na Conferência em 1995.

Figura 6 – Registro das ativistas da AMB na IV Conferência Mundial das Nações Unidas Sobre as Mulheres em 1995



Fonte: AMB (2024)

A **Marcha Mundial das Mulheres (MMM)** é uma articulação internacional, mas tem uma forte presença no Brasil desde o início dos anos 2000. Foca em uma ampla gama de questões, desde direitos reprodutivos até justiça econômica e combate à violência de gênero (MMM, 2024).

No Brasil, a MMM se estabeleceu como uma força significativa na luta pelos direitos das mulheres e na promoção da justiça social. Organiza ações e campanhas que visam sensibilizar a sociedade para questões de gênero e promover a igualdade de direitos. O movimento é conhecido por suas marchas e eventos públicos que

mobilizam milhares de mulheres em todo o país, defendendo uma agenda de direitos humanos, justiça econômica, e sustentabilidade ambiental (MMM, 2024).

Esses movimentos e organizações feministas ainda enfrentam muitos dos mesmos desafios, como a violência de gênero, a desigualdade salarial e a sub-representação política. Diante desse cenário constante, esses movimentos foram e continuam sendo fundamentais para a introdução e consolidação do conceito de gênero nas discussões sociais e acadêmicas no Brasil. Eles promovem uma sociedade mais participativa e equânime, lutando contra a discriminação e a violência de gênero e influenciando políticas públicas em favor das mulheres.

Diante deste cenário de lutas e representatividade das questões sobre gênero, a introdução do conceito de gênero foi fundamental para enfatizar a dimensão relacional das definições normativas de feminilidade e masculinidades, quebrando a noção de que mulheres e homens eram entidades separadas e independentes. O uso do termo "gênero" permitiu uma abordagem mais abrangente no estudo das questões de gênero (Scott, 1995).

As pesquisadoras feministas argumentaram que compreender a importância dos grupos de gênero ao longo da história era essencial para desvendar os papéis e simbolismos sexuais em diferentes sociedades e períodos. Isso possibilitou a análise do significado desses papéis e como eles desenvolveram para manter ou modificar a ordem social. Além disso, destacaram-se a importância de que a pesquisa sobre as mulheres não apenas introduzia novos temas, mas também desafiaria as premissas e critérios existentes no trabalho científico (Scott, 1995).

A inclusão de mulheres na história implicaria uma redefinição do que era considerado historicamente relevante, incorporando tanto as experiências pessoais e subjetivas quanto as atividades públicas e políticas. Assim, a noção de gênero tornou-se uma categoria de análise fulcral para uma nova abordagem histórica (Scott, 1995).

Historicamente, a sociedade estabeleceu um padrão patriarcal que segregou as esferas doméstica e pública, atribuindo à mulher o papel de cuidadora do lar e dos filhos, enquanto reservava ao homem o espaço público e profissional.

Essa dicotomia de gênero, segundo Adichie (2017), é reforçada desde a infância, com os pais inconscientemente e algumas vezes conscientemente transmitindo diferentes expectativas e normas para meninos e meninas. Enquanto as meninas são frequentemente criadas com mais restrições e menos espaço para

explorar sua liberdade, os meninos são encorajados a terem uma maior autonomia, especialmente em questões relacionadas à sexualidade. Essa disparidade na socialização desde cedo contribui para a perpetuação de desigualdades de gênero ao longo da vida.

O gênero emergiu como uma ferramenta poderosa para analisar e compreender as dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam a experiência humana ao longo do tempo.

A partir do conceito de gênero é possível compreendermos as dinâmicas sociais que envolvem homens e mulheres em uma sociedade. Como ressaltado por Louro (1997), não são as características sexuais em si que definem o que é feminino ou masculino, mas sim a maneira como elas são representadas e valorizadas, juntamente com as ideias que se desenvolvem em torno delas. Isso significa que o gênero não é uma simples consequência da biologia, mas uma construção social que varia de acordo com o contexto histórico e cultural.

Para Louro (2008) a compreensão do gênero é um processo em constante evolução, que vai além da mera atribuição de um rótulo baseado no sexo biológico. É uma construção social, mas também cultural e pessoal que reflete a complexidade e a diversidade da experiência humana, e que continua a ser explorada e redefinida ao longo da vida.

Ao adotar essa perspectiva, se pode compreender que as normas de gênero não são fixas, mas sim fluidas e moldadas pela sociedade. Em diferentes épocas e lugares, as concepções sobre o que é definido para homens e mulheres podem variar significativamente. Isso evidencia a importância de analisar não apenas os sexos, mas também as construções sociais em torno deles para entender como as identidades de gênero se formam e se transformam.

O debate sobre gênero convida a compensar as relações de poder e as desigualdades de gênero que permeiam a sociedade. Ao questionar as normas de gênero e as expectativas associadas a cada sexo, se pode identificar e reforçar as estruturas que perpetuam a discriminação e a opressão baseada no gênero. No entanto, é importante destacar que as discussões sobre gênero frequentemente encontram resistência e oposição, especialmente em contextos onde as normas tradicionais de gênero são fortemente arraigadas. É fundamental superar essas resistências por meio da educação e do diálogo, buscando promover uma compreensão mais ampla e inclusiva das identidades de gênero e suas variações.

É importante considerar que a compreensão e a representação dos gêneros são altamente influenciadas pela cultura e pela sociedade. Isso significa que as definições de masculinidade e feminilidade não são universais e podem variar, beneficiando de uma cultura para outra. Portanto, a construção do gênero é uma aparência culturalmente contextualizada, moldada por normas, valores e expectativas sociais específicas de cada sociedade.

A questão de gênero não se limita entre masculino e feminino. Nos tempos atuais, cada vez mais se confirma a existência de uma diversidade além do binarismo tradicional. Essas identidades não conformes com o gênero tradicional desafiam as normas condicionais e reforçam a ideia de que a construção do gênero é uma experiência pessoal e única para cada indivíduo.

A noção de gênero como uma construção social e cultural trouxe à tona a importância dos "modos de olhar a realidade da vida" (Bufrem; Nascimento, 2012, p. 201). Ela lembra que as normas de gênero moldam os comportamentos e a percepção do mundo. A desconstrução dessas normas engessadas é fundamental para promover a igualdade de gênero e permitir que cada indivíduo viva de acordo com sua identidade autêntica, independentemente das expectativas tradicionais.

Essa transformação contínua convida a repensar e remodelar as estruturas sociais para que sejam igualitárias e respeitadas diante da diversidade de gênero. Essa compreensão é primordial para criar ambientes inclusivos onde as identidades de gênero possam ser reconhecidas e aceitas.

Ao examinar as estruturas sociais e as relações de poder sob a perspectiva de gênero, faz-se capaz de identificar as desigualdades arraigadas e trabalhar para sua eliminação. Isso envolve questionar as disparidades salariais, a representação desigual em posições de liderança e as normas que perpetuam estereótipos de gênero prejudiciais.

Como enfatizado por Bufrem e Nascimento (2012, p. 201), "as características de gênero apresentam variações na história" e isso reflete a crescente percepção de que essas identidades são fluidas e construídas socialmente. O aumento dos estudos de gênero abriu espaço para discussões sobre a interseccionalidade², reconhecendo que as experiências de gênero estão

² Nos primeiros anos do século XXI, o termo "interseccionalidade" passou a ser amplamente adotado. Collins e Bilge (2020) destacam que "A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de

entrelaçadas com outras dimensões da identidade, como raça, classe social e orientação sexual.

Além das colaborações já explicitadas sobre os estudos voltados as questões de gênero é ainda cabível entender que, com uma compreensão mais profunda das complexas interações entre gênero, cultura e sociedade, os(as) legisladores(as) podem implementar medidas que abordem de maneira mais efetiva as necessidades e os desafios enfrentados por diferentes grupos e a partir daí levar a pauta também para o cenário político no qual ocorrem as discussões e a elaboração de leis específicas para minimizar as problemáticas persistentes.

Ao abraçar essa abordagem e continuar a investir em pesquisa e educação sobre gênero, trabalha-se em direção a um mundo onde as identidades de gênero sejam respeitadas e celebradas.

Dentre as temáticas e da ampla capacidade de interação entre diversas áreas do conhecimento que a CI consegue tratar, encontram-se as discussões voltadas para as questões de gênero.

De acordo com Sicilliano (2017, p.145), “o domínio “gênero” perpassa, atualmente, várias esferas de discussão na sociedade. Isso acontece, pois na medida em que novas reflexões sobre gênero são consideradas, a necessidade de novos e mais profundos debates se torna evidente.” Sendo assim, com base na autora, não se pode desconsiderar a sua relevância, inclusive para a CI.

Analisar as relações e temáticas congruentes ao cenário histórico e atual inerente as questões de gênero é fundamental no que tange à construção e/ou formulação de novas políticas e avanços no combate a desvalorização do gênero feminino no âmbito social.

Este estudo propõe um meio de promover acesso e disseminação de informações relevantes e cientificamente apreciáveis para o processo de enfrentamento e luta contra a desigualdade e vulnerabilidade social que a mulher se encontra na sociedade. Trazer a temática de gênero para o campo da Ciência da Informação possibilita ampliação do conhecimento e desenvolvimento de políticas e ações a partir das informações oriundas das pesquisas e produções da área.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa evidencia a temática “gênero” como destaque no levantamento dos dados e utiliza como procedimentos de coleta indicadores quantitativos para caracterizar a produção científica sobre os estudos de gênero, analisando os parâmetros dessa produção a partir da sua identificação, caracterização e representação.

O mapeamento das redes de colaboração e da produção científica possibilita, assim, a compreensão e avaliação por meio do delineamento qualitativo de particularidades e desenvolvimento da temática.

Para realizar o estudo, caracteriza-se a pesquisa, seu corpus e os procedimentos de coleta, análise e interpretação dos dados.

3.1 Caracterização da Pesquisa

Para alcançar o objetivo desta pesquisa foi proposto um estudo descritivo capaz de examinar o tema "gênero" e como tem sido abordado na produção científica da área de Ciência da Informação, verificando a frequência com que o tema tem sido explorado, os(as) autores(as) mais produtivos e suas relações sociais interdependentes.

Os estudos descritivos desempenham um papel fundamental na pesquisa científica, permitindo aprofundar a compreensão de uma realidade específica por meio da coleta, organização e análise sistemática de dados. Eles fornecem elementos para a descrição de fenômenos e a identificação de relações entre variáveis, contribuindo para o avanço do conhecimento em diversas áreas.

Para Bufrem e Alves (2020, p. 59) “Quando se pretende expor características de uma população, um universo ou uma realidade, com a intenção de melhor conhecer seus aspectos ou variáveis e identificar relações entre eles, pode-se recorrer a um estudo descritivo”. Ao realizar uma pesquisa descritiva, os(as) pesquisadores(as) têm a oportunidade de documentar as características essenciais de um conhecimento, fornecendo uma base sólida para estudos futuros.

A pesquisa caracteriza-se como documental para extração de dados dos(as) pesquisadores(as) a partir de levantamento nas produções científicas de periódicos e no Currículo Lattes dos(as) autores(as), compilando as produções e formando

grafos de coautoria. A partir do Lattes levantaram-se as produções científicas, as redes de coautoria, os eixos temáticos e os vínculos institucionais, usando como critério temporal os últimos vinte anos (2004-2023) de produção científica dos(as) pesquisadores(as) mapeados na área da CI.

Foi utilizado o Microsoft Excel®, para organizar os dados obtidos na produção científica. Com relação às redes, a ferramenta Gephi auxiliou para entrada e manipulação dos dados e visualização do mapa da rede, que serviu para a análise das relações estabelecidas entre as variáveis.

3.2 Corpus da Pesquisa

A classificação das Áreas do Conhecimento (Anexo A) tem finalidade eminentemente prática. Ela visa oferecer às instituições de ensino, pesquisa, extensão e inovação uma maneira eficiente de organizar e transmitir informações sobre projetos de pesquisa e recursos humanos aos órgãos gestores da ciência e tecnologia. Essa sistematização não apenas facilita a gestão e o acompanhamento de iniciativas científicas, mas também promove a padronização e a comparabilidade entre diferentes campos de estudo (CAPES, 2024).

A estruturação das Áreas do Conhecimento segue uma hierarquia em quatro níveis, que vai do mais geral ao mais específico. No primeiro nível, encontram-se as Grandes Áreas, que agrupam diversas áreas do conhecimento com base na afinidade entre seus objetos de estudo, métodos e instrumentos. Essa aglomeração reflete também os contextos sociopolíticos nos quais essas áreas estão inseridas, destacando a inter-relação entre o conhecimento científico e o ambiente em que ele é produzido. É neste nível que se encontra a grande área das Ciências Sociais Aplicadas (CAPES, 2024).

No segundo nível, têm-se as Áreas do Conhecimento, também chamadas de Áreas Básicas. Estas representam conjuntos de conhecimentos inter-relacionados, que foram coletivamente construídos e organizados de acordo com a natureza dos objetos de investigação, servindo como base para o desenvolvimento de novas subáreas e especialidades. Neste nível encontra-se a área de Comunicação e Informação (CAPES, 2024).

O terceiro nível, as Subáreas, surge da segmentação das Áreas do Conhecimento. Essas subáreas são definidas com base no objeto de estudo

específico e procedimentos metodológicos reconhecidos e amplamente utilizados naquele campo. Elas permitem uma maior especialização e aprofundamento no estudo de temas específicos (CAPES, 2024). Neste nível encontra-se a CI na qual se baseia esta pesquisa.

Por fim, o quarto nível é composto pelas Especialidades, que se caracterizam por temas específicos de pesquisa e ensino. Uma particularidade das Especialidades é sua capacidade de se encaixar em diferentes Grandes Áreas, Áreas Básicas e Subáreas, refletindo a interdisciplinaridade e a complexidade da ciência contemporânea. Neste nível localiza-se as especialidades: Teoria da informação; Teoria geral da informação; Processos da comunicação; Representação da informação; Biblioteconomia; Teoria da classificação; Métodos quantitativos, bibliometria; Técnicas de recuperação de informação; Processos de disseminação da informação; Arquivologia e Organização de arquivos (CAPES, 2024).

A pesquisa utilizou a extração de dados para selecionar os registros da produção de artigos de periódicos e o Qualis CAPES de periódicos nacionais da área Comunicação e Informação A1 e A2, consoante ao quadriênio 2017-2020.

Conforme disponibilizado na Plataforma Sucupira, a área totaliza 6 periódicos com Qualis A1 e A2, conforme o Quadro 1.

Quadro 1 – Periódicos Qualis A1 e A2 nacionais da área de Comunicação e Informação na CI (quadriênio 2017-2020)

PERIÓDICO	VÍNCULO INSTITUCIONAL	QUALIS (2017-2020)
TransInformação	Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)	A1
Informação & Sociedade: estudos	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	A2
Encontros Bibi	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	
Informação & Informação	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	
Perspectivas em Ciência da Informação	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	
Em Questão	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	

Fonte: Plataforma Sucupira (2023)

O levantamento apresentou um periódico classificado como Qualis A1, TransInformação, e outros cinco como Qualis A2, Informação & Sociedade: estudos,

Encontros Bibli, Informação & Informação, Perspectivas em Ciência da Informação e Em Questão.

Esta pesquisa utilizou a avaliação do sistema Qualis por sua relevância e controle da qualidade da produção científica dos periódicos avaliados pelo sistema, que tem como objetivo classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos e aferindo a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção (Brasil, 2023). Ressaltando, de certo modo, uma limitação do estudo, pois ao longo dos 20 anos de produção científica levantada nesta pesquisa, os periódicos não possuíam estes Qualis, inclusive, eram outros os componentes dos Qualis A1 e A2, evidenciando a dinâmica e a mobilidade dos periódicos nesta qualificação.

O periódico "TransInformação" iniciou sua trajetória em 1989 e é gerido pelo Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-UNICAMP). Desde 2019 adota a modalidade de publicação contínua. Atualmente suas publicações ocorrem, exclusivamente, em formato digital e o acesso se dá por meio de indexadores como a plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Directory of Open Access Journals* (DOAJ), *Scopus*, *Clarivate*, *Latindex*, *Clase* (México, UNAM), *Directory of Open Access Scholarly Resources* (ROAD) e *Redalyc.org*. A diversidade de contribuições é notável, proporcionando uma gama abrangente de conhecimentos à comunidade acadêmica (Transinformação, 2023).

O periódico "Informação & Sociedade: estudos", que mantém suas publicações desde 1991 pela Universidade Federal da Paraíba, está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação desta universidade. Com periodicidade trimestral está publicado no Portal de Periódicos da UFPB, além das bases *Clase*, *Infobila*, *Latindex*, *Lisa*, *Web of Science*, *OAister* e *Scopus*. Abarca produções nacionais e internacionais e figura entre os três periódicos da área de Ciência da Informação do Brasil presentes no *Journal Citation Reports* (JCR Web) do *Institute for Scientific Information* (ISI Web of Knowledge) (Informação & Sociedade [...], 2023).

O periódico "Encontros Bibli", vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, teve início em 1996. Abrange uma ampla gama de tópicos relacionados à Ciência da Informação. Sua presença em indexadores como *Web of Science*, *Scopus*, *Clarivate*, *Redalyc*, *Latindex*, *DOAJ*, *Scielo*, *Google Scholar* e

RedIberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico (REDIB) atesta sua visibilidade e o impacto na comunidade acadêmica e profissional. A publicação de pesquisas científicas, ensaios teóricos e estudos de caso reforça seu compromisso com a divulgação de conhecimento relevante (Encontros Bibli, 2023).

Já o periódico "Informação & Informação", criado em 1996, desde 2003, optou por disponibilizar seus conteúdos, exclusivamente, no formato eletrônico. É indexado e divulgado por *Google Scholar*, *Libraries Search*, *European Reference Index for the Humanities and Social Sciences* (ERIHPLUS), *DOAJ*, *Latindex*, *REDIB*, *Clase*, *WorldCat* e *Miar*. Essa transição ressalta a capacidade adaptativa dos periódicos científicos diante das transformações digitais, tornando mais acessível e ágil o acesso às pesquisas por parte de leitores(as) e pesquisadores(as) (Informação & Informação, 2023).

O periódico "Perspectivas em Ciência da Informação", ligada à Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), também desempenha um papel fundamental na área. Com uma trajetória que remonta a 1996, abrange uma variedade de temas e formatos de publicações como artigos científicos, relatos de pesquisas, estudos teóricos, revisões de literatura, textos didáticos, relatos de experiências, traduções e resenhas. É indexada e divulgada por *Base Peri*, *Bielefeld Academic Search Engine* (BASE), Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), Rede Cariniana, *DOAJ*, *Google Scholar*, *EBSCO Essentials*, *Journal Citation Reports* (JCR Web), *Latindex*, *ProQuest*, Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos Aberto (Oasisbr), *Bases Bibliographiques Pascal et Francis*, Periódicos Capes, Periódicos de Minas, Periódicos UFMG, *Scielo*, *Scopus* e *Web of Science*. Sua associação com a ECI/UFMG a coloca no centro da produção científica e intelectual da região, reforçando a relevância na área (Perspectivas [...], 2023).

Da mesma forma, o periódico "Em Questão", da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem contribuído para a disseminação do conhecimento na Ciência da Informação desde 2003. Indexada pela *Scielo*, sua disponibilização eletrônica em acesso aberto e sua abordagem de fluxo contínuo garantem que o conhecimento seja amplamente acessível e atualizado. Sua associação com a UFRGS e seu enfoque em contribuições originais consolida sua posição como uma fonte confiável de informações na área de CI (Em Questão, 2023).

Em síntese, os periódicos científicos, especialmente aqueles selecionados com base em critérios rigorosos como os do Qualis CAPES, desempenham um papel significativo na disseminação do conhecimento, no avanço da pesquisa e na promoção do diálogo entre os membros da comunidade acadêmica. Ao proporcionar um espaço para publicação e troca de ideias, contribuem significativamente para o progresso e a construção de informações confiáveis e relevantes.

3.3 Coleta, análise e interpretação dos dados

A coleta dos dados se desenvolveu em dois momentos: 1º) pesquisa documental e exploratória e 2º) pesquisa descritiva.

No primeiro momento, a pesquisa documental utilizou a Plataforma Sucupira para coletar os dados sobre os periódicos de Ciência da Informação com Qualis A1 e A2 da área de Comunicação e Informação, valendo-se também, quando necessário, de buscar informações nos *sites* desses periódicos e identificar os(as) autores(as) dos artigos publicados a partir dos filtros de busca sobre a temática gênero.

No segundo momento, a pesquisa descritiva apresentou as variáveis: autores(as), formação acadêmica, vínculo institucional, gênero e palavras-chave, definidas na pesquisa, resultando na identificação das redes sociais de coautoria. Para tanto, partiu da identificação e organização dos dados referentes aos(as) autores(as) em planilha Excel® e na ferramenta Gephi com o objetivo de representar a rede de coautoria, partindo das seguintes etapas de coleta:

- Etapa 1: Identificação dos periódicos Qualis A1 e A2 na área de Ciência da Informação a partir da Plataforma Sucupira;
- Etapa 2: Caracterização da pesquisa quanto às variáveis formação acadêmica, vínculo institucional, gênero da coautoria e palavras-chave, a partir da utilização de planilhas Excel®;
- Etapa 3: Identificação das redes de coautoria, a partir do cotejo das variáveis coletadas na Etapa 2;
- Etapa 4: Representação das redes de coautoria sobre gênero a partir da utilização da ferramenta Gephi para construção de grafos.

Para estudar a rede de coautoria sobre gênero sustentou-se a metodologia na Análise de Redes Sociais (ARS) que, conforme evidenciado por Sousa (2007), é

uma abordagem que se inicia com a estruturação da informação, empregando métodos quantitativos para representar os padrões e estruturas estabelecidas nas redes.

Esses métodos oferecem uma visão quantitativa das relações presentes na rede, permitindo uma análise qualitativa mais aprofundada. Ao empregar métodos de análise de rede é possível oferecer uma compreensão sobre os padrões de relacionamento, facilitando a interpretação das relações sociais e o entendimento das características do grupo investigado, seja ele um grupo de temáticas que interagem ou um grupo de pesquisadores(as) que se relacionam em uma determinada rede social.

Para realizar uma análise de rede temática, é comum utilizar técnicas de mineração de texto, análise de concorrência de termos, construção de grafos e algoritmos de clusterização. Essas ferramentas permitem identificar os termos mais frequentes e relevantes dentro do conjunto de dados, bem como as relações entre eles. Com base nessa análise, é possível construir grafos ou mapas de rede que representam visualmente as interações entre os diferentes elementos, facilitando a interpretação e compreensão dos padrões presentes na área de estudo.

Destarte, a aplicação da análise de redes temáticas envolve a utilização de técnicas tanto quantitativas quanto qualitativas. Esse modelo de abordagem híbrida é fundamental para capturar a complexidade das redes temáticas, permitindo que os(as) pesquisadores(as) compreendam tanto as grandes tendências quanto os detalhes específicos que influenciam a dinâmica da produção científica.

Diante do exposto, e considerando a metodologia de ARS, foram definidas as medidas de: centralidade (centralidade de aproximação e centralidade de intermediação) e modularidade. Essa definição justifica-se, pois, a partir delas é possível analisar fatores relacionados à grupabilidade de forma mais evidente.

O grau de **centralidade** como proposta para análise da rede que, segundo Bordin, Gonçalves e Todesco (2014, p. 41) “[...] indica o total de autores da rede que publicaram em parceria com um determinado autor”.

Para Souza, Barbastefano e Lima (2012, p. 672):

Embora o grau de centralidade de um vértice indique o número de conexões de um ator, trata-se de uma medida de caráter eminentemente local. Em uma determinada rede vários atores podem possuir o mesmo grau de centralidade mas, ao se observar a posição relativa dos mesmos, alguns podem deter uma centralidade global mais evidente que outros. Assim é interessante que a

centralidade de grau de um vértice seja avaliada juntamente com outras medidas de centralidade.

Inserido nesse contexto a **centralidade de aproximação**, segundo Souza, Barbastefano e Lima (2012, p. 672), “[...] pode indicar uma maior possibilidade de estabelecer parcerias de publicação na rede por estar mais próximo em relação a todos os outros autores”. Já **centralidade de intermediação**, de acordo com Souza, Barbastefano e Lima (2012, p. 672) “[...] atribui importância a um ator em função do fluxo que passa por ele para interligar outros dois atores da rede, através do menor caminho possível”.

Outra medida de análise de rede social utilizada foi a **modularidade** que, para Recuero (2017, p. 41) “[...] é uma métrica de grupabilidade, ou seja, está relacionada à tendência de determinados nós se conectarem entre si.”

Recuero (2017, p.41) também destaca que em termos de análise de redes sociais “a modularidade é uma métrica que auxilia na identificação de subgrupos de atores dentro de um grande grupo. Com isso, podemos observar grupos cujas conexões são mais frequentes entre si do que com o restante da rede.”

Essas escolhas metodológicas e etapas da pesquisa, associadas aos métodos e projeções de resultados esperados estão representados no Quadro 2 para melhor sintetizar a metodologia adotada na pesquisa.

A partir da metodologia adotada os resultados da pesquisa respondem à questão problema e aos objetivos propostos. Para tanto, o capítulo dos Resultados apresenta as medidas de centralidade e modularidade da rede de coautoria da produção científica sobre gênero na produção científica dos periódicos TransInformação (Qualis A1); e Informação & Sociedade: estudos, Encontros Bibli, Informação & Informação, Perspectivas em Ciência da Informação e Em Questão (Qualis A2), no período de 2004 a 2023. Assim, revela a dinâmica dessa rede social na Ciência da Informação.

Quadro 2 – Síntese da metodologia da pesquisa

OBJETIVOS	ETAPAS	MÉTODOS	RESULTADOS
Identificar a produção científica sobre a temática gênero nos periódicos nacionais da área de Ciência da Informação (Qualis A1 e A2).	Pesquisa documental e exploratória na Plataforma Sucupira e nos sites dos periódicos, Qualis A1 e A2 na área de Ciência da Informação.	Levantamento dos periódicos com foco nas publicações sobre a temática “Gênero” na área de Ciência da Informação e análise documental e descritiva dos(as) autores(as) e suas produções científicas.	Compilação de um banco de dados com as produções científicas sobre gênero, publicadas nos periódicos A1 e A2 na área da Ciência de Informação.
Caracterizar a produção científica sobre gênero quanto autoria, formação acadêmica, vínculo institucional, gênero da coautoria e palavras-chave.	Caracterização da pesquisa quanto às variáveis e análise documental e descritiva dos(as) autores(as) e suas produções científicas.	Compilação de dados em planilhas Excel® e análise das variáveis coletadas.	Análise descritiva e representações gráficas das características dos(as) autores(as), suas formações, vínculos institucionais e temática de suas publicações.
Representar as redes de coautoria da produção científica sobre a temática gênero na CI.	Identificação das redes de coautoria, a partir do cotejo das variáveis coletadas.	Utilização da ferramenta Gephi para a construção de grafos de coautoria.	Desenvolvimento de grafos que representam visualmente as redes de coautoria na temática gênero.
Evidenciar as medidas de centralidade e modularidade da rede de coautoria sobre gênero na CI.	Identificação das medidas de análise de redes sociais.	Análise de rede social (medidas de centralidade e modularidade).	Desenvolvimento de grafos que representam visualmente as redes e as medidas de ARS.
Demonstrar as possíveis relações de coautoria sobre a temática gênero na CI.	Representação das redes de colaboração científica a partir da utilização da ferramenta Gephi.	Visualização das relações de coautoria e análise de centralidade e modularidade nas redes de coautoria.	Identificação dos(as) autores(as) mais centrais e dos subgrupos da rede, proporcionando novas percepções sobre as dinâmicas de coautoria na temática gênero.

Fonte: Dados da Pesquisa (2024)

4 REDE DE COAUTORIA E A TEMÁTICA GÊNERO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Além de veículos de divulgação do conhecimento, os periódicos científicos também exercem um papel no estabelecimento de redes acadêmicas. A análise desses estudos revela a quantidade de produção científica, a qualidade e a profundidade das pesquisas realizadas.

Cada periódico possui seu perfil editorial, o que confere uma identidade própria à temática abordada. A escolha de um periódico específico para submissão de um artigo não apenas reflete a pertinência da temática, mas também a adequação ao público-alvo e aos padrões de qualidade daquela publicação.

Conforme salientado por Dorsa (2018), a seleção do canal comunicativo apropriado desempenha um papel fundamental nesse processo, sustentando uma conexão importante entre os cientistas e a sociedade em geral. A partir desses canais é possível também desenvolver vínculos nesse contexto referindo-se às conexões estabelecidas entre os participantes dessa comunidade, formando a rede científica.

Em uma rede, esses laços representam colaborações diretas entre os(as) autores(as), indicando que estão envolvidos na criação conjunta de trabalhos acadêmicos, artigos científicos ou projetos criativos.

Considerando esse preâmbulo, o capítulo dos resultados apresenta a rede social de coautoria na temática gênero na CI, destacando:

- a) produção científica nos periódicos nacionais (Qualis A1 e A2);
- b) caracterização da produção científica (autoria, formação acadêmica, vínculo institucional, gênero da autoria e palavras-chave);
- c) redes de coautoria e medidas de centralidade e modularidade;
- d) possíveis relações de coautoria.

4.1 Produção científica nos periódicos nacionais

A partir do levantamento da rede de coautoria, o Quadro 3 apresenta a produção científica nos periódicos da área de Ciência da Informação no Brasil e que se destacaram a partir da temática gênero propostas neste estudo. Os dados completos da produção científica encontram-se no Apêndice A.

Tem-se, portanto, um panorama das produções realizadas no percurso temporal pesquisado e identifica os(as) autores(as) e as redes sociais dessas produções.

Quadro 3 – Relação da produção científica sobre a temática gênero nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)

PERIÓDICOS	TÍTULOS DAS PRODUÇÕES	ANO	QTD.
INFORMAÇÃO E INFORMAÇÃO	Os termos relativos ao segmento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) no contexto das Linguagens Documentárias	2004	22
	Conceitos de Indexação sobre o Gênero Feminino em Jogo de Cena	2014	
	A representação do domínio “gênero” no âmbito das linguagens documentárias: um mapeamento conceitual em instrumentos terminológicos	2017	
	A transexualidade na literatura científica das ciências da saúde	2017	
	Aspectos machistas na organização do conhecimento: a representação da mulher em instrumentos documentários	2017	
	PARTE I - Dossiê organização do conhecimento & gênero - Apresentação: dos colóquios de organização do conhecimento ao dossiê organização do conhecimento & gênero	2017	
	Percurso investigativo para contextualização de metáforas relativas à gênero e sexualidade em linguagens documentais	2017	
	Sobre o que falamos quando falamos em gênero na ciência da informação?	2017	
	Visibilidade social de indivíduos transgênero e sistemas de organização do conhecimento	2017	
	A análise bibliométrica da produção científica docente por gênero nas universidades federais no interior do Brasil	2020	
	Qual será o futuro do gênero humano?	2020	
	Representação terminológica da população negra em tesouros	2020	
	Epistemologia e gênero: um estudo das publicações no grupo de trabalho 1 do ENANCIB	2021	
	Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações	2021	
	Diretrizes para websites de turismo LGBTQ com base nos elementos da arquitetura da informação	2021	
Memória, patrimônio e dissonâncias: ferramentas conceituais e epistemológicas para uma mudança de paradigmas	2021		
Práticas de ensino críticas de competência em informação, mídias e tecnologias digitais e a desconstrução de estereótipos de gênero	2021		

	Estudos de gêneros para a organização do conhecimento no campo da arquivologia	2022	17
	Informação e memória como forma de resistência: análise a partir de coletivos feministas	2022	
	Práticas informacionais de pessoas transexuais na (re)invenção de si	2022	
	A produção das mulheres na Ciência da Informação a partir de uma análise baseada em mineração de dados descritiva	2023	
	Discentes na ciência	2023	
EM QUESTÃO	Corporeidade Discursiva na Imprensa Feminina: um estudo de editoriais	2006	
	O Casamento e a TPM: novos tempos, novos sentidos	2006	
	Os estudos de gênero na Ciência da Informação	2009	
	A Cobertura da violência contra as mulheres nos jornais de Cabo Verde	2012	
	A publicidade que evoluiu com as mulheres? Um estudo de recepção sobre as representações de gênero	2012	
	A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação	2013	
	Os Anais da Academia Brasileira de Ciências e a pesquisa científica no Brasil: estudo exploratório com base no índice-h	2015	
	Produção e colaboração científica em Organização e Representação do Conhecimento: análise bibliométrica do GT2 do ENANCIB no período de 2009 a 2014	2016	
	Em nome da moral e dos bons costumes: censura a livros com temática de gênero no Brasil do século XXI	2018	
	Adesão da elite brasileira de pesquisadores aos periódicos de acesso aberto: a relação com gênero, região geográfica e grande área do conhecimento	2020	
	Caracterizando o processo de doutoramento no Brasil ao longo dos anos: período de formação, sexo e produção acadêmica	2020	
	Discurso LGBTfóbico no ciberespaço do sertão pernambucano: discriminação e resistência	2020	
	Mulheres não podem falar de ciência? Análise de comentários sexistas em vídeo do canal Nerdologia	2020	
	Mídias sociais, violência contra mulheres e informação: prospecção do campo à luz das humanidades digitais	2021	
	Mulheres com deficiência na docência brasileira	2022	
Informação e empoderamento feminino no Instagram estudo a partir de coletivos feministas	2023		
Mulheres nas ciências, engenharia e tecnologia	2023		

PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	A leitora e sua relação com o jornal Estado de Minas	2009	5
	As cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o que querem informar os assinantes do jornal Estado de Minas	2014	
	Apontamentos sobre a participação feminina na pesquisa no campo da saúde a partir do acervo de obras raras da Biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz	2016	
	Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em um curso majoritariamente feminino	2018	
	Competência em informação às pessoas transgênero: conjecturando diálogos insurgentes frente ao CISTema	2022	
INFORMAÇÃO & SOCIEDADE: ESTUDOS	Homens e Mulheres “Aceitam” de Maneira Diferente? Impacto do Gênero no Modelo (Expandido) de Aceitação da Tecnologia - TAM	2011	3
	Sistema Atende Mulher: Sistema de Informação no Centro de Referência da Mulher Ednalva Bezerra	2014	
	Homossexualidade masculina nos prontuários do Sanatório Pinel, 1920-1940: um estudo de compreensão dos dispositivos de controle social	2020	
TRANSINFORMAÇÃO	O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero.	2022	2
	Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia.	2022	
ENCONTROS BIBLI	-	-	0

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os resultados revelaram que, os periódicos Informação & Informação (22) e Em Questão (17) reúnem o maior número de produção científica sobre gênero no período pesquisado. Em sequência, mas com uma quantidade menor, têm-se Perspectivas em Ciência da Informação (5), Informação & Sociedade: Estudos (3) e TransInformação (2). O periódico Encontros Bibli não teve nenhuma produção nesta temática, embora o período pesquisado tenha sido de 2004 a 2023.

Os resultados sobre a produção científica na temática gênero nos periódicos pesquisados indicam que Informação e Informação possui 22 produções, sendo a maioria (7) no ano de 2017, seguido do ano de 2021 (5). Por outro lado, obteve

baixa produção na temática nos anos de 2020 (3) e 2022 (3). Nos de 2023 (2) e 2004 (1) e 2014 (1) essa presença continuar diminuindo.

O período Em Questão possui 17 produções científicas, sendo 2020 o ano com maior número de produções (4,). Já os anos de 2006, 2012 e 2023 obtiveram 2 produções em cada ano e em 2009, 2013, 2015, 2016, 2018, 2021 e 2022 apenas 1 produção cada.

O periódico Perspectivas em Ciência da Informação possui 5 produções científicas sobre gênero, com uma regularidade no quantitativo, registrando em 2009, 2014, 2016, 2018 e 2022 apenas 1 produção por ano.

Informação & Sociedade: estudos, possui 3 produções científicas distribuídas nos anos de 2011, 2014 e 2020, sendo 1 produção a cada ano.

Por fim, o periódico TransInformação teve apenas 2 produções registradas em 2022 e o periódico Encontros Bibli não obteve registro de produções no recorte temporal pesquisado.

Destaca-se que a publicação dessa produção científica compartilha novas descobertas e avanços em pesquisa e introduz técnicas e métodos analíticos que podem ser aplicados em outras áreas científicas e temáticas. Sua divulgação acelera a compreensão do panorama de pesquisa nessa temática entre pesquisadores(as) da área.

Para Ramalho, Paiva e Pinheiro (2019, p. 181) “Toda produção científica precisa ser comunicada para que possa ser avaliada e reconhecida por seus pares, pois é por meio da disseminação do conhecimento registrado que se realimenta o ciclo de geração do conhecimento.” A partir dessas produções é possível conhecer novos campos de pesquisas e possibilidades de estudos métricos.

Diante do exposto, destaca-se que os resultados oferecem uma visão das pesquisas que contribuem para a divulgação do conhecimento sobre o tema. Mapear a rede de coautoria esse cenário é fortalece a compreensão dessa estrutura social, cujos indivíduos e atores sociais estão inseridos. Portanto, favorece a compreensão do comportamento informacional pautado em interesses comuns, afinidades, vínculos relacionais, centralidades, proximidades, entre outros aspectos que podem influenciar o comportamento em rede.

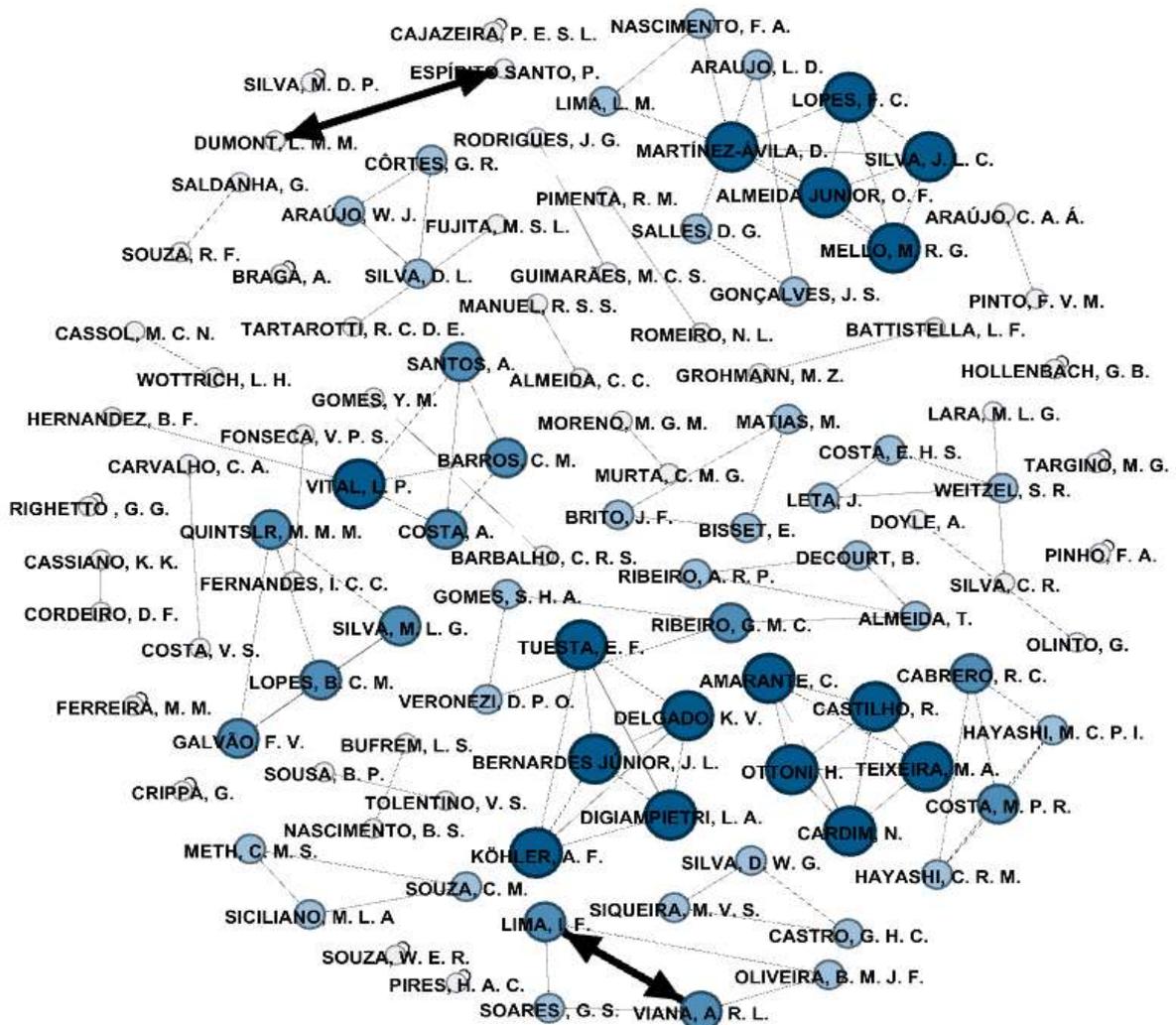
4.1.1 Caracterização da produção científica

Para caracterizar a produção científica na temática gênero, o estudo se pauta na identificação da rede de autoria e sua formação acadêmica, vínculo institucional, gênero de autoria e palavras-chave.

4.1.1.1 Rede de autoria da temática gênero

O Grafo 1 oferece uma representação visual da rede de coautoria encontrada na produção científica sobre a temática gênero estudada. Permite uma análise mais clara e abrangente das relações entre atores estabelecidas no campo gênero na CI. Identificam-se padrões de coautoria e destacam-se atores mais influentes na área.

Grafo 1 – Rede de coautoria da produção científica sobre a temática gênero nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

O Grafo 1 ilustra a rede de coautoria científica entre diversos atores, conectados por meio de suas publicações sobre a temática gênero. Cada nó representa um ator, e as linhas (arestas) conectando esses nós indicam as coautorias, ou seja, publicações feitas em parceria. A análise dessa rede revela diversos aspectos importantes sobre a dinâmica de coautoria no contexto científico.

Observou-se que os nós variam de tamanho, o que pode ser relacionado ao grau de centralidade que cada ator possui. Atores com nós maiores, como Vital, L. P., Martínez-Ávila, D. e Lopes, F. C., por exemplo.

Em termos de *clusters* ou agrupamentos, a rede mostra subgrupos bem definidos por atores que colaboram frequentemente entre si. Esses *clusters* representam colaborações mais intensas.

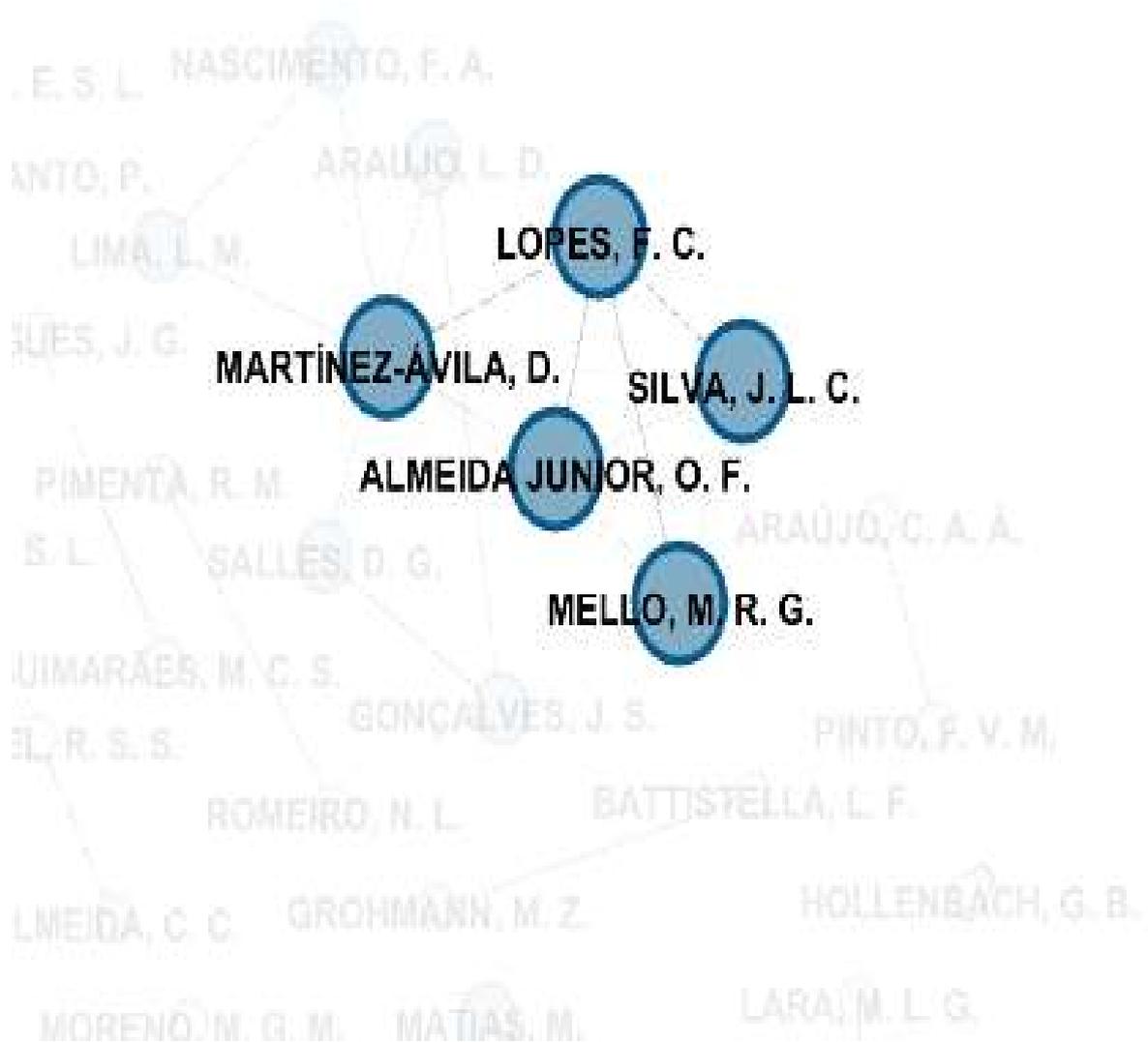
As arestas variam em espessura, o que reflete a intensidade da colaboração entre os atores. As linhas mais espessas indicam parcerias mais fortes, ou seja, atores que colaboraram com múltiplos trabalhos em conjunto.

Adicionalmente, a presença de atores mais isolados ou subgrupos periféricos sugere a existência de nichos de pesquisa ou áreas temáticas que ainda não estão completamente integrados à rede principal. Esses(as) pesquisadores(as), que possuem poucas conexões, podem estar envolvidos em áreas emergentes ou com menor visibilidade dentro do contexto científico mais amplo. No entanto, a interação entre esses subgrupos e a rede principal, por meio de indivíduos centrais, pode contribuir para uma eventual integração

Por fim, a análise da rede revela uma estrutura colaborativa robusta, onde algumas figuras centrais desempenham papéis-chave na interligação de diferentes subgrupos e no fortalecimento de colaborações científicas.

Considerando a rede de coautoria demonstrada no Grafo 1, demonstra-se a seguir sete subgrupos e as suas interações.

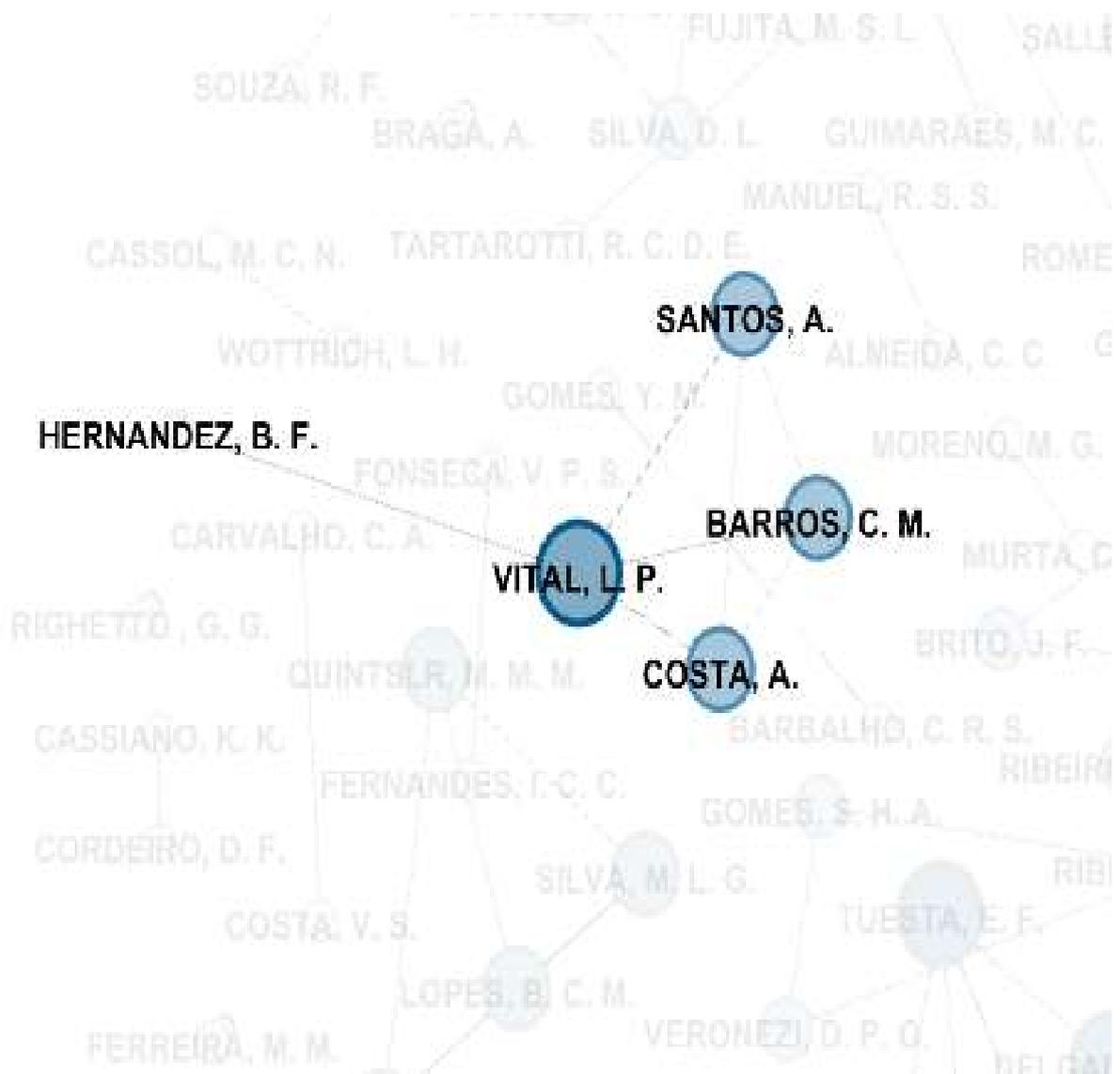
Grafo 2 – Interações do subgrupo 1 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Durante a análise do Grafo 2, identifica-se a formação de um subgrupo composto por cinco atores da rede, incluindo Almeida Junior, O. F., Lopes, F. C., Martínez-Ávila, D., Mello, M. R. G. e Silva, J. L. C., cada um estabelecendo quatro relações entre eles, não havendo centralidade neste subgrupo.

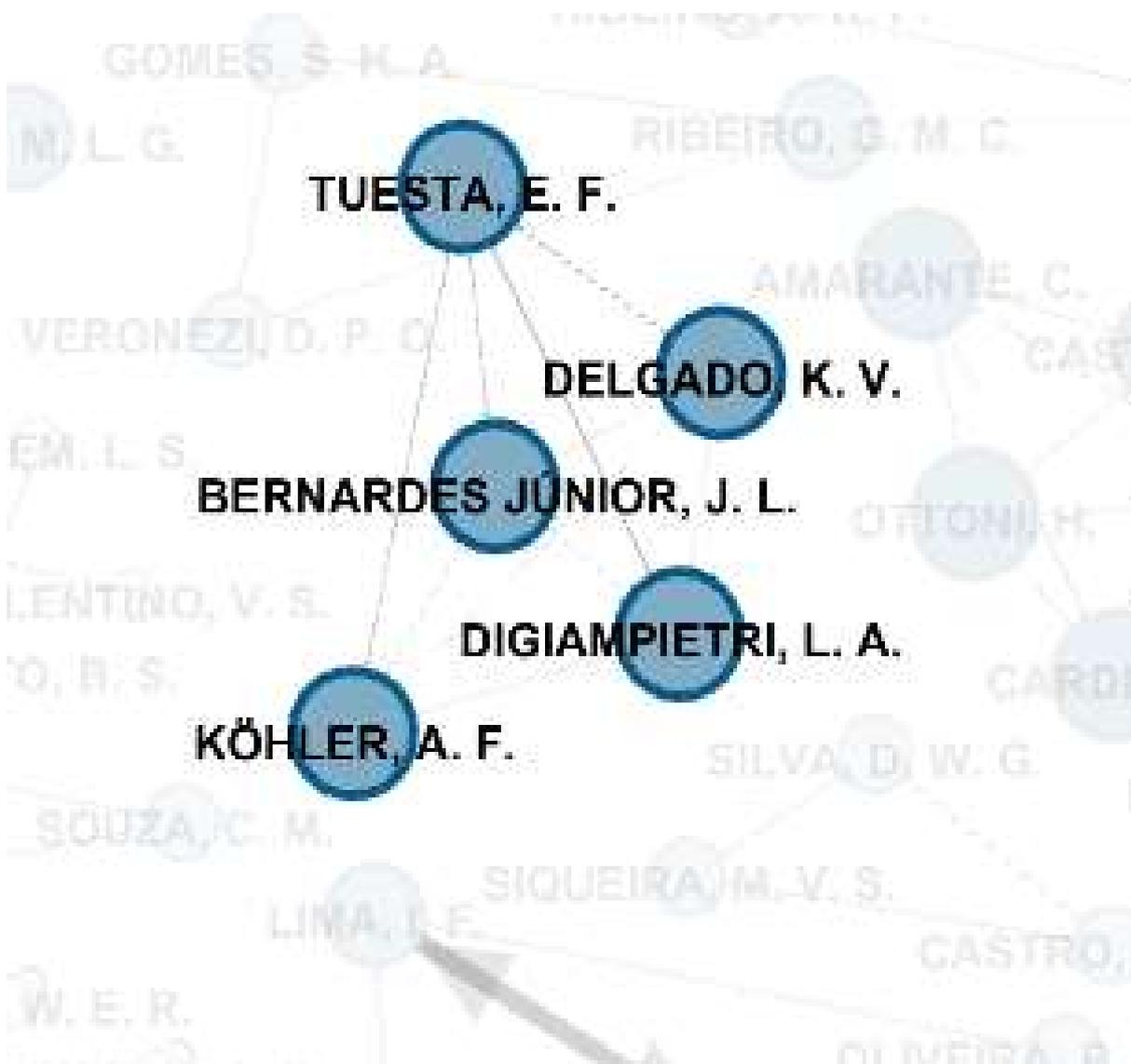
Grafo 3 – Interações do subgrupo 2 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Na análise do Grafo 3, foi identificada a formação de um subgrupo composto por cinco atores da rede, sendo eles Barros, C. M., Costa, A., Hernandez, B. F., Santos, A. e Vital, L. P. Cada um desses atores estabeleceu relações entre si. Destaca-se a centralidade do ator Vital, L. P., que manteve relação de forma isolada com Hernandez, B. F. em uma produção e com os demais atores Barros, C. M., Costa, A. e Santos, A. em outra produção.

Grafo 4 – Interações do subgrupo 3 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A partir da análise do Grafo 4, detecta-se a participação de cinco atores, cada um com quatro conexões entre si. Estes atores são: Bernardes Júnior, J. L., Delgado, K. V., Digiampietri, I. A., Köhler, A. F. e Tuesta, E. F.

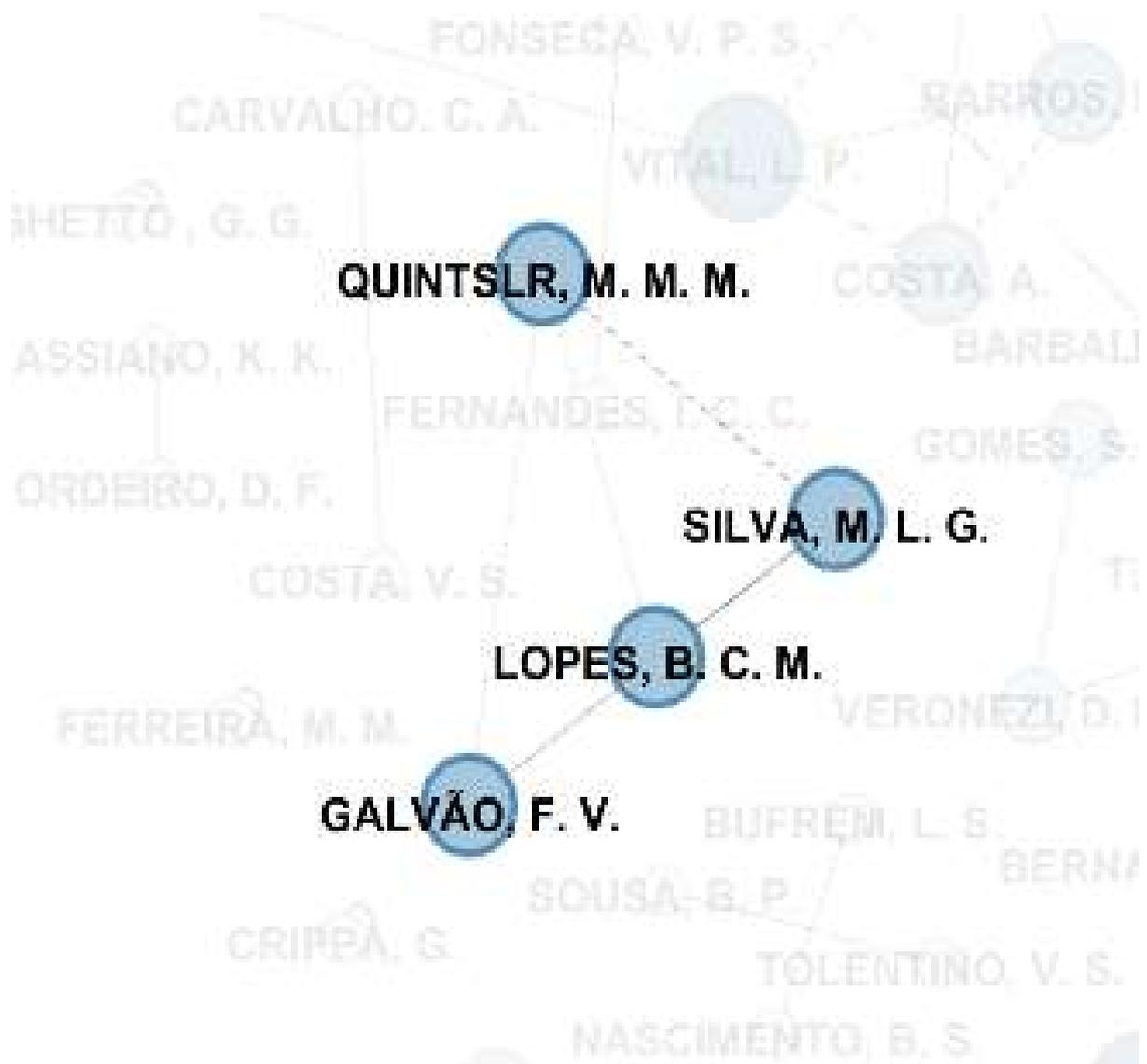
Grafo 5 – Interações do subgrupo 4 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Na análise do Grafo 5, observa-se a participação de cinco atores, todos com quatro conexões estabelecidas entre si. Esses atores são: Amarante, C., Cardim, N., Castilho, R., Ottoni, H. e Teixeira, M. A.

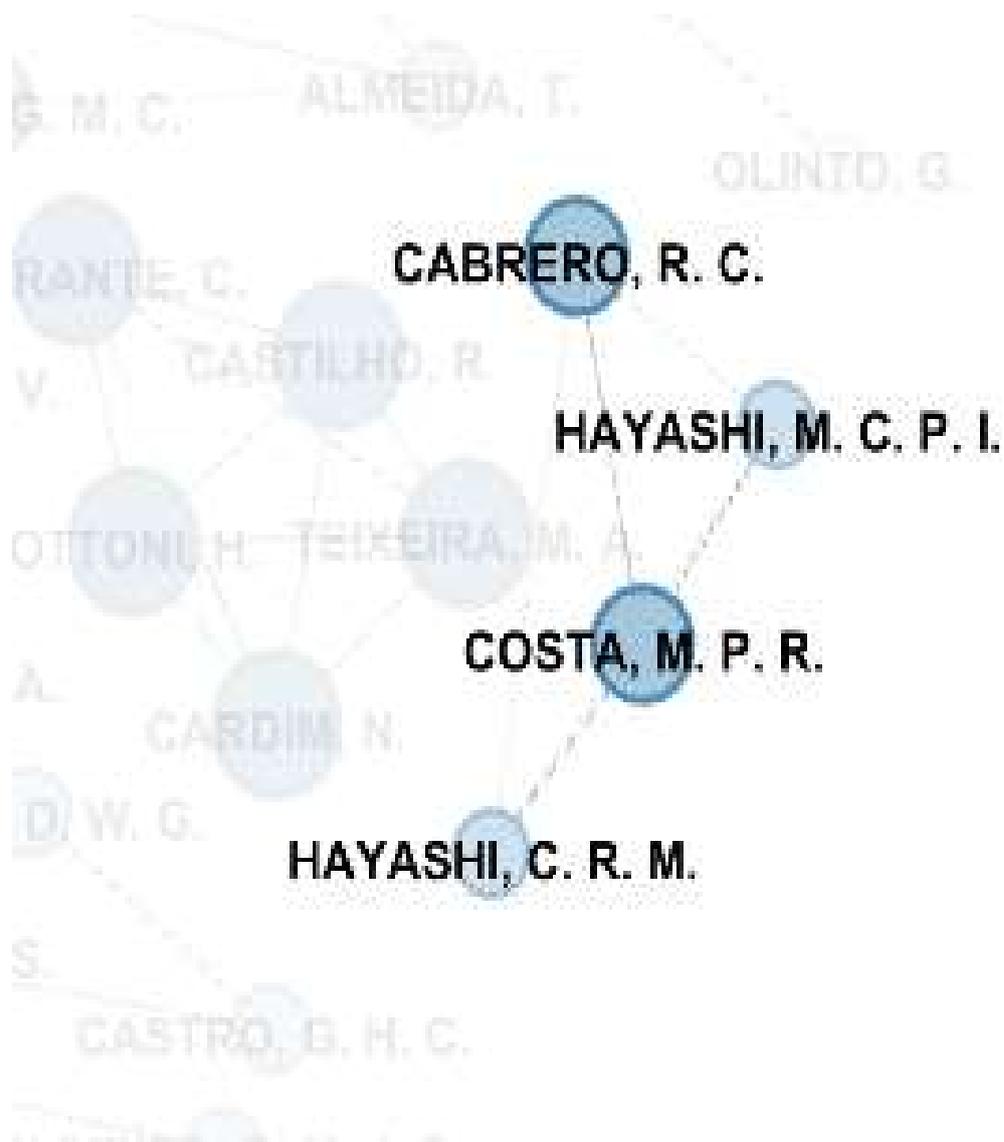
Grafo 6 – Interações do subgrupo 5 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

De acordo com a análise do grafo nove identificou-se a relação dos atores Galvão, F. V., Lopes, B. C. M., Quintslr, M. M. M. e Silva, M. L. G., com três conexões cada, desta maneira não houve centralidade neste subgrupo.

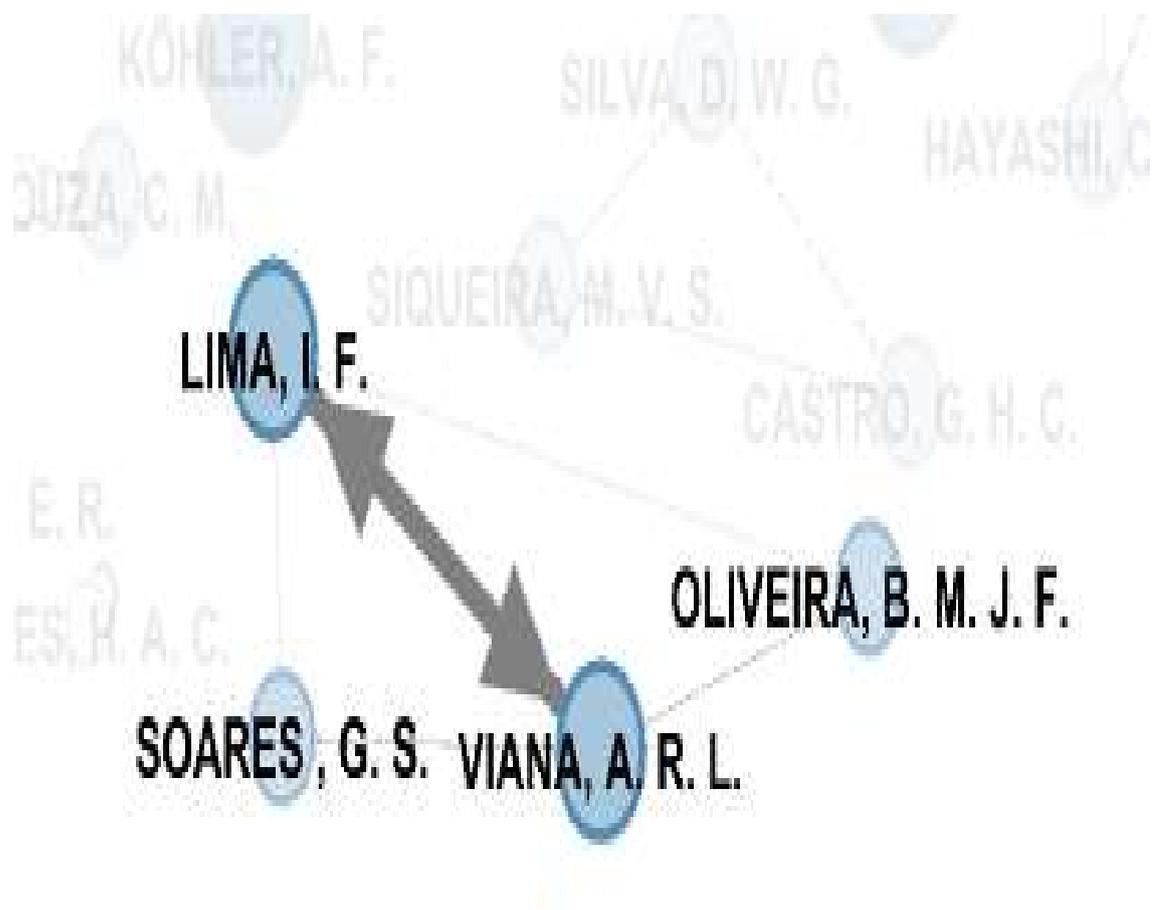
Grafo 7 – Interações do subgrupo 6 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

O Grafo 7 estabelece uma relação mais forte entre Cabrero, R. C. e Costa, M. P. R., onde estabeleceram mais conexões entre si do que com os atores do subgrupo, sendo três relações cada. Os atores, Hayashi, C. R. M. e Hayashi, M. C. P. I., tiveram duas relações cada dentro do subgrupo.

Grafo 8 – Interações do subgrupo 7 na rede de coautoria na produção científica nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A partir da análise do Grafo 8, detecta-se a participação de quatro atores, dentre estes foi possível perceber uma forte relação entre Lima, I. F. e Viana, A. R. L., onde estabeleceram mais conexões entre si do que com o restante do subgrupo, sendo esta relação representada pela aresta mais robusta. Os atores, Oliveira, B. M. J. F. e Soares, G. S., tiveram relações em produções distintas com os dois atores mais fortes do subgrupo.

Os grafos revelam uma estrutura de rede composta por diferentes subgrupos de autores que colaboram entre si, com variações significativas nas métricas de centralidade de grau, centralidade de aproximação e centralidade de intermediação e modularidade.

Utilizando os conceitos de Souza, Barbastefano e Lima (2012) evidencia-se que se pode detalhar a dinâmica dessas relações a partir da centralidade de grau que mede o número de conexões diretas que um nó (ator) tem com outros nós na rede. Nos subgrupos há padrões diferentes de conectividade.

No grafo 2 o subgrupo é composto por Almeida Junior, O. F., Lopes, F. C., Martínez-Ávila, D., Mello, M. R. G. e Silva, J. L. C., onde cada ator estabelece quatro relações entre si. A ausência de um ator central indica uma distribuição uniforme das conexões, sem um nó dominante em termos de centralidade de grau.

No Grafo 3 Vital, L. P. destaca-se por sua centralidade, estabelecendo conexões isoladas com Heernandez, B. F. em uma produção e com outros atores em outra. Isso sugere que Vital, L. P. atua como um ponto de intermediação, conectando diferentes subgrupos dentro da rede.

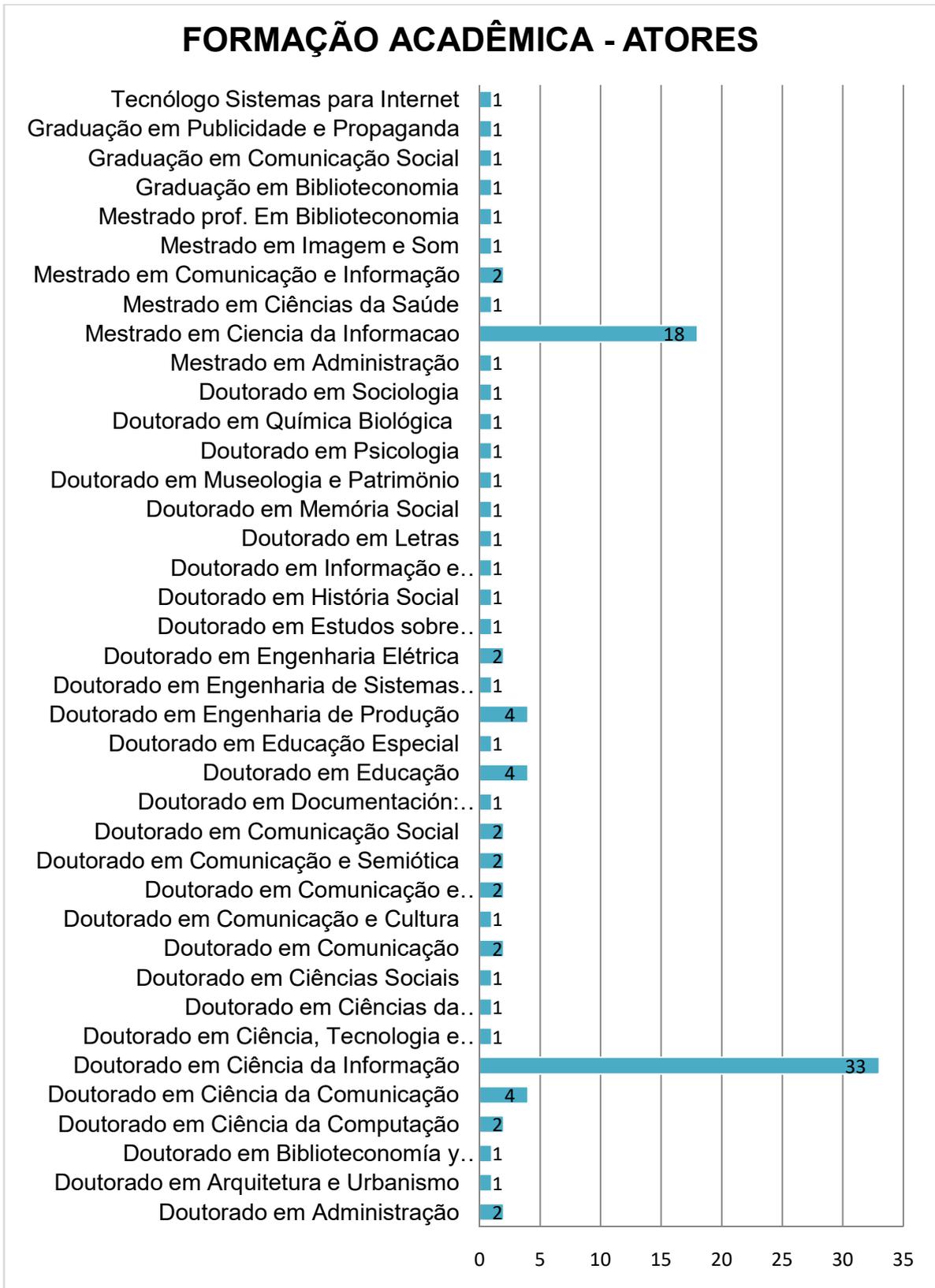
Já no Grafo 5, Amarante, C., Cardim, N., Castilho, R., Ottoni, H., e Teixeira, M. A. compartilham quatro conexões entre si, sem a presença de uma centralidade de grau significativa, indicando uma estrutura colaborativa mais equilibrada.

Nos Grafos 6 e 7 as relações entre os atores são mais fragmentadas, com o Grafo 6 apresentando três conexões para cada ator, sem centralidade clara. No Grafo 7, Cabrero, R. C. e Costa, M. P. R. estabelecem relações mais fortes entre si, sugerindo uma centralidade de grau local dentro do subgrupo.

4.1.1.2 Formação acadêmica

Ao examinar a formação acadêmica desses(as) autores(as), nota-se uma variedade de origens disciplinares, com profissionais provenientes de diversas áreas do conhecimento, como exposto no Gráfico 1. Essa diversidade contribui para uma abordagem interdisciplinar na análise da temática, enriquecendo o diálogo e a produção de conhecimento nesse campo.

Gráfico 1 – Formação acadêmica dos atores da rede de coautoria nos periódicos
Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Os resultados indicaram 39 cursos em diversas áreas do conhecimento, dentre estes os cursos de doutorado e mestrado em Ciência da Informação foram os mais prevalentes entre as formações acadêmicas dos integrantes da rede. O curso de doutorado em Ciência da Informação registrou 33 atores, enquanto o curso de mestrado em Ciência da Informação contou com 18 registros, totalizando 48,6% do número total de cursos representados na rede.

Em seguida, os cursos de doutorado em Ciência da Comunicação, Educação e Engenharia de Produção foram mencionados, cada um com 4 atores formados nessas áreas, totalizando 11,5% das formações. Além disso, foram identificados cursos de doutorado em Administração, Ciências da Computação, Comunicação, Comunicação e Informação, Comunicação e Semiótica, Comunicação Social, Engenharia Elétrica, bem como o curso de mestrado em Comunicação e Informação, todos com 2 atores em cada formação, equivalendo a 15,3% do total de formações. As demais formações apresentaram apenas um/a pesquisador/a em cada uma delas totalizando os 29,6% restantes.

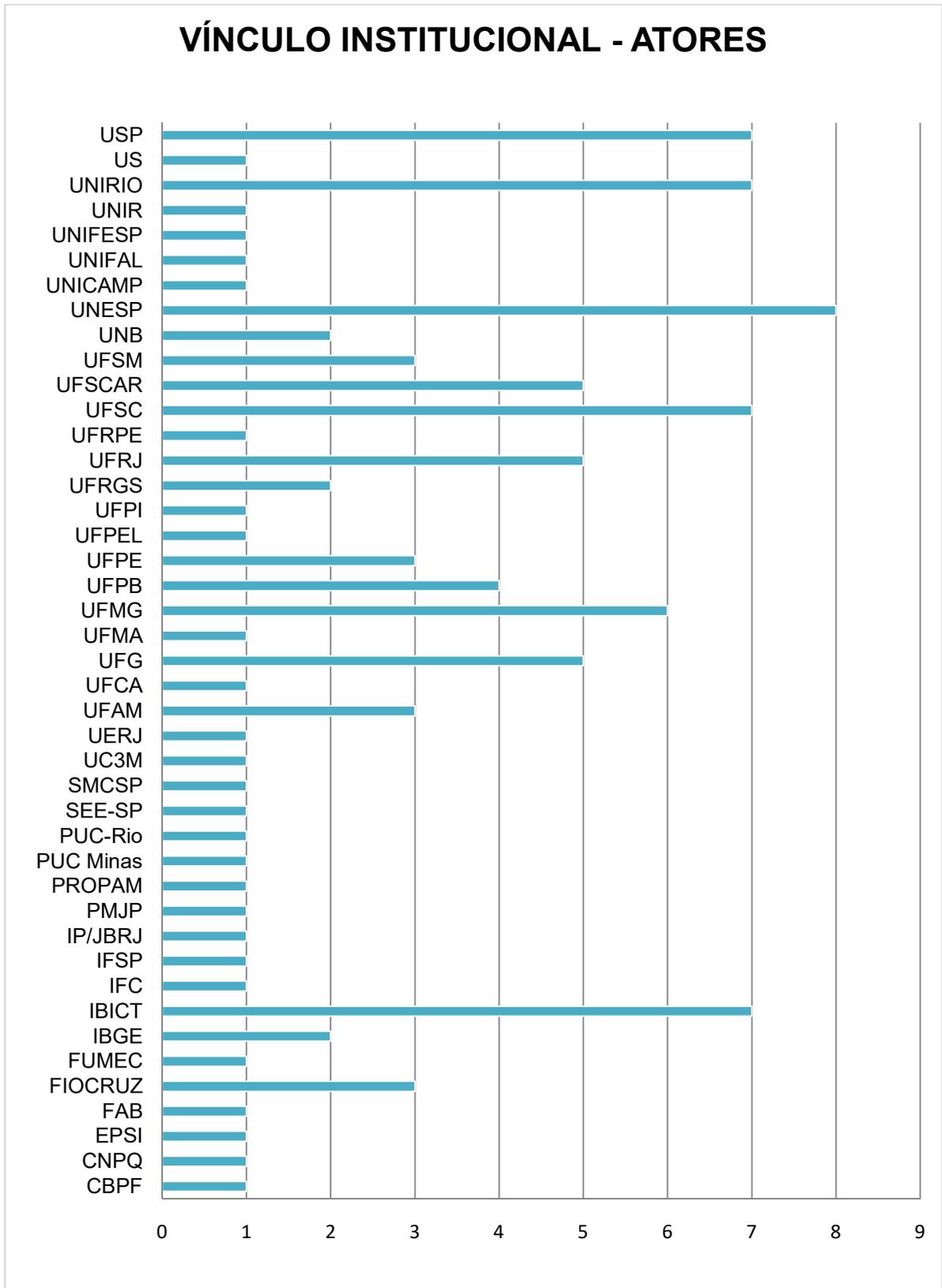
A interdisciplinaridade na Ciência da Informação é um princípio essencial que permeia a própria essência do campo e desde o surgimento da área, profissionais de diferentes formações contribuíram para a sua constituição, conforme destacado por Saracevic (1996). Essa diversidade de origens profissionais e acadêmicas foi fundamental para introduzir e manter a abordagem interdisciplinar na Ciência da Informação.

O nascimento da Ciência da Informação está intrinsecamente ligado ao movimento de pesquisadores(as) e estudiosos(as) de diversos campos do conhecimento que se uniram para enfrentar os desafios relacionados à explosão informacional, conforme evidenciado por Souza (2011). Esse movimento refletiu a necessidade de compreender e lidar com a crescente quantidade de informações, bem como em desenvolver soluções baseadas nas tecnologias emergentes.

Portanto, a interdisciplinaridade não apenas enriquece a Ciência da Informação como campo de estudo, mas também contribui, significativamente, para enfrentar os desafios emergentes no cenário informacional atual e promover discussões importantes sobre diversas temáticas.

4.1.1.3 Vínculo institucional

Gráfico 2 – Vínculo institucional dos atores da rede de coautoria nos periódicos
Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Ao investigar a temática de gênero em produções científicas, torna-se relevante explorar não apenas as características individuais dos atores envolvidos, mas também os vínculos institucionais que esses(as) pesquisadores(as) possuem. Esses vínculos não apenas fornecem contexto sobre a base de pesquisa dos atores, mas também influenciam as perspectivas e abordagens adotadas em seus estudos. Portanto, compreendê-los é fundamental para uma análise mais abrangente e contextualizada da produção acadêmica na temática gênero na CI.

Sobre a importância das relações dos(as) pesquisadores(as) com suas instituições, é essencial destacar os benefícios dessa produção acadêmica no contexto das redes sociais e sua contribuição para a visibilidade dessas instituições e possíveis interações institucionais. Como ressaltam Tomaél e Marteleto (2015, p. 173), “por intermédio de pesquisadores, as entidades sociais detêm ligações indiretas entre si”.

Os resultados demonstram a presença tanto de instituições de pesquisa nacionais como internacionais vinculadas aos atores da rede. Entre elas, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) se destaca com 8 atores vinculados, seguida pela Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), cada uma com 7 atores vinculados.

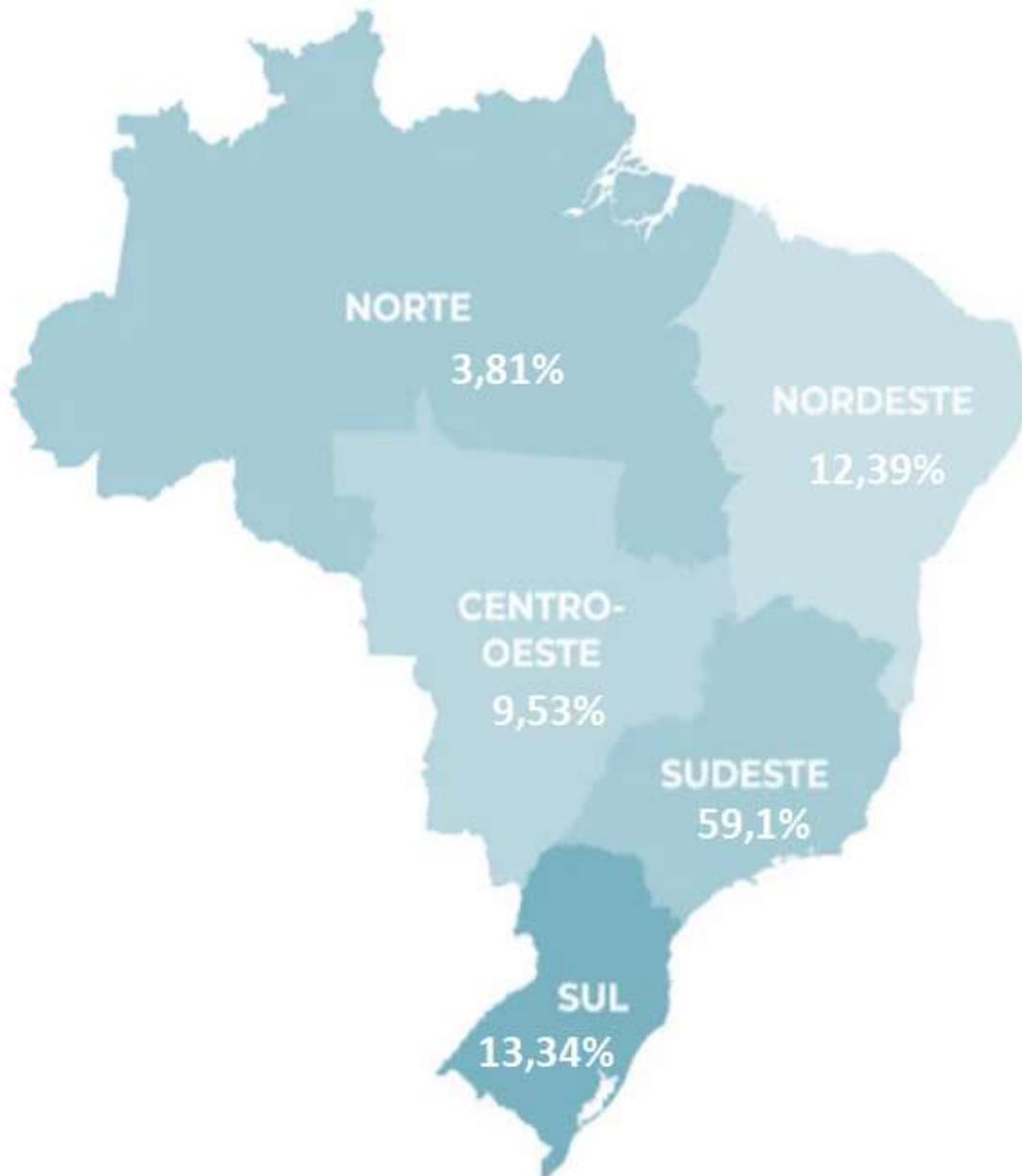
A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) conta com 6 atores, enquanto a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal de Goiás (UFG) têm 5 atores vinculados cada.

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) está representada por 4 atores, enquanto a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) possuem 3 atores cada.

A Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apresentam 2 atores cada, e as demais instituições possuem 1 ator cada. Dentre as instituições internacionais tem-se a Universidade de Santiago (US) e a Universidad Carlos III de Madrid (UC3M).

Esse resultado de vínculo institucional está representado na Figura 7, a partir de um mapa da produção científica sobre gênero.

Figura 7 – Mapa da produção científica a partir da temática “Gênero” (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

A Figura 7 apresenta um mapa da produção científica, destacando a distribuição geográfica das instituições e dos atores envolvidos.

A análise das instituições vinculadas aos atores da rede de coautoria em produções científicas nacionais relacionadas à temática de gênero no Brasil revelou

que a região Sudeste detém a maior proporção de produção, representando 59,1% de toda a produção no período, com um total de 21 instituições e 62 atores relacionados à temática. Entre as instituições de destaque nesta região está a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) com oito atores.

Em seguida vem a região Sul, com um total de cinco instituições e 14 atores, sendo a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a com maior destaque, possuindo sete atores no total. A região apresenta o segundo maior registro, com 13,34%.

A região Nordeste, com 12,39% dos vínculos institucionais, sendo 8 instituições e 13 atores, nela destaca-se a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com 4 atores.

A região Centro-oeste e a região Norte registram 9,53% e 3,81%, respectivamente. Na região Centro-oeste identificou-se 5 instituições e 10 atores, sendo a Universidade de Goiás a com maior número de atores, totalizando 5. Já na região Norte constatou-se duas instituições e 4 atores, sendo a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) com maior registro na região, 3 ao todo.

Além disso, duas instituições internacionais, Universidade de Santiago (US) e Universidad Carlos III de Madrid (UC3M), representam 1,91% do total de instituições vinculadas a atores que produziram em coautoria sobre a temática, mas não foram contempladas no mapa que registra as regiões do Brasil.

A análise dos dados revela uma forte concentração da produção científica na região Sudeste, indicando que essa região possui uma maior tendência a pesquisas relacionadas a temática gênero. A presença significativa de instituições como a UNESP indica um papel central na temática.

As regiões Sul e Nordeste também mostram uma participação relevante, com instituições de destaque como a UFSC e a UFPB, respectivamente. A análise intermediária sugere que essas instituições atuam como importantes pontos de ligação entre diferentes grupos de pesquisa.

A baixa densidade de produção nas regiões Centro-Oeste e Norte pode refletir desafios em termos de interesses e/ou incentivos para a pesquisa nessa temática, sendo talvez, necessário um maior entendimento das questões pelas quais essas regiões pouco produzem sobre as questões de gênero, tendo em vista ser essa uma temática universal. No entanto, a presença de instituições internacionais

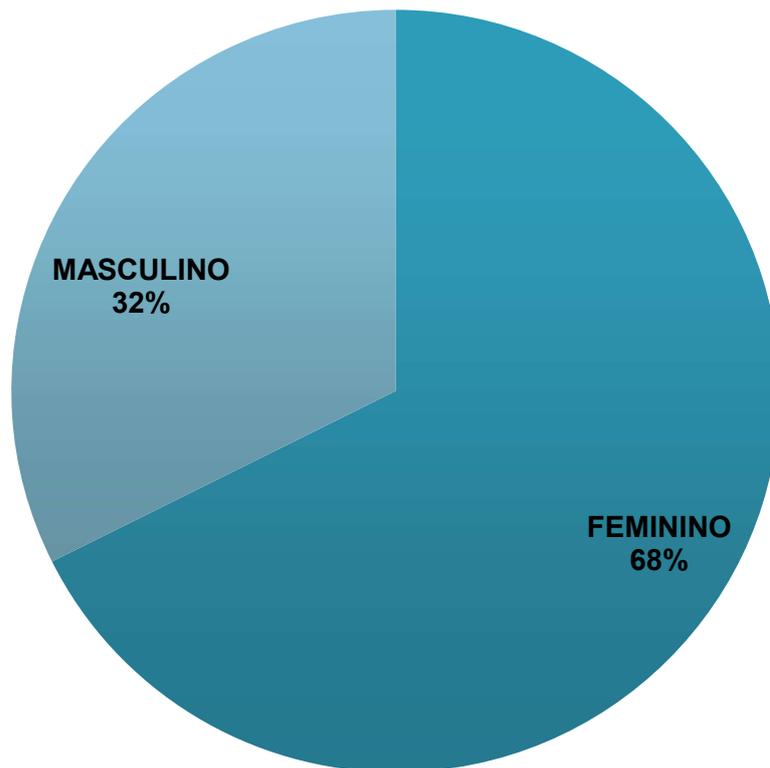
aponta para uma crescente colaboração, enriquecendo a diversidade e a qualidade das pesquisas e novas abordagens no contexto dos estudos de gênero na CI.

4.1.1.4 Gênero de autoria

A pesquisa identificou o gênero da autoria da produção científica pesquisada e mapeou no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Gênero dos atores da rede de coautoria nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)

GÊNERO - ATORES



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Ao analisar as produções científicas dedicadas à temática gênero, foi observado que a maioria foi conduzida tanto em produções de autoria única como em coautoria por mulheres. No total, foram identificadas 71 autoras, o que equivale a

68% das publicações. Por outro lado, 34 homens foram responsáveis por 32% das pesquisas em coautoria ou em produções individuais nesse período.

A contribuição científica das mulheres na temática gênero tem aumentado significativamente nas últimas décadas, refletindo uma mudança nos campos acadêmicos que antes eram dominados por homens. Essa mudança é, em parte, resultado do reconhecimento crescente da importância de incorporar perspectivas diversas para enriquecer o entendimento sobre as questões de gênero.

Scott (1995) argumenta que as experiências vividas pelas mulheres oferecem compreensões únicas e valiosas, que são essenciais para compreender as dinâmicas de poder e desigualdade de gênero. Como resultado, as mulheres têm se sentido mais impelidas a pesquisar e publicar sobre essas questões, contribuindo para uma expansão notável da literatura acadêmica sobre gênero.

Além disso, Butler (1990) sugere que as mulheres, ao vivenciarem e performarem gênero, de maneira que muitas vezes desafiam as normas sociais, possuem uma motivação intrínseca para explorar e teorizar sobre esses processos. Comportamento esse, também amplificado por movimentos feministas e iniciativas de inclusão em universidades e instituições de pesquisa.

A interseccionalidade, como discutida por Crenshaw (1989), também tem sido uma área de contribuição feminina, destacando como múltiplas formas de discriminação se interseccionam e afetam a vida das mulheres de maneira complexa. Esse enfoque multifacetado é fundamental para um entendimento mais amplo de “gênero”, demonstrando a necessidade contínua de maior representação feminina na pesquisa científica sobre gênero.

Mas, ainda nesse contexto de lutas, cabe perguntar: Por que as mulheres falam mais sobre a temática gênero do que os homens? É possível que essa pergunta possa ter várias respostas, mas o importante é reconhecer que cada indivíduo pode ter motivos e experiências diferentes que influenciam sua inclinação para abordar o tema. No entanto, de acordo com a literatura e experiências vividas, pode-se inferir algumas razões possíveis:

- Experiências pessoais: As mulheres podem sentir uma conexão pessoal com questões de gênero devido às suas próprias experiências de vida. Elas podem ter enfrentado discriminação de gênero, desigualdade ou violência com base em seu gênero, o que as motiva a discutir e buscar mudanças nessas áreas;

- Conscientização e educação: Mulheres podem estar mais conscientes das questões de gênero devido à educação, leituras, discussões em comunidades ou movimentos sociais. Esse aumento de conscientização pode levá-las a falar mais sobre o assunto e a buscar maneiras de promover a igualdade de gênero;
- Empatia e solidariedade: Muitas mulheres sentem empatia por outras mulheres e pessoas marginalizadas devido às injustiças que enfrentam com base no gênero. Isso pode motivá-las a levantar suas vozes em solidariedade e apoio mútuo;
- Liderança e defesa: Muitas mulheres são líderes em organizações, movimentos sociais e comunidades que se concentram em questões de gênero. Como líderes e defensoras, elas podem assumir papéis ativos na promoção da igualdade de gênero e na conscientização sobre essas questões.

É importante reconhecer que essa é uma questão complexa e essas razões são apenas algumas das possíveis explicações porque as mulheres falam mais sobre questões de gênero do que os homens.

Ao analisar a rede de coautoria presente nos estudos das produções científicas relacionadas à temática gênero, observa-se uma distribuição significativa dos gêneros dos(as) autores(as) envolvidos. Essa representação das identidades de gênero reflete a diversidade de vozes e perspectivas presentes no campo da pesquisa sobre gênero.

4.1.1.5 Palavras-chave

Neste estudo foi realizado a rede temática, centrada nas palavras-chave mais frequentemente empregadas e suas interações, tornando possível uma avaliação mais aprofundada do desempenho científico e seus interesses. Esse método permitiu mapear a estrutura e a dinâmica do campo em estudo, compreender a área com base na identificação de autores(as), principais pesquisas, tópicos em discussão e temas predominantes. Dessa forma, obteve-se uma visão integral do assunto em questão, facilitando a contextualização e a análise crítica do estudo realizado.

6	Análise foucaultiana do discurso	80	LGBTfobia
7	Arquitetura da informação	81	Linguagem
8	Arquivologia	82	Linguagens Documentais
9	Ator Natural	83	Linguagens documentárias
10	Autoria	84	Livro
11	Bibliometria	85	Memória
12	Biblioteca	86	Mídias Sociais
13	Biblioteconomia	87	Minorias sociais
14	Blog	88	Modelo Expandido de Aceitação da Tecnologia
15	Casamento	89	Monumentos
16	Censura	90	Mulher
17	Centro de Referência da Mulher	91	Mulher-discurso
18	Ciência brasileira	92	Mulheres
19	Ciência da Informação	93	Mulheres na ciência
20	Ciência e gênero	94	Obras raras
21	Ciência e minoria	95	Organização do conhecimento
22	Ciência e Tecnologia	96	Organização e Representação do Conhecimento
23	Ciências da Saúde	97	Orientação sexual
24	Cientometria	98	Participação feminina
25	Cinema Documentário	99	Patrimônio dissonante
26	Classificação Decimal Universal (CDU)	100	Periódico científico
27	Colaboração científica	101	Pessoas trans
28	Coletivos Feministas	102	Pessoas transgênero
29	Comentários	103	Políticas patrimoniais
30	Compartilhamento da Informação	104	Políticas Públicas Sociais
31	Competência em informação	105	População Negra
32	Conhecimento	106	Práticas de ensino críticas
33	Corpo feminino	107	Práticas informacionais
34	Cursos de Jornalismo	108	Produção científica
35	Democratização da cultura	109	Produção científica feminina
36	Descritores em Ciência da Saúde (DeCS)	110	Profissão feminina
37	Discentes	111	Prontuário do Paciente
38	Dispositivos de Controle Social	112	Publicações científicas
39	Divisão sexual do trabalho	113	Publicidade
40	Divulgação Científica	114	Recepção
41	Doutoramento	115	Regras de Catalogação
42	Dramaturgia Natural	116	Representação
43	Empoderamento feminino	117	Representações do feminino
44	ENANCIB	118	Resistência
45	Ensino superior	119	Reuni
46	Epistemologia	120	Revistas femininas
47	Epistemologias feministas	121	Sanatório Pinel
48	Estado da arte	122	ScriptLattes
49	Estado de Conhecimento	123	Sertão pernambucano
50	Estereótipo de gênero	124	Sexismo

51	Estrutura de conhecimento	125	Sexo/Gênero
52	Estudos bibliométricos	126	Sexualidade
53	Estudos críticos	127	Sistema de Informação
54	Estudos de gênero	128	Sistema de Organização do Conhecimento
55	Estudos métricos	129	Sociologia da Prática
56	Exclusão	130	STEM
57	Feminismo	131	Tecnologias de informação e de comunicação
58	Gênero	132	Teoria crítica
59	Gênero e ciências	133	Tesaurus
60	Gênero e informação jornalística	134	Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres (TEG)
61	Gênero feminino	135	Teses inaugurais
62	Gestão da Informação	136	Trabalho
63	Grandes áreas de atuação	137	Transexuais
64	Hashtags	138	Transexualidade
65	Homossexualidade	139	Transgêneros
66	Homossexualidade Masculina	140	Turismo LGBTQ
67	Humanidades Digitais	141	Uso de Tecnologia
68	Imprensa feminina	142	Violência contra mulher
69	Indicadores de C&T	143	Violência contra mulheres
70	Índice-h	144	Violência de gênero
71	Indivíduos Transgêneros	145	Visibilidade
72	Informação	146	Vulnerabilidade
73	Informação científica	147	Vulnerabilidade social
74	Instagram	148	YouTube

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

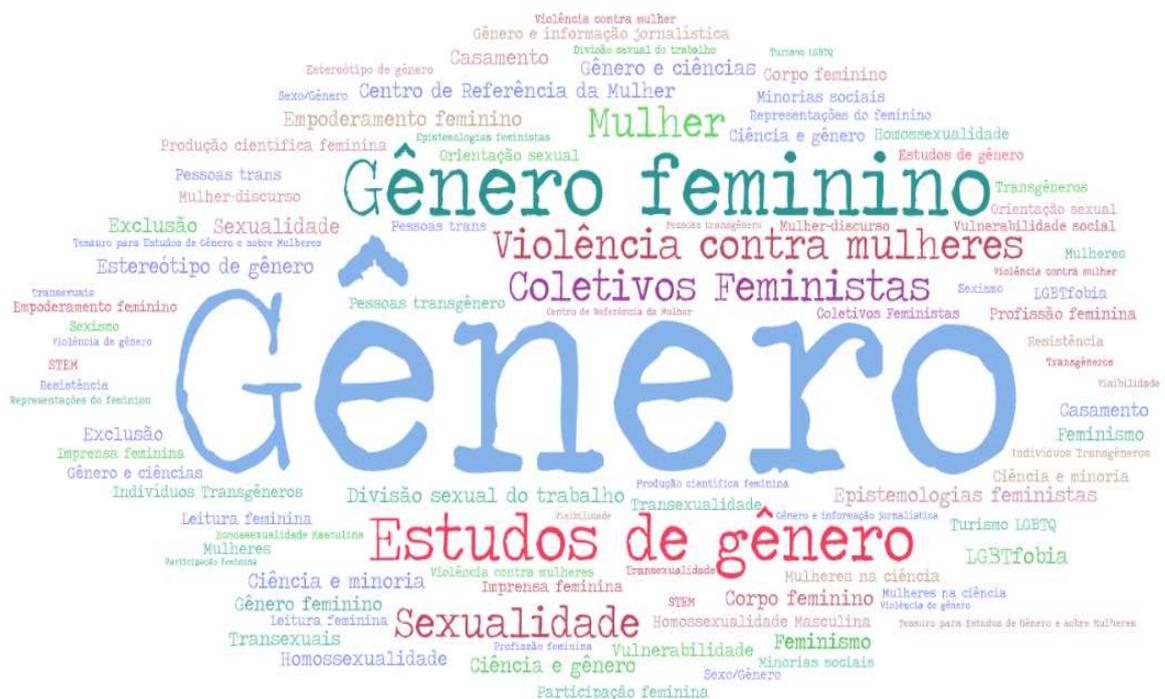
Na análise gráfica da rede temática a partir dos descritores relacionados à temática gênero presente nas palavras-chaves das produções, foi possível identificar, 148 temáticas, dentre as quais 2 temáticas com maior influência na rede, são elas: Gênero (ID = 58) com 33 interações, entre as quais destacam-se as relações mais fortes com Produção científica (ID = 108), Ciência da Informação (ID = 19) e Organização do conhecimento (ID = 95), representando 5,5% da rede conforme Grafo 10; e Produção científica (ID = 108) com 31 interações, destacando as relações ente as temáticas Gênero (ID = 58), Análise descritiva (ID = 5), Ciência da Informação (ID = 19) e Periódico científico (ID = 100), representando 5,2% da rede, conforme Grafo 11, apresentados mais adiante.

Diante do conjunto de palavras-chaves, vale ressaltar que, embora outras palavras tenham menos incidência, estão imersas de significado e sentido no contexto de gênero, entre as quais destacam-se: casamento (15), centro de

referência da mulher (17), ciência e gênero (20), ciência e minoria (21), coletivos feministas (28), corpo feminino (33), divisão sexual do trabalho (39), empoderamento feminino (43), epistemologias feministas (47), estereótipo de gênero (50), estudos de gênero (54), exclusão (56), feminismo (57), gênero e ciências (59), gênero e informação jornalística (60), gênero feminino (61), homossexualidade (65), homossexualidade masculina (66), imprensa feminina (68), Indivíduos Transgêneros (71), leitura feminina (79), LGBTfobia (80), minorias sociais (87), mulher (90), mulher-discurso (91), Mulheres (92), mulheres na ciência (93), orientação sexual (97), participação feminina (98), pessoas trans (101), pessoas transgênero (102), população negra (105), produção científica feminina (109), profissão feminina (110), representações do feminino (117), resistência (118), sexismo (124), sexo/gênero (125), sexualidade (126), transexuais (137), transexualidade (138), transgêneros (139), turismo lgbtq (140), violência contra mulher (142), violência contra mulheres (143), violência de gênero (144), visibilidade (145), vulnerabilidade (146) e vulnerabilidade social (147).

Considerando o conjunto de palavras-chave relacionado ao contexto de gênero, apresenta-se em nuvem de tags (Figura 8) a seguir:

Figura 8 – Nuvem de palavras-chave relacionadas a temática gênero



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Dentre as palavras-chave, evidenciou-se: gênero (58) com 13 registros, gênero feminino (61) com 4 registros, estudos de gênero (54) com 3 registros, coletivos feministas (28), mulher (90), sexualidade (126) e violência contra mulheres (143) com 2 registros cada.

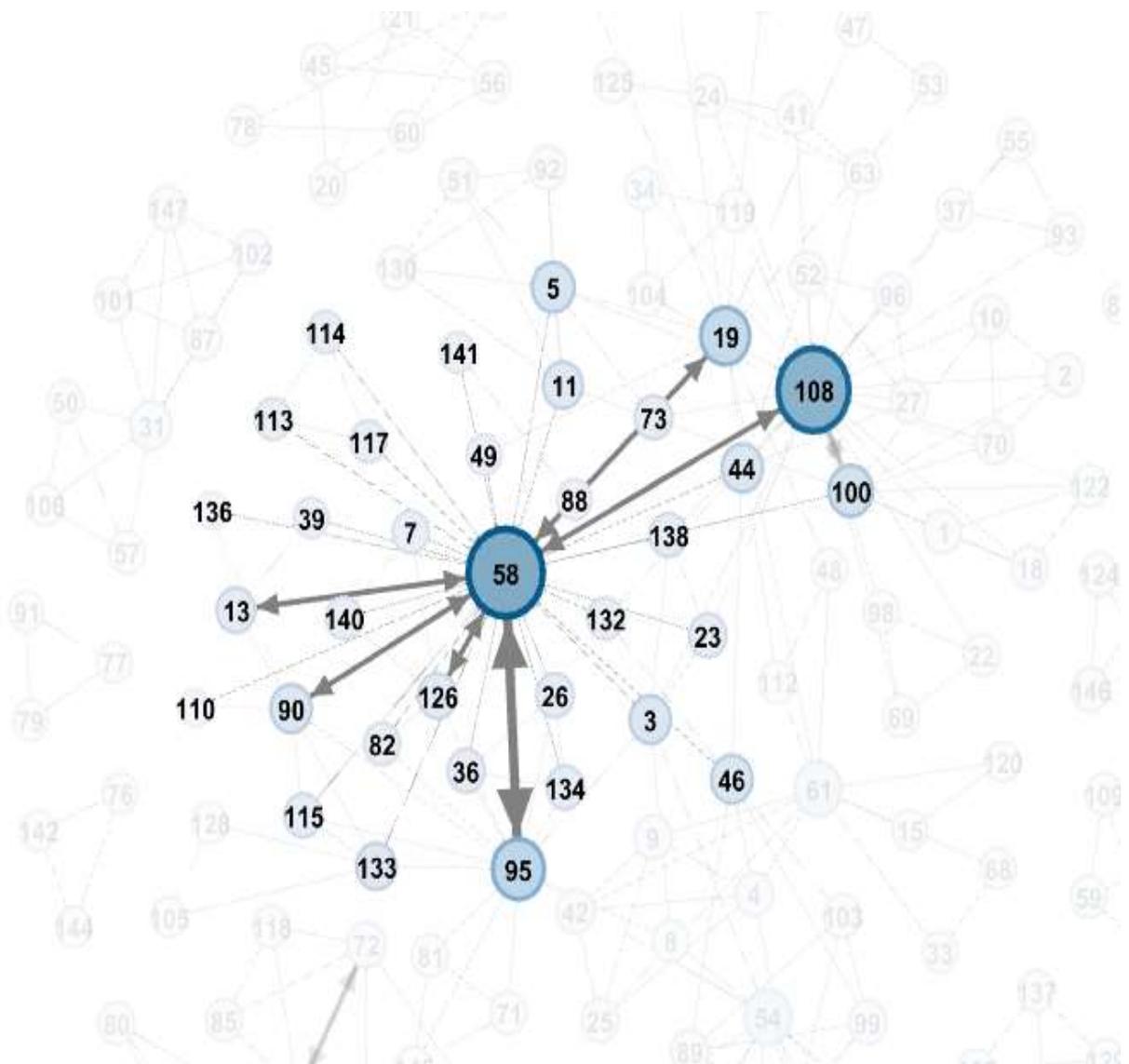
Ao compreender os principais assuntos de interesse, os(as) pesquisadores(as) podem identificar oportunidades para colaborações entre diferentes atores, grupos, disciplinas e instituições, podendo detectar temas emergentes e tendências na área, bem como áreas que necessitam de maior investigação. Isso possibilita uma alocação mais eficiente de recursos e esforços de pesquisa, contribuindo para o avanço do conhecimento em determinado campo científico.

Ademais, destacam-se, entre as palavras-chaves aquelas que se referem a temáticas relacionadas intrinsecamente a áreas de pesquisa da CI, evidenciando em que seara os estudos de gênero estão dialogando, entre elas: acesso aberto (1), análise de domínio (3), arquitetura da informação (7), arquivologia (8), biblioteconomia (13), ciência da informação (19), memória (85), organização do conhecimento (95), políticas patrimoniais (103) e práticas informacionais (107).

Além destas, os resultados apontam as áreas de ciência e tecnologia (22), ciências da saúde (23), ensino superior (45), jornalismo (76) e políticas públicas sociais (104).

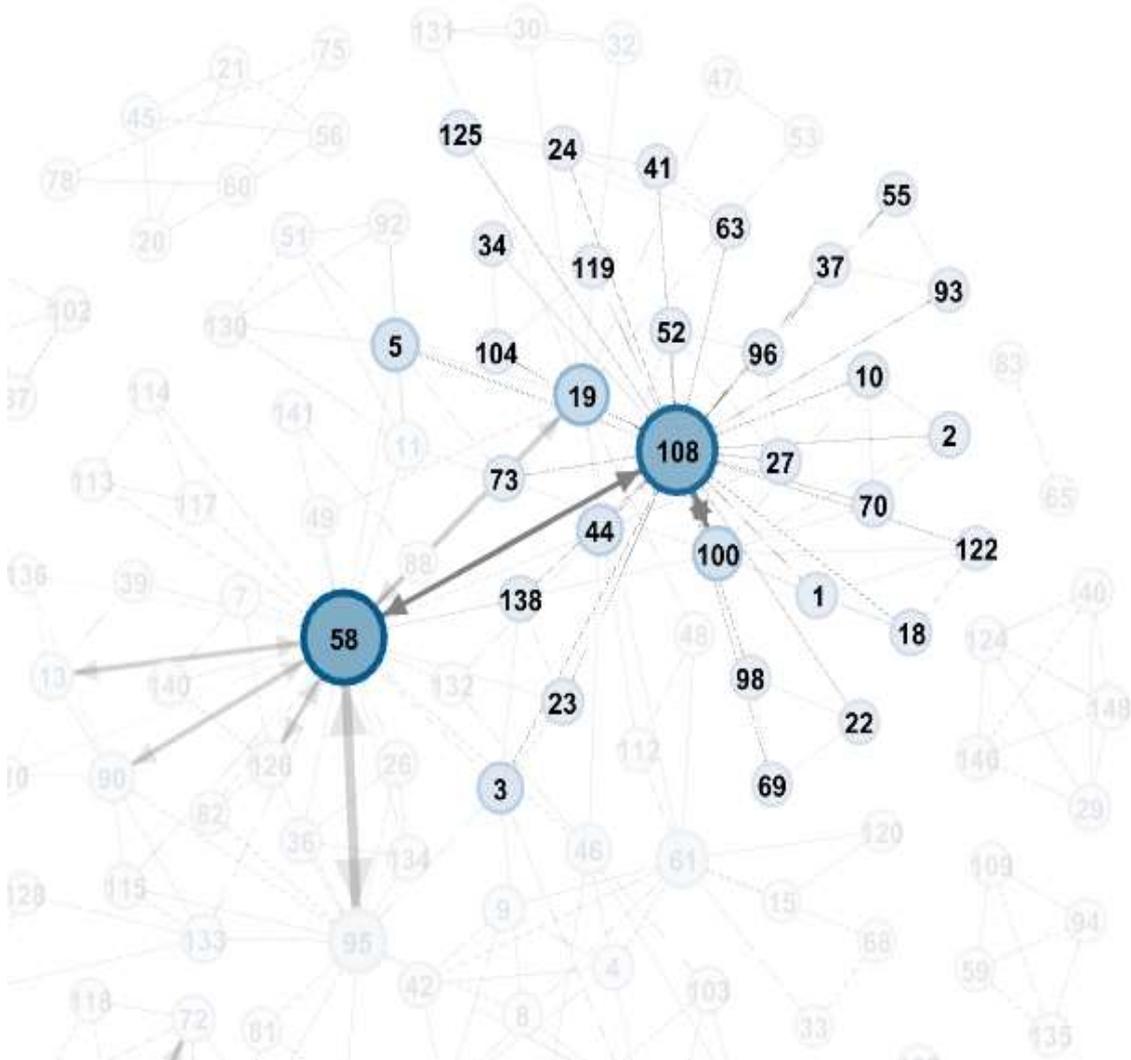
Para compreender algumas dessas nuances, o Grafo 10 e 11, respectivamente, representam as interações das duas principais palavras-chaves (gênero e produção científica).

Grafo 10 – Interações na rede da temática “Gênero” nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Grafo 11 – Interações na rede da temática “Produção científica” nos periódicos Qualis A1 e A2 na CI (2004-2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Foi possível identificar na rede de palavras-chave outros *clusters* relevantes, tais quais: Organização do conhecimento (ID = 95) com 15 interações dentro da rede; Ciência da Informação (ID = 19) com 13 interações; Estudos de gênero (ID = 54) e Gênero feminino (ID = 61), ambos com 11 interações; Periódico científico (ID = 100) com 9 interações; Análise descritiva (ID = 5) com 8 interações; Análise de domínio (ID = 3), Competência em informação (ID = 31), ENANCIB (ID = 44), Epistemologia (ID = 46), Mulher (ID = 90) e Violência contra mulheres (ID = 143) com 7 interações cada. Quanto às demais temáticas, estas contabilizaram 432 interações, totalizando 605 conexões.

A metodologia de análise de redes temáticas no âmbito da Ciência da Informação permite mapear as interações entre diversos conceitos e identificar padrões que revelam tendências e lacunas na pesquisa científica. Uma das principais vantagens da análise de redes temáticas é a capacidade de compreender como certos temas evoluem ao longo do tempo e como se conectam a outras áreas.

Diante dos resultados destacados é possível perceber a medida de **centralidade de grau**, ou seja, os nós que possuem um número de recorrência significativamente maior que a maioria dos demais.

A análise da **centralidade** permite compreender o posicionamento dos diferentes descritores dispostos na rede. A centralidade de grau, em foco nesta pesquisa a centralidade de aproximação e a centralidade de intermediação, expressa o número de laços diretos que um descritor tem com os restantes da rede, sendo uma medida do grau de atividade.

No Grafo 9 os nós “Gênero (ID=58) e “Produção científica” (ID=108), “Organização do conhecimento” (95) e “Ciência da Informação” (ID=19) se destacam por sua grande quantidade de conexões diretas com outros nós. Isso indica que esses descritores são altamente recorrentes e têm um papel central na rede, sendo, possivelmente, tópicos ou temas principais na área de estudo.

A **centralidade de grau** que segundo Lemieux e Ouimet (2004, p. 26) “é uma medida que reflete a atividade relacional direta de um ator”, esta, quando elevada sugere que esses descritores são amplamente discutidos e conectam-se a muitos outros tópicos, indicando sua importância e relevância dentro da rede.

Quanto à **centralidade por aproximação** infere-se que os nós mais centrais e com maior número de conexões, como “Gênero (58) e “Produção científica” (108), provavelmente têm alta centralidade. Isso significa que estão estrategicamente posicionados para facilitar a disseminação de informações através da rede, funcionando como pontos de acesso chave a diferentes partes da rede temática.

No que tange o **grau de intermediação** as arestas indicam a força ou a frequência das conexões, também em evidência os nós “Gênero (58) e “Produção científica” (108), com várias arestas espessas conectando-os a outros nós, sugerem que eles também desempenham papéis de intermediação importantes, servindo como "pontes" entre diferentes partes da rede. Essas palavras-chave podem atuar como mediadores ou integradores de conhecimento, conectando diferentes subtemas ou áreas de pesquisa.

De acordo com Haythornthwaite (2015, p. 46 *apud* Burt, 1992),

As redes são estruturadas pela posição dos atores, especialmente em torno de um ator central, isto é, configurada de tal forma que toda informação passe por esse ator antes de chegar aos outros, tais como atores “estrelas na rede” ou mediadores que são atores com alto índice de “intermediação”, posição que minimiza, desse modo, o buraco estrutural da rede.

Com base na análise da rede, fica evidente que os temas com maior centralidade de intermediação, como "Gênero", "Ciência da Informação" e "Produção científica", não apenas dominam em termos de recorrência, mas também desempenham papéis centrais na conectividade e no fluxo de informação na rede. Isso reforça a evidência desses temas para a compreensão das tendências e dinâmicas da produção científica analisada.

4.2 Redes de coautoria e medidas de centralidade e modularidade

A **centralidade de aproximação** indica a rapidez com que um nó pode acessar todos os outros nós na rede. No contexto dos subgrupos analisados, no Grafo 3, Vital, L. P. se destaca, possivelmente com uma alta centralidade de aproximação, pois conecta dois subgrupos diferentes, facilitando a comunicação e a troca de informações entre eles.

No Grafo 8, a forte relação entre Lima, I. F. e Viana, A. R. L., representada por uma aresta robusta, sugere que esses autores têm alta centralidade de aproximação dentro de seu subgrupo, o que os posiciona como nós estratégicos para a disseminação de conhecimento.

No tocante a **centralidade de intermediação**, mede a capacidade de um nó de atuar como intermediário entre outros nós na rede, controlando o fluxo de informações. Como percebido no Grafo 3, Vital, I. P., com suas conexões isoladas, possivelmente possui alta centralidade de intermediação, servindo como uma ponte essencial entre autores que de outra forma não estariam diretamente conectados.

Já no Grafo 8, Lima, I. F. e Viana, A. R. L. também podem ser considerados intermediários dentro de seu subgrupo, facilitando a comunicação entre diferentes partes da rede.

Souza, Barbastefano e Lima (2012) ressaltam que a centralidade de intermediação é necessária para entender a influência de atores que, embora não

sejam os mais conectados (centralidade de grau), desempenham um papel vital na coesão e na eficiência da rede. A análise estrutural de redes sociais reforça a importância de identificar esses nós intermediários para entender a dinâmica e a resiliência das redes de coautoria.

Para Lemieux e Ouimet (2004, p. 28 *apud* Freeman, 1979):

[...] A hipótese consiste em afirmar que quanto mais um ator se encontrar numa posição intermediária, ou seja, quanto mais se encontrar numa situação em que os atores têm de passar por ele para chegar aos outros atores, mais capacidade de controle terá sobre a circulação da informação entre esses atores.

Silva (2015) também destaca que a centralidade de intermediação é um indicador importante de liderança intelectual, na qual atores com alta intermediação podem influenciar a direção das colaborações científicas.

A métrica de **modularidade** é utilizada em análise de redes para medir a força de divisão de uma rede em comunidades ou módulos. Quanto maior a modularidade, mais clara é a divisão em subgrupos com maior densidade de conexões internas em comparação com as conexões entre diferentes subgrupos. Essa métrica é fundamental para identificar *clusters* ou comunidades dentro de uma rede complexa, como as redes de coautoria científica (Recuero, 2017).

Ao aplicar a métrica de modularidade à rede, analisa-se como os atores se organizam em subgrupos coesos, permitindo identificar comunidades ou *clusters* de pesquisadores(as) que colaboram mais intensamente entre si.

Nos grafos analisados anteriormente, observa-se a formação de subgrupos distintos de atores que possuem relações mais densas internamente. A modularidade permite quantificar essa estrutura, identificando quais atores pertencem a suas respectivas comunidades com base na densidade de suas conexões. Por exemplo, no Grafo 3, em que Vital, L. P. desempenha um papel central de intermediação, a modularidade poderia revelar que este ator conecta dois ou mais *clusters* distintos, servindo como um "nó de fronteira" entre diferentes comunidades.

Redes com alta modularidade geralmente indicam que os grupos de pesquisa tendem a ser mais isolados, colaborando mais intensamente dentro do grupo do que fora dele. No entanto, quando atores-chave conectam diferentes comunidades, isso pode promover uma maior integração entre áreas de pesquisa e fomentar a inovação.

Por exemplo, se no Grafo 5 (onde os atores como Amarante, C. e Castilho, R. formam um grupo coeso) observa-se uma baixa conexão com outros grupos, isso poderia indicar uma alta modularidade, com implicações para a especialização temática e possível isolamento intelectual.

Recuero (2017) destaca que a análise da modularidade não apenas identifica comunidades, mas também é útil para entender a natureza das conexões. Atores que se conectam a múltiplos *clusters* desempenham papéis importantes na disseminação de conhecimento entre diferentes subgrupos. Na rede de coautoria analisada, atores como Lima, I. F. e Viana, a. R. L. no Grafo 8 podem estar conectando diferentes comunidades, e a modularidade pode ajudar a identificar a extensão dessas conexões intercomunitárias.

4.3 Possíveis relações de coautoria

A análise das possíveis conexões entre atores e instituições a partir dos dados da pesquisa sugere uma rede de colaborações fortemente influenciada por fatores geográficos e temáticos. A rede de coautoria sobre a temática gênero na produção científica em CI revela sete subgrupos principais com diferentes níveis de conectividade, onde se observa que a maior parte dos atores e instituições está localizada na região Sudeste do Brasil, com destaques para instituições como USP, UNIRIO, UNESP e IBICT.

A região Sudeste emerge como o centro de produção científica na temática sobre gênero, abrigando uma maior densidade de instituições e pesquisadores(as), enquanto outras regiões, como o Centro-Oeste e Norte, apresentam baixa densidade de produção, o que pode indicar a necessidade de maior integração e incentivo para a produção acadêmica nessas áreas.

As redes de coautoria revelam que as instituições de maior destaque, como UNESP e USP, não apenas concentram atores centrais, mas também funcionam como pontos de interconexão entre diferentes *clusters* temáticos e regionais. Assim como os dados quantitativos de instituições que produzem na temática, vale destacar as relações dos atores entre outras instituições que não são as suas de origem. Por exemplo, as conexões de atores da UFSCAR com pesquisadores(as) do CNPq, atores da UNESP com pesquisadores(as) da UFBA e também com a UCM3 de Madrid. Os resultados também apontaram relações entre atores da UFRS com

pesquisadores(as) do IBICT/RJ e com a Fundação Oswaldo Cruz. Foi possível também identificar conexões mais fortes entre universidades do Nordeste como a UFPB e a UFPE.

Além da análise geográfica, a temática gênero mostra-se como um ponto de ligação entre diversas áreas, com as redes de coautoria apresentando subgrupos bem definidos, cujas palavras-chave "gênero", "gênero feminino" e "estudos de gênero" conectam pesquisadores(as) de diferentes instituições. Esses temas também permitem a formação de novas colaborações entre áreas emergentes, como violência de gênero e políticas públicas, que são fundamentais para a expansão da rede.

Atores como Vital, L. P., Lima, I. F., Viana, A. R. L. e Martínez-ávila, D. ao conectar subgrupos favorecem a difusão do conhecimento entre diferentes comunidades acadêmicas. Essa interconexão revela um padrão de centralidade e intermediação, permitindo que esses atores facilitem o fluxo de informações entre redes mais isoladas. Para Recuero (2017) essas interconexões destacam a importância de um nó considerando a qualidade de suas conexões.

Nós com maior centralidade estão conectados a outros que possuem conexões relevantes, o que aumenta sua influência. Assim, em uma rede social, esse tipo de centralidade engloba tanto a influência direta, resultante das conexões imediatas, quanto a indireta, proveniente das conexões de outras conexões.

Quanto à modularidade da rede, ou seja, a divisão em subgrupos, também sugere uma especialização temática, onde os grupos colaboram mais internamente, mas mantêm uma conexão baixa com outros subgrupos.

Nesse contexto Recuero (2017) destaca que a modularidade nas redes sociais é uma métrica útil para identificar subgrupos de atores. Assim, é possível observar como certos grupos mantêm uma interação mais intensa dentro da rede.

Considerando as conexões entre atores e instituições, compreende-se que são fortemente influenciadas por fatores geográficos, com a região Sudeste funcionando como um polo central.

Portanto, tematicamente, gênero interliga diversas áreas de conhecimento, promovendo uma rede que, embora modular, se beneficia da presença de atores centrais que conectam diferentes subgrupos. Essa análise sugere que uma maior integração geográfica e institucional, especialmente nas regiões menos representadas, pode ampliar a colaboração no campo da temática gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo mapear os estudos de gênero e suas redes de coautoria na produção científica da Ciência da Informação em periódicos nacionais, classificados como Qualis A1 e A2 da área de Comunicação e Informação.

O problema de pesquisa centrou-se em entender como são estruturadas as redes de coautoria na temática gênero na produção científica da Ciência da Informação. Para tanto, adotou-se uma abordagem metodológica descritiva e quantitativa, utilizando a análise de redes sociais (ARS) e análise qualitativa.

A CI, ao incorporar conceitos, métodos e teorias de diversas disciplinas como a Biblioteconomia, a Arquivologia, a Ciência da Computação, a Sociologia, e a Comunicação, entre outras, se posiciona como uma ciência social com uma ampla capacidade de atuação. Duarte (2011, p. 161) destaca que “Uma das principais características da CI é a interdisciplinaridade, para tentar resolver os problemas informacionais existentes na sociedade, o que denota sua importância como ciência social”.

Essa abordagem multidimensional permite que a CI aborde questões como a gestão da informação, o acesso ao conhecimento, os estudos sociais como a temática de gênero, a preservação digital, e a análise de redes informacionais, por exemplo.

No âmbito da CI, a análise de redes de coautoria oferece entendimentos sobre como a produção de conhecimento é estruturada e disseminada. A principal função dessas abordagens é avançar o conhecimento científico, permitindo sua disseminação entre outros(as) pesquisadores(as). Com isso, podem desenvolver novas pesquisas que confirmem, refutem ou ampliem os resultados de estudos anteriores, além de propor novas abordagens e ideias (Duarte, 2011).

Foram analisadas produções científicas dos últimos vinte anos (2004-2023), e as redes de coautoria foram mapeadas com o auxílio da ferramenta Gephi, enquanto os dados foram organizados utilizando o Microsoft Excel®.

Os resultados revelaram que os periódicos Informação & Informação e Em Questão com o maior número de produção científica sobre gênero. As palavras-chave mais incidentes sobre o tema foram gênero e organização do conhecimento e os *clusters* se relacionam, em sua maioria, a gênero, ciência da informação, estudos de gênero e gênero feminino.

A rede de coautoria apresenta sete subgrupos com diferentes padrões de conectividade. Atores centrais foram identificados como conectores-chave entre diferentes subgrupos e evidenciou-se a formação de *clusters*, baixa densidade na rede e poucas ligações entre os atores.

Apresenta Vital, L. P., Tuesta, E. F. e Martínez-Ávila, D. com centralidade de aproximação e de intermediação e grau de modularidade. Já com relação ao gênero da autoria, 68% são autoras e 32% são autores, formados, majoritariamente na área de CI e destacando o vínculo institucional na UNESP, USP, UNIRIO, UFSC e IBICT, entre outros, concentrando-se na região Sudeste e Sul e uma baixa densidade de produção nas regiões Centro-Oeste e Norte.

Os resultados revelaram a existência de subgrupos de coautoria dentro da temática de gênero na CI. Atores centrais foram identificados, destacando-se pela alta centralidade de grau e intermediação, o que indica que alguns/algumas pesquisadores(as) atuam como conectores-chave entre diferentes subgrupos. Além disso, a análise da modularidade evidenciou uma divisão em comunidades, refletindo a formação de *clusters* na área estudada.

Tanto a rede temática quanto a rede de coautoria apresentaram uma baixa densidade, indicando que existe uma necessidade de produção sobre a temática de forma mais amplificada, tornando mais fácil a troca de colaboração entre pesquisadores(as). Como ressalta Haythornthwaite (2015, p. 46) “em uma rede com baixa densidade, encontramos poucas ligações entre os atores, o que aumenta, potencialmente, o tempo necessário para que a informação atinja a todos os participantes”.

Esses resultados contribuem para o entendimento das dinâmicas de colaboração científica na temática gênero na CI, demonstrando como a produção científica está organizada e como os(as) pesquisadores(as) se interconectam. As descobertas responderam adequadamente às questões de pesquisa, oferecendo uma visão detalhada das interconexões entre atores.

No que se refere às contribuições para a área de estudo, esta dissertação avança o conhecimento sobre redes de coautoria na Ciência da Informação, especialmente no contexto dos estudos de gênero. O mapeamento e a análise dessas redes proporcionam uma base empírica para futuras investigações e debates sobre colaboração acadêmica e disseminação do conhecimento.

Além disso, as descobertas têm implicações práticas, sugerindo a necessidade de incentivar colaborações mais inclusivas e diversificadas, com potencial para influenciar políticas públicas voltadas à redução das desigualdades de gênero na academia.

Entretanto, é necessário reconhecer algumas limitações encontradas durante a pesquisa. A dependência de dados provenientes de periódicos específicos pode limitar a generalização dos resultados para outras áreas ou contextos. Além disso, a escolha de um período temporal específico pode não refletir plenamente as dinâmicas evolutivas das redes de coautoria ao longo do tempo. Essas limitações podem ter influenciado os resultados ao restringir a análise a uma amostra particular de produções científicas e ao não considerar possíveis mudanças na dinâmica de coautoria ao longo dos anos.

Sugerem-se algumas direções para futuras investigações como explorar a dinâmica de redes de coautoria em outras áreas temáticas ou comparar diferentes períodos temporais para identificar tendências e mudanças ao longo do tempo. Além disso, outras abordagens metodológicas, como a análise qualitativa das motivações e barreiras para a colaboração entre atores, podem complementar os achados quantitativos e oferecer uma compreensão mais ampla das redes de coautoria.

Em conclusão, este estudo ressaltou a importância da análise de redes de coautoria para entender a estrutura e a dinâmica da produção científica sobre gênero na CI. As descobertas oferecem uma base para o avanço da pesquisa na área, contribuindo tanto para o conhecimento teórico quanto para práticas mais inclusivas no campo acadêmico.

A realização desta pesquisa foi uma experiência de aprendizado, profícuo, que expandiu o entendimento sobre redes de coautoria e estudos de gênero, além de desafiar a pesquisadora a pensar criticamente sobre a interconexão entre teoria e prática na Ciência da Informação. O estudo contribui para conhecer as redes de coautoria nos estudos de gênero na CI e sugere a necessidade de incentivar colaborações.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Editora Companhia das Letras, 2017.

AGUILAR, Audilio G. *et al.* **Visualização de dados, informação e conhecimento**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2017.

ALEJANDRO, Velázquez. A.; NORMAN, Aguilar. G. **Manual introductorio alanálisis de redes sociales: medidas de centralidad**. 2005. Disponível em: http://revista-redes.rediris.es/webredes/talleres/Manual_AR5.pdf. Acesso em: 22 ago. 2023.

ALVES, Ana C. F.; ALVES, K. S. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. *In*: IV Seminário CETROS: Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social. Fortaleza, 2013, **Anais [...]**, 2013. Disponível em: https://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-17225-08072013-161937.pdf. Acesso em: 1 set. 2024.

ALVES, Daniella *et al.* Estudo de caso da disciplina gênero em Ciência da Informação na Universidade Federal da Paraíba. **ConCI: Conv. Ciênc. Inform.**, São Cristóvão/SE, v. 1, n. 2, Ed. Especial, p. 218-225, maio/ago. 2018.

ARAÚJO, Carlos A. A. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAÚJO, Joana F. **A produção científica sobre altmetria em periódicos da área de Ciência da Informação: um estudo de redes sociais de coautoria e correlação entre citações-menções**. 2023. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

ARTICULAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS. **Sobre nós**. Disponível em: <https://ambfeminista.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

AUTRAN, Marynice M. M. **Comunicação da ciência, produção científica e rede de colaboração acadêmica: análise dos Programas brasileiros de Pós-Graduação em Ciência da Informação**. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais) – Universidade do Porto Faculdade de Letras, Porto, 2014.

BANDEIRA, Lourdes M.; OLIVEIRA, Eleonora M. Trajetória da Produção Acadêmica sobre as Relações de Gênero nas Ciências Sociais. *In*: Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1990. **Anais [...]**, 1990.

BARRETO, Aldo A. Olhar sobre os 20 anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em ciência da informação (ANCIB). **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, DF. v. 2, n.1, p.3-28, jan./dez. 2009.

BORDIN, Andréa S.; GONÇALVES, Alexandre L.; TODESCO, José L. Análise da colaboração científica departamental através de redes de coautoria. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, n.2, p.37-52, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/4sL4K9F59dvHnkPDKZsS7YK/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 12 ago. 2023.

BRASIL. **Plataforma Sucupira**. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BUFREM, Leilah S.; ALVES, Edvaldo C. **A dinâmica da pesquisa em Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

BUFREM, Leilah S.; NASCIMENTO, Bruna S. A Questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, Edição Especial p. 199-214, dez. 2012.

BUFREM, Leilah S. *et al.* Produção científica em Ciência da Informação: análise temática em artigos de revistas brasileiras. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 38-49, 2007.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990. Disponível em: http://www.kyoollee.net/GENDER_TROUBLE_-_Preface_-_Butler.pdf. Acesso em: 22 jul. 2024.

CAPES. **Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação**. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>. Acesso em: 10 jul.2024.

COLETIVO FEMINISTA SEXUALIDADE E SAÚDE. **Quem somos**. Disponível em: <https://coletivofeminista.org.br/coletivo-feminista/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

COLLINS, Patricia H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2020. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_COLLINS.pdf. Acesso em: 16 set. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 22 jul. 2024.

DORSA, Arlinda C. A produção científica: esforços docentes e discentes vividos e sentidos. **Interações**, Campo Grande, v. 19, n. 4, p. 697-698, 2018.

DUARTE, Ana R. F. O Movimento Feminino pela Anistia na luta contra a ditadura no Brasil: entrevista com Therezinha Zerbini. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 1, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ref/a/6GQG39TQJ9GphDCjpTs9Zjz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2024.

DUARTE, Emeide. N. Conexões temáticas em gestão da informação e do conhecimento no campo da ciência da informação. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v.21, n.1, p. 159-173, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/daadce9dd7c7cf8dfb714ef34843f8d8/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2030753>. Acesso em: 1 ago. 2024.

EM QUESTÃO. **Sobre a revista**. Porto Alegre: Em questão, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ENCONTROS BIBLI. **Sobre a revista**. Florianópolis: Encontros Bibli, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/index>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317-332, jul./dez. 2008.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FUCHS, Isabela M. Movimento feminino pela anistia: sua memória gráfica e seus impasses. **Revista Ágora**, Vitória, n. 28, 2018, p. 28-42. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/download/21622/15962/67176>. Acesso em: 10 jun. 2024.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Henriette F. Interdisciplinaridade e Ciência da Informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**. v. 2, n.4, ago. 2001.

GOMES, Henriette F.; CÔRTEZ, Gisele Rocha. Mediação consciente da informação e protagonismo social das mulheres: as práticas informacionais das teorias críticas feministas. *In*: ALVES, *et al.* **Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2020. p. 113-182. Disponível em: <https://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/769/863/6761>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GUEDES, Maria E. F. Gênero, o que é isso?. **Psicol. cienc. prof.** n. 15, p. 1-3, 1995.

HAYTHORNTHWAITE, Caroline. Redes de aprendizagem, grupos e comunidades. *In*: TOMAEL, M. I.; MARTELETO, R. M. (org.). **Informação e redes sociais: interfaces de teorias, métodos e objetos**. Londrina: Eduel, 2015.

INFORMAÇÃO & INFORMAÇÃO. **Sobre a revista**. Londrina: Informação & Informação, 2023. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/about>. Acesso em: 12 ago. 2023.

INFORMAÇÃO & SOCIEDADE: estudos. **Sobre a revista**. João Pessoa: Informação & Sociedade, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/about>. Acesso em: 12 ago. 2023.

LAURINDO, Kariane R.; SILVA, Rubens A. A produção científica sobre cotas raciais: um breve estudo na Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 28, Dossiê Especial, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eb/a/jx4BtvhyhgjgxnXJG6Spx3b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2023.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2.ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LEMIEUX, Vincent; OUMET, Mathieu. **Análise estrutural das redes sociais**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, v. 19, n. 2, 2008.

MANTOVANI, Thamiris H. A. **A interdisciplinaridade da Ciência da Informação: uma análise do desenvolvimento científico da área**. 2021. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-27082021-210053/pt-br.php>. Acesso em: 2024-09-16.

MARTELETO, Regina M.; TOMAÉL, Maria I. A metodologia de análise de redes sociais. *In*: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **Métodos Qualitativos de Pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.

MEDEIROS, Thaís D.; HOPPEN, Natascha H. F.; VANZ, Samile A. S. A produção científica sobre estudos de gênero no repositório digital da UFRGS. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 34, n. 2, p. 188-211, jul./dez. 2020. ISSN 2236-7594.

MILANI, Suellen O. Uma discussão de oposições binárias nos Functional Requirements for Subject Authority Data (FRSAD). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 22, n. 2, p. 29-53, 2017. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/35724>. Acesso em: 16 set. 2024.

MINAYO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MOVIMENTO FEMININO PELA ANISTIA. **Breve história**. Disponível em: <http://memorialanistia.org.br/movimento-feminino-pela-anistia/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ODDONE, Nanci. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a Ciência da Informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a06.pdf?fbclid=IwAR2aaaGUNLLh2Mm3nA999vNJNIwh7Lt9IZaK5ebD2YStyvNv3T1VoMrMTok>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Sobre a revista**. Belo Horizonte: Perspectivas em Ciência da Informação, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci>. Acesso em: 09 ago. 2023.

PINHEIRO, Lena. V. R.. Ciência da Informação: Desdobramento Disciplinares, Interdisciplinares e Transdisciplinares. *In*: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria. N.; ORICO, Dill.; GOYANNES, Evelyn. (Ed.), **Políticas de memória e informação**. Natal: EDUFRN, 2006, p. 111-142. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/18>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PINHEIRO, Lena. V. R.; LOUREIRO, José M. M. Traçados e limites da Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 01-19, 1995.

RAMALHO, Francisca A.; PAIVA, Eliane B.; PINHEIRO, Edna G. Usuário da informação: análise da produção científica em periódicos brasileiros. **Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jan/jun. 2019.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

REDE FEMINISTA DE SAÚDE. **Linha do tempo**. Disponível em: <https://www.redesaude.org.br/linha-do-tempo/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

RIBEIRO, Elisa M. B. A., BASTOS, Antônio V. B. Redes sociais interorganizacionais na efetivação de projetos sociais. **Psicologia & Sociedade**, v.23,n. 2,p. 282-292, 2011.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/08/pdf_fd9fd572cc_0011621.pdf?fbclid=IwAR0OiJ_bwd7D9PLDFV8VrkGadbbSc48Br4EriJv7QIRR9VUm8VGTLhv4sW0. Acesso em: 12 dez. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Sociedade**. Porto Alegre: Faculdade de Educação da Universidade do Rio de Grande do Sul, v.16. p.71–99, 1995.

SICILIANO, Mell; SOUZA, Cleiton da M.; METH, Clara de M. e S. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na Ciência da Informação?. **Inf. Inf.:** Londrina, v. 22, n. 2, p. 144-165, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SILVA, Alzira K. A. **Redes de coautoria em ciência da informação no Brasil:** dinâmica na produção científica dos atores mediada pela Ancib. 2012. 252 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2012.

SILVA, Alzira K. A. **Rede de coautoria e produção científica em Ciência da Informação.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SILVA, Alzira K. A. A dinâmica das redes sociais e as redes de coautoria. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, Número Especial, p. 27-47, out. 2014.

SOBRAL, Natanael; *et al.* O qualis e os periódicos científicos na produção de conhecimento em doenças tropicais negligenciadas. **Inf. & Soc.:** Est., João Pessoa, v.30, n.3, p. 1-24, jul./set. 2020.

SOUSA, Paulo T. C. de. Metodologia de análise de redes sociais. In: MUELLER, Suzana P. M.. **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação.** Brasília: Thesaurus, 2007. p. 119-149.

SOUZA, Cristina. G.; BARBASTEFANO, Rafael. G.; LIMA, Leonardo. S. Redes de colaboração científica na área de química no Brasil: um estudo baseado nas coautorias dos artigos da revista Química Nova. **Química Nova**, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 671-676, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/qn/a/Pbttzr39MCq5VJHZ8nVjMN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 ago. 2024.

SOUZA, Edivanio. D. **A Epistemologia Interdisciplinar:** uma introdução à produção colaborativa de conhecimento científico. Maceió: EDUFAL, 2015.

SOUZA, Edivanio D. **A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação:** dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. 2011. 346f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Francisco C. Ciência da Informação no Brasil: o desenvolvimento da pesquisa e suas implicações na formação de mestres e doutores. **Informação & Sociedade:** Est., João Pessoa, v.22, n.1, jan./abr, p. 79-94, 2012.

TOMAÉL, Maria I.; MARTELETO, Regina M. Análise das ligações de pesquisadores com categorias institucionais: um estudo das redes de dois modos. In: TOMAEL, Maria. I.; MARTELETO, Regina. M. (Org.). **Informação e redes sociais:** interfaces de teorias, métodos e objetos. Londrina: Eduel, 2015.

TRANSINFORMAÇÃO. **Sobre a revista**. Campinas: Transinformação, 2023. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo>. Acesso em: 9 ago. 2023.

VEIGA, Elizabeth C.; MIRANDA, Vera R. A importância das inteligências intrapessoal e interpessoal no papel dos profissionais da área da saúde. **Ciência & Cognição**, [s.l.], v. 9, p.64-72, nov. 2006. Disponível em: <http://www.cienciaecognição.org>. Acesso em: 20 dez. 2022.

WERNECK, Vera R. Sobre o processo de construção do conhecimento: O papel do ensino e da pesquisa. **Ensaio:aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.51, p. 173-196, abr./jun. 2006.

APÊNDICE A - PLANILHA DE COLETA DOS DADOS DA PESQUISA

QTD	PERIÓDICOS	REFERÊNCIAS	PALAVRAS-CHAVE
1	INFORMAÇÃO E INFORMAÇÃO	SILVA, C. R. da; LARA, M. L. G. de. Os termos relativos ao segmento GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros) no contexto das Linguagens Documentárias. <i>Informação & Informação</i> , [S. l.], v. 9, n. 1-2, p. 33–47, 2004. DOI: 10.5433/1981-8920.2004v9n1-2p33. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1724 . Acesso em: 7 jan. 2024.	homossexualidade; linguagens documentárias.
2		SILVA, M. D. P. da. Conceitos de Indexação sobre o Gênero Feminino em <i>Jogo de Cena</i> . <i>Informação & Informação</i> , [S. l.], v. 19, n. 3, p. 168–191, 2014. DOI: 10.5433/1981-8920.2014v19n3p168. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15256 . Acesso em: 7 jan. 2024.	gênero feminino; cinema documentário; análise de imagens em movimento; dramaturgia natural; ator natural.
3		RIBEIRO, A. R. P.; DECOURT, B.; ALMEIDA, T. de. A representação do domínio “gênero” no âmbito das linguagens documentárias: um mapeamento conceitual em instrumentos terminológicos. <i>Informação & Informação</i> , [S. l.], v. 22, n. 2, p. 208–234, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p208. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31449 . Acesso em: 7 jan. 2024.	organização do conhecimento; gênero; tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres (TEG); descritores em ciência da saúde (DECS); classificação decimal universal (CDU).
4		SALLES, D. G.; GONÇALVES, J. dos S.; ARAUJO, L. D. de. A transexualidade na literatura científica das ciências da saúde. <i>Informação & Informação</i> , [S. l.], v. 22, n. 2, p. 265–292, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p265. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31453 . Acesso em: 7 jan. 2024.	ciências da saúde; análise de domínio; gênero; transexualidade; produção científica.
5		SOUSA, B. P. de; TOLENTINO, V. de S. Aspectos machistas na organização do conhecimento: a representação da mulher em instrumentos documentários. <i>Informação & Informação</i> , [S. l.], v. 22, n. 2, p. 166–207, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p166. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31448 . Acesso em: 7 jan. 2024.	organização do conhecimento; gênero; mulher; tesouros; regras de catalogação.

6		<p>SOUZA, R. F. de; SALDANHA, G. PARTE I - Dossiê organização do conhecimento & gênero - Apresentação: dos colóquios de organização do conhecimento ao dossiê organização do conhecimento & gênero. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 07–10, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p07. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31440. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	-
7		<p>PINHO, F. A. Percurso investigativo para contextualização de metáforas relativas à gênero e sexualidade em linguagens documentais. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 117–143, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p117. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31446. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	organização do conhecimento; linguagens documentais; gênero; sexualidade.
8		<p>SICILIANO, M.; SOUZA, C. da M. de; METH, C. de M. e S. Sobre o que falamos quando falamos em gênero na ciência da informação?. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 144–165, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p144. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31447. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	gênero; ciência da informação; estado de conhecimento.
9		<p>QUINTSLR, M. M. M.; LOPES, B. da C. M.; GALVÃO, F. do V.; SILVA, M. L. G. da. Visibilidade social de indivíduos transgênero e sistemas de organização do conhecimento. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 22, n. 2, p. 235–264, 2017. DOI: 10.5433/1981-8920.2017v22n2p235. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/31452. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	organização do conhecimento; linguagem; indivíduos transgêneros; visibilidade.
10		<p>CAJAZEIRA, P. E. S. L. A análise bibliométrica da produção científica docente por gênero nas universidades federais no interior do Brasil. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 21–39, 2020. DOI: 10.5433/1981-8920.2020v25n1p21. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/35619. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	produção científica; cursos de jornalismo; reuni; políticas públicas sociais.
11		<p>TARGINO, M. das G. Qual será o futuro do gênero humano?. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 25, n. 4, p. 733–737, 2020. DOI: 10.5433/1981-8920.2020v25n4p733. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/39194. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	ciência da informação. Conhecimento; compartilhamento da informação; tecnologias de informação e de comunicação.

12		<p>SANTOS, A. dos; COSTA, A.; BARROS, C. M. de; VITAL, L. P. Representação terminológica da população negra em tesouros. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 254–275, 2020. DOI: 10.5433/1981-8920.2020v25n1p254. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/35453. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>sistema de organização do conhecimento; tesouros; população negra.</p>
13		<p>LOPES, F. C.; MELLO, M. R. G. de; SILVA, J. L. C.; ÁVILA, D. M.; JUNIOR, O. F. de A. Epistemologia e gênero: um estudo das publicações no grupo de trabalho 1 do ENANCIB. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 26, n. 4, p. 269–295, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n4p269. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/43281. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>epistemologia; gênero; ENANCIB; teoria crítica.</p>
14		<p>ALMEIDA, C. C. de; MANUEL, R. S. S. Epistemologias feministas e Ciência da Informação: estudos e implicações. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 26, n. 4, p. 76–108, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n4p76. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44464. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>epistemologias feministas; ciência da informação; estudos críticos.</p>
15		<p>BRITO, J. F.; MATIAS, M.; BISSET, E. Diretrizes para websites de turismo LGBTQ com base nos elementos da arquitetura da informação. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 26, n. 1, p. 660–681, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n1p660. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/39923. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>arquitetura da informação; turismo LGBTQ; gênero; sexualidade.</p>
16		<p>CRIPPA, G. Memória, patrimônio e dissonâncias: ferramentas conceituais e epistemológicas para uma mudança de paradigmas. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 26, n. 4, p. 24–47, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n4p24. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44457. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>patrimônio dissonante; monumentos; políticas patrimoniais; epistemologia; democratização da cultura.</p>
17		<p>DOYLE, A.; OLINTO, G. Práticas de ensino críticas de competência em informação, mídias e tecnologias digitais e a desconstrução de estereótipos de gênero. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 26, n. 4, p. 575–594, 2021. DOI: 10.5433/1981-8920.2021v26n4p575. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44390. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>competência em informação; estereótipo de gênero; práticas de ensino críticas; feminismo.</p>

18		<p>HERNANDEZ, B. F.; VITAL, L. P. Estudos de gêneros para a organização do conhecimento no campo da arquivologia. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 1–25, 2022. DOI: 10.5433/1981-8920.2022v27n1p1. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/43188. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>estudos de gêneros; análise de domínio; organização do conhecimento; arquivologia.</p>
19		<p>VIANA, A. R. de L.; LIMA, I. F. de; OLIVEIRA, B. M. J. F. de. Informação e memória como forma de resistência: análise a partir de coletivos feministas. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 121–144, 2022. DOI: 10.5433/1981-8920.2022v27n2p121. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44437. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>informação; memória. Resistência; coletivos feministas.</p>
20		<p>PINTO, F. V. M.; ARAÚJO, C. A. Ávila. Práticas informacionais de pessoas transexuais na (re)invenção de si. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 538–557, 2022. DOI: 10.5433/1981-8920.2022v27n1p538. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44588. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>práticas informacionais; transexuais; transgêneros; sociologia da prática.</p>
21		<p>CORDEIRO, D. F.; CASSIANO, K. K. A produção das mulheres na Ciência da Informação a partir de uma análise baseada em mineração de dados descritiva. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 181–204, 2023. DOI: 10.5433/1981-8920.2023v28n1p181. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/45558. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>gênero; ciência da informação; produção científica; informação científica; análise descritiva.</p>
22		<p>BARBALHO, C. R. S.; GOMES, Y. M. Discentes na ciência: a produção científica das mulheres de pós-graduação da UFAM. <i>Informação & Informação</i>, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 158–178, 2023. DOI: 10.5433/1981-8920.2022v27n3p158. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/47261. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>mulheres na ciência; estudos métricos; discentes; produção científica.</p>
23	EM QUESTÃO	<p>BRAGA, A. Corporeidade Discursiva na Imprensa Feminina: um estudo de editoriais. <i>Em Questão</i>, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 109–120, 2006. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/64. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>gênero feminino; corpo feminino; imprensa feminina.</p>

24		<p>HOLLENBACH, G. B. O Casamento e a TPM: novos tempos, novos sentidos. Em Questão, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 255–269, 2006. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/72. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>revistas femininas; casamento; gênero feminino.</p>
25		<p>ESPÍRITO SANTO, P. Os estudos de gênero na Ciência da Informação. Em Questão, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 317–332, 2009. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/6389. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>ciência da informação; estado da arte; publicações científicas; gênero feminino.</p>
26		<p>FERNANDES, I. C. da C.; FONSECA, V. P. da S. A Cobertura da violência contra as mulheres nos jornais de Cabo Verde. Em Questão, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 215–228, 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/35806. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>violência de gênero; violência contra mulher; jornalismo.</p>
27		<p>HASTENPFLUG WOTTRICH, L.; NOAL CAS-SOL, M. C. A publicidade que evoluiu com as mulheres? Um estudo de recepção sobre as representações de gênero. Em Questão, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 229–244, 2012. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/26864. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>publicidade; gênero; recepção; representações do feminino.</p>
28		<p>BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. A Questão do Gênero na Literatura em Ciência da Informação. Em Questão, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 199–214, 2013. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/33285. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>gênero; periódico científico; bibliometria.</p>
29		<p>OTTONI, H.; TEIXEIRA, M. A.; AMARANTE, C.; CASTILHO, R.; CARDIM, N. Os Anais da Academia Brasileira de Ciências e a pesquisa científica no Brasil: estudo exploratório com base no índice-h. Em Questão, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 95–118, 2015. DOI: 10.19132/1808-5245212.95-118. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/49234. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>análise de citações; índice-h; autoria; produção científica; periódicos científicos.</p>
30		<p>TARTAROTTI, R. C. D. E.; FUJITA, M. S. L. Produção e colaboração científica em Organização e Representação do Conhecimento: análise bibliométrica do GT2 do ENANCIB no período de 2009 a 2014. Em Questão, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 136–160, 2016. DOI: 10.19132/1808-5245223.136-160. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/64415. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>organização e representação do conhecimento; produção científica; estudos bibliométricos; colaboração científica; ENANCIB.</p>

31		<p>SOUZA, W. E. R. de. Em nome da moral e dos bons costumes: censura a livros com temática de gênero no Brasil do século XXI. Em Questão, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 267–295, 2018. DOI: 10.19132/1808-5245241.267-295. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/71150. Acesso em: 9 jan. 2024</p>	<p>Censura; estudos de gênero; livro; biblioteca; orientação sexual.</p>
32		<p>COSTA, E. H. dos S.; WEITZEL, S. da R.; LETA, J. Adesão da elite brasileira de pesquisadores aos periódicos de acesso aberto: a relação com gênero, região geográfica e grande área do conhecimento. Em Questão, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 15–42, 2020. DOI: 10.19132/1808-5245263.15-42. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/99359. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>acesso aberto; periódicos científicos; ciência brasileira; scriptlattes; produção científica.</p>
33		<p>DIGIAMPIETRI, L. A.; TUESTA, E. F.; KÖHLER, A. F.; DELGADO, K. V.; BERNARDES JÚNIOR, J. L. Caracterizando o processo de doutoramento no Brasil ao longo dos anos: período de formação, sexo e produção acadêmica. Em Questão, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 361–387, 2020. DOI: 10.19132/1808-5245271.361-387. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/101295. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>cientometria; doutoramento; produção científica; grandes áreas de atuação; sexo/gênero.</p>
34		<p>SILVA, D. W. G. da; CASTRO, G. H. C. de; SIQUEIRA, M. V. S. Discurso LGBTfóbico no ciberespaço do sertão pernambucano: discriminação e resistência. Em Questão, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 403–429, 2020. DOI: 10.19132/1808-5245271.403-429. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/101386. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>blog; sertão pernambucano; LGBTFOBIA; análise foucaultiana do discurso.</p>
35		<p>DA COSTA, V. S.; DE CARVALHO, C. A. Mulheres não podem falar de ciência? Análise de comentários sexistas em vídeo do canal Nerdologia. Em Questão, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 42–64, 2020. DOI: 10.19132/1808-5245261.42-64. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/90054. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>sexismo; divulgação científica; youtube; comentários; vulnerabilidade.</p>
36		<p>ROMEIRO, N. L.; PIMENTA, R. M. Mídias sociais, violência contra mulheres e informação: prospecção do campo à luz das humanidades digitais. Em Questão, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 107–136, 2021. DOI: 10.19132/1808-5245274.107-136. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/105210. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>violência contra mulheres; mídias sociais; humanidades digitais; hashtags; estudos de gênero.</p>

37		<p>VERONEZI, D. P. de O.; RIBEIRO, G. M. de C.; GOMES, S. H. de A. Mulheres com deficiência na docência brasileira. Em Questão, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 108417, 2022. DOI: 10.19132/1808-5245282.108417. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/108417. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>ciência e gênero; ensino superior; exclusão; ciência e minoria.</p>
38		<p>VIANA, A. R. de L. ; LIMA, I. F. de; SOARES, G. S. Informação e empoderamento feminino no Instagram: estudo a partir de coletivos feministas. Em Questão, Porto Alegre, v. 29, p. 123530, 2023. DOI: 10.1590/1808-5245.29.123530. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/123530. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>informação; empoderamento feminino; coletivos feministas; instagram.</p>
39		<p>MORENO, M. G. M. ; MURTA, C. M. G. . Mulheres nas ciências, engenharia e tecnologia: o que as publicações científicas apontam?. Em Questão, Porto Alegre, v. 29, p. 125842, 2023. DOI: 10.19132/1808-5245.29.125842. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/125842. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>mulheres; STEM; bibliometria; análise descritiva; estrutura de conhecimento.</p>
40	PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	<p>ESPÍRITO SANTO, P.; DUMONT, L. M. M. A leitora e sua relação com o jornal Estado de Minas. Perspectivas em Ciência da Informação, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 20–37, 2009. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22382. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>jornalismo-informação; mulher-discurso; leitura feminina.</p>
41		<p>SANTO, P. E.; DUMONT, L. M. M. As cartas de leitores e leitoras enviadas a jornais impressos: o que querem informar os assinantes do jornal Estado de Minas. Perspectivas em Ciência da Informação, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 174–190, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22932. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>jornais e cartas leitores; leitor e editor de jornais - opiniões; gênero e informação jornalística.</p>
42		<p>PIRES, H. A. C. Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em um curso majoritariamente feminino. Perspectivas em Ciência da Informação, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 245, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23101. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>gênero; biblioteconomia; divisão sexual do trabalho.</p>

43		<p>RODRIGUES, J. G.; GUIMARÃES, M. C. S. A-pontamentos sobre a participação feminina na pesquisa no campo da saúde a partir do acervo de obras raras da Biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz. Perspectivas em Ciência da Informação, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 119–133, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23047. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>produção científica feminina; gênero e ciências; teses iniciais; obras raras.</p>
44		<p>GOULART RIGHETTO, G. . Competência em informação às pessoas transgênero: conjecturando diálogos insurgentes frente ao CISTema. Perspectivas em Ciência da Informação, [S. l.], v. 27, n. 2, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40001. Acesso em: 9 jan. 2024.</p>	<p>competência em informação; pessoas transgênero; pessoas trans; vulnerabilidade social; minorias sociais.</p>
45	INFORMAÇÃO & SOCIEDADE: ESTUDOS	<p>GROHMANN, M. Z.; BATTISTELLA, L. F. Homens e Mulheres “Aceitam” de Maneira Diferente? Impacto do Gênero no Modelo (Expandido) de Aceitação da Tecnologia - TAM. Informação & Sociedade: Estudos, [S. l.], v. 21, n. 1, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/9579. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>gênero; modelo expandido de aceitação da tecnologia; uso de tecnologia.</p>
46		<p>CÔRTEZ, G. R.; ARAÚJO, W. J.; SILVA, D. L. Sistema Atende Mulher: Sistema de Informação no Centro de Referência da Mulher Ednalva Bezerra. Informação & Sociedade: Estudos, [S. l.], v. 24, n. 2, 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/17086. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>sistema de informação; gestão da informação; violência contra mulheres; centro de referência da mulher.</p>
47		<p>NASCIMENTO, F. A.; LIMA, L. de M.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Homossexualidade masculina nos prontuários do Sanatório Pinel, 1920-1940: um estudo de compreensão dos dispositivos de controle social. Informação & Sociedade: Estudos, [S. l.], v. 30, n. 1, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2020v30n1.45108. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/45108. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	<p>dispositivos de controle social; representação; homossexualidade masculina; prontuário do paciente; sanatório pinel.</p>

48	TRANSFORMAÇÃO	<p>FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. Transinformação, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 1–14, 2022. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6399. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	gênero; biblioteconomia; mulher; trabalho; profissão feminina.
49		<p>PIUMBATO INNOCENTINI HAYASHI, Maria Cristina; DE CASTRO CABRERO, Rodrigo; RESENDE DA COSTA, Maria da Piedade; MASSAO HAYASHI, Carlos Roberto. Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia. Transinformação, [S. l.], v. 19, n. 2, 2022. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6278. Acesso em: 7 jan. 2024.</p>	ciência e tecnologia; indicadores de C&T; participação feminina; produção científica.
-	ENCONTROS BIBLI	-	-

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

APÊNDICE B - ÍNDICE ONOMÁSTICO DE ATORES DA REDE

ALMEIDA, Carlos Cândido de

ALMEIDA, Tatiana de

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Franscico

AMARANTE, Cristiana

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila

ARAUJO, Luciana Danielli

ARAÚJO, Wagner Junqueira

BARBALHO, Celia Regina Simonetti

BARROS, Camila Monteiro de

BATTISTELLA, Luciana Flores

BERNARDES JÚNIOR, João Luiz

BISSET, Edgar

BRAGA, Adriana

BRITO, Jean Fernandes

BUFREM, Leilah Santiago

CABRERO, Rodrigo de Castro

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo Silva Lins

CARDIM, Neusa

CARVALHO, Carlos Alberto de

CASSIANO, Kátia Kelvis

CASSOL, Maria Cândida Noal

CASTILHO, Rosane

CASTRO, Gustavo Henrique Carvalho

CORDEIRO, Douglas Farias

CÔRTEZ, Gisele Rocha

COSTA, Amabile

COSTA, Elaine Hipólito dos Santos

COSTA, Maria da Piedade Resende da

COSTA, Verônica Soares da

CRIPPA, Giulia

DECOURT, Beatriz

DELGADO, Karina Valdivia

DIGIAMPIETRI, Luciano Antonio
DOYLE, Andréa
DUMONT, Lígia Maria Moreira
ESPÍRITO SANTO, Patrícia
FERNANDES, Isis Cleide da Cunha
FERREIRA, Maria Mary
FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira
FUJITA, Mariângela Spotti Lopes
GALVÃO, Fernanda do Valle
GOMES, Suely Henrique de Aquino
GOMES, Yasmin Martins
GONÇALVES, Jéssica dos Santos
GROHMANN, Márcia Zampieri
GUIMARÃES, Maria Cristina Soares
HAYASHI, Carlos Roberto Massao
HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini
HERNANDEZ, Bianca Ferreira
HOLLENBACH, Gabriela Boemler
KÖHLER, André Fontan
LARA, Marilda Lopes Ginez de
LETA, Jacqueline
LIMA, Isabel França de
LIMA, Larissa de Mello
LOPES, Bianca da Costa Maia
LOPES, Fernando Cruz
MANUEL, Rosa San Segundo
MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel
MATIAS, Márcio
MELLO, Mariana Rodrigues Gomes de
METH, Clara de Mello e Souza
MORENO, Marina Gomes Murta
MURTA, Cíntia Maria Gomes
NASCIMENTO, Bruna Silva
NASCIMENTO, Francisco Arrais

OLINTO, Gilda
OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de
OTTONI, Heloisa
PIMENTA, Ricardo Medeiros
PINHO, Fabio Assis
PINTO, Flávia Virgínia Melo
PIRES, Hugo Avelar Cardoso
QUINTSLR, Marcia Maria Melo
RIBEIRO, Ana Rosa Pais
RIBEIRO, Geisa Muller de Campos
RIGHETTO , Guilherme Goulart
RODRIGUES, Jeorgina Gentil
ROMEIRO, Nathália Lima
SALDANHA, Gustavo
SALLES, Débora Gomes
SANTOS, Andréia
SICILIANO, Mell Longuinho André
SILVA, Claudio Roberto da
SILVA, Douglas Limeira
SILVA, Danuzio Weliton Gomes da
SILVA, Jonathas Luiz Carvalho
SILVA, Marco Donizete Paulino da
SILVA, Michelle Louise Guimarães da
SIQUEIRA, Marcus Vinicius Soares
SOARES, Gilberta Santos
SOUSA, Bruna Pozzi de
SOUZA, Cleiton da Mota de
SOUZA, Rosali Fernandez de
SOUZA, Willian Eduardo Righini de
TARGINO, Maria das Graças
TARTAROTTI, Roberta Cristina Dal' Evedove
TEIXEIRA, Maria Aparecida
TOLENTINO, Vinicius de Souza
TUESTA, Esteban Fernandez

VERONEZI, Daniela Priscila de Oliveira

VIANA, Anna Raquel de Lemos

VITAL, Luciane Paula

WEITZEL, Simone da Rocha

WOTTRICH, Laura Hastenpflug

ANEXO A - TABELA DE ÁREAS DO CONHECIMENTO DA CAPES

	FUNDAÇÃO COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
10000001	CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
	ÁREA DE AVALIAÇÃO: MATEMÁTICA / PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA
10100000	MATEMÁTICA
10101004	ÁLGEBRA
10101012	CONJUNTOS
10101020	LÓGICA MATEMÁTICA
10101039	TEORIA DOS NÚMEROS
10101047	GRUPO DE ÁLGEBRA NÃO-COMUTATIVA
10101055	ÁLGEBRA COMUTATIVA
10101083	GEOMETRIA ALGÉBRICA
10102000	ANÁLISE
10102019	ANÁLISE COMPLEXA
10102027	ANÁLISE FUNCIONAL
10102035	ANÁLISE FUNCIONAL NÃO-LINEAR
10102043	EQUAÇÕES DIFERENCIAIS ORDINÁRIAS
10102051	EQUAÇÕES DIFERENCIAIS PARCIAIS
10102060	EQUAÇÕES DIFERENCIAIS FUNCIONAIS
10103007	GEOMETRIA E TOPOLOGIA
10103015	GEOMETRIA DIFERENCIAL
10103023	TOPOLOGIA ALGÉBRICA
10103031	TOPOLOGIA DAS VAREDADES
10103040	SISTEMAS DINÂMICOS
10103058	TEORIA DAS SINGULARIDADES E TEORIA DAS CATÁSTROFES
10103066	TEORIA DAS FOLHAÇÕES
10104003	MATEMÁTICA APLICADA
10104011	FÍSICA MATEMÁTICA
10104020	ANÁLISE NUMÉRICA
10104038	MATEMÁTICA DISCRETA E COMBINATÓRIA
10200002	PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA
10201017	TEORIA GERAL E FUNDAMENTOS DA PROBABILIDADE
10201025	TEORIA GERAL E PROCESSOS ESTOCÁSTICOS
10201033	TEOREMAS DE LIMITE
10201041	PROCESSOS MARKOVIANOS
10201050	ANÁLISE ESTOCÁSTICA
10201058	PROCESSOS ESTOCÁSTICOS ESPECIAIS
10202005	ESTATÍSTICA
10202013	FUNDAMENTOS DA ESTATÍSTICA
10202021	INFERÊNCIA PARAMÉTRICA
10202030	INFERÊNCIA NÃO-PARAMÉTRICA
10202048	INFERÊNCIA EM PROCESSOS ESTOCÁSTICOS
10202056	ANÁLISE MULTIVARIADA
10202064	REGRESSÃO E CORRELAÇÃO
10202072	PLANEJAMENTO DE EXPERIMENTOS
10202080	ANÁLISE DE DADOS
10202001	PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA APLICADAS
	ÁREA DE AVALIAÇÃO: CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

Fonte: CAPES (2024)